

Wagner Roberto Lopes Cantori

**OS SENTIDOS DA “CIÊNCIA” NO AR: uma análise discursiva da
produção do efeito de objetividade na editoria ciência da Rádio CBN.**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas,
como requisito para obtenção do título de Mestre em
Divulgação Científica e Cultural, na área de Jornalismo
Científico.

Orientadora: Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi

Co-orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C168s

Cantori, Wagner Roberto Lopes.

Os sentidos da "ciência" no ar : uma análise discursiva do efeito de objetividade na editoria ciência da rádio CBN / Wagner Roberto Lopes Cantori. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.

Co-orientador : Cristiane Pereira Dias
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Objetividade. 3. Jornalismo científico. 4. Radiojornalismo. I. Orlandi, Eni de Lourdes Puccinelli. II. Dias, Cristiane Pereira. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The meanings of "science" in the air: a discursive analysis of the effect of objectivity in science publishing of the CBN station.


Palavras-chave em inglês (Keywords): Discursive analysis; Objectivity; Scientific-journalism; Radiojournalism.

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural.

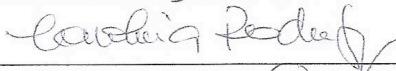
Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural.

BANCA EXAMINADORA:

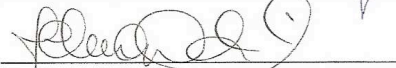
Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi



Carolina Maria Rodríguez Zuccolillo



Telma Domingues da Silva



Lauro José Siqueira Baudini

Marcos Aurélio Barbai

IEL/UNICAMP
2010

*À Nanny, Maria, Teco, Rodrigo, Zezé e
Celinha. As pessoas que me significam e me
fazem assumir posições-sujeito melhores.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, referencial e suporte absoluto da minha vida. Obrigado pelo amor e respostas prontas às minhas inquietações.

À Eni, realmente não tenho palavras para materializar o que sinto. Vou tentar - mesmo porque aprendi que sou “sujeito a falhas”. Descobri a Análise de Discurso da melhor forma possível, ou seja, ouvindo você falar, me aprofundei lendo o que escreveu sobre. Quando descobri que seria minha orientadora um misto de alegria e medo invadiram meus sentimentos. Sim, seria orientado por Eni Orlandi! No primeiro encontro me sentia um passarinho desabrigado na chuva, mas só até começarmos a conversa. Você foi/é cuidadosa, incentivadora e extremamente humana. Suas palavras e exemplo de fôlego teórico vão (re)significar pra sempre em minha vida! Enfim, obrigado.

Cris (Cristiane Dias), tê-la como co-orientadora fez toda a diferença. Obrigado pelo seu tempo, pela sua leitura atenta e por poder contar com o seu brilhantismo, que as vezes se esconde por traz da timidez, mas se revela absoluto e grandemente em seu trabalho intelectual.

À Nanny, minha esposa. Agradeço o carinho, cuidado e muita, mas muita paciência comigo nestes últimos anos “dissertativos”, sei que não foi fácil. Te amo! Não teria conseguido sem o seu amor.

Ao meu Pai, Mãe, Rodrigo e (Vó) Zezé. Vocês são a base que me dá suporte para caminhar. Obrigado pelo suporte, carinho, amor etc!

Cé, tanks for being my best friend ever! You’re always there for me. That means a lot!

Ao Labjor/IEL e Unicamp. Agradeço e parabênizo pelo programa de mestrado inovador e concreto que tivemos o prazer de cursar. Agradeço a todos os professores pelo conhecimento repartido. Muitos foram um espelho no meu início de caminho acadêmico.

Aos meus colegas da turma de 2008 do Labjor/IEL (especialmente: Marcel Stefano, Marina Rodrigues, Patrícia Mariuzzo e Summara Ennes), não esquecerei de vocês jamais e levarei nossas conversas e trocas intelectuais (e não intelectuais) para sempre como um “mosaico heterógrafo”. Grandes amigos franceses!

Ao Unasp-E.C (Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho), uma casa excelente para se trabalhar. Pr. Ms. Paulo Martini, Prof. Dr. Afonso Cardoso, Prof. Elizeu Silva. Obrigado por dirigirem esta instituição com o propósito de construir o pensamento acadêmica de forma ética e com suporte a nós, professores. *Boss* (Prof. Dr. Martin Kuhn), agradeço por tudo e, você sabe que esse tudo é muita coisa: apoio, acreditação, suporte e até as orações.

Lutar com palavras/ é a luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã./ São muitas, eu pouco./ Algumas, tão fortes/ como o javali./ Não me julgo louco./ Se eu fosse, teria/ poder de encantá-las./ Mas lúcido e frio,/ apareço e tento/ apanhar algumas/ para meu sustento/ num dia de vida./ Deixam-se enlaçar,/ tontas à carícia/ e súbito fogem/ e não há ameaça/ e nem há sevícia/ que as traga de novo/ ao centro da praça.

Insisto, solerte./ Busco persuadi-las./ Ser-lhe-ei escravo/ de rara humildade./ Guardarei sigilo/ de nosso comércio./ Na voz, nenhum travo/ de zanga ou desgosto./ Sem me ouvir deslizam, /perpassam levíssimas/ e viram-me o rosto./ Lutar com palavras/ parece sem fruto./ Não têm carne e sangue.../ Entretanto, luto.

Palavra, palavra/ (digo exasperado),/ se me desafia,/ aceito o combate./ Quisera possuir-te/ neste descampado,/ sem roteiro de unha/ ou marca de dente/ nessa pele clara./ Preferes o amor de uma posse impura/ e que venha o gozo/ da maior tortura.

Luto corpo a corpo,/ luto todo o tempo,/ sem maior proveito/ que o da caça ao vento./ Não encontro vestes,/ não seguro formas,/ é fluido inimigo/ que me dobra os músculos/ e ri-se das normas/ da boa peleja.

Iludo-me às vezes/ pressinto que a entrega/ se consumará./ Já vejo palavras/ em coro submisso,/ esta me ofertando/ seu velho calor,/ outra sua glória/ feita de mistério,/ outra seu desdém,/ outra seu ciúme,/ e um sapiente amor/ me ensina a fruir/ de cada palavra/ a essência captada,/ o sutil queixume./ Mas ai! é o instante/ de entreabrir os olhos:/ entre beijo e boca,/ tudo se evapora.

O ciclo do dia/ ora se conclui/ e o inútil duelo/ jamais se resolve./ O teu rosto belo,/ ó palavra, esplende/ na curva da noite/ que toda me envolve./ Tamanha paixão/ e nenhum pecúlio./ Cerradas as portas,/ a luta prossegue/ nas ruas do sono.

(O Lutador – Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

As palavras objetividade, isenção, verdade e imparcialidade são sempre evocadas quando se trata de jornalismo e de ciência. O jornalista busca ser objetivo, assim como o cientista. O jornalista busca a objetividade dos fatos e o cientista a objetividade do conhecimento. Jornalistas e cientistas na interseção das duas áreas – a divulgação científica – pensam materializar suas utópicas “objetividades”. Numa relação menos ingênua com a língua sabemos que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2005). O que nos leva a considerar que o que se produz nisso que foi chamado objetividade, seja um efeito de objetividade, na subjetividade real do jornalista e do cientista. Tendo como arcabouço teórico a análise do discurso, dita francesa, a investigação parte da preocupação com a constituição, formulação e circulação da notícia de ciência (divulgação científica) no rádio, levando em consideração o modo como é significada a identidade e a construção do que é designado ciência no radiojornalismo. Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos, mas não temos controle sobre isso. O presente projeto não propõe comprovar que o discurso jornalístico-científico por suas condições de produção é subjetivo e, sim, sabendo que ele o é, mostrar como funcionam na/pela língua as marcas e propriedades discursivas que produzem um efeito de objetividade tanto para quem produz, quanto para quem recebe. É também finalidade deste trabalho mostrar, pela análise de discurso, questões presentes na divulgação científica de rádio, tais como: a questão do tempo/espaço como urgência na mídia, as posições-sujeito jornalista/cientista, os mecanismos de antecipação e encenação, o papel da voz no processo de divulgação, assim como, o tratamento do método científico e o que é designado como ciência no radiojornalismo. Compõem o *corpus* de análise algumas notas, reportagens e entrevistas da editoria ciência da Rádio CBN, umas das emissoras de maior circulação nacional.

Palavras-chave: análise de discurso, objetividade, jornalismo científico, radiojornalismo.

ABSTRACT

The words objectivity, exemption, truth and impartiality are always evoked when it comes to journalism and science. The journalist tries to be objective and so is the scientist. The journalist searches for objectivity of the facts, while the scientist looks for objectivity of the knowledge. So journalists and scientists in the intersection of both fields- scientific reveal - think they will materialize they're utopist "objectivities". In a less ingenious relationship with the language, we know that there's no speech without subject and no subject without ideology: the individual is interpolated subject by ideology and so the language makes sense (Orlandi, 2005). What makes us considerate that what has been made the product of what is called objectivity is as like an effect of objectivity in the real subjectivity of the journalist and scientist. Having a theory structure the French discursive analysis the investigations runs from worrying about constitution, formulation and circulation of the science's news on radio, considering the meaning of the identity and construction of what consists the science of the radiojournalism. As we express ourselves by talking we connect to a net sense without holding control of it. This project does not propose to proof that the journalistic-scientific speech is subjective by its production's condition, but, knowing that it is subjective, show how it works with/for the marks and discursive proprieties that produces an objectivity effect for both who produces and who receives. It is also our goal to show, by discursive analysis, questions that are present on the scientific publicize on radio such as: the issue of time/space as a media urgency, the subject-positions of journalist/scientist, the mechanicals of anticipation and put on, the role of the voice on the publicize process as well as the treatment of the scientific method and what is specified of science on radiojournalism. The *corpus* of analysis consist of a some notes, reports and interviews of the science editor of CBN Radio, a station with one of the majors national circulation.

Key Words: discursive analysis, objectivity, scientific-journalism, radiojournalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA.....	19
1.1. A Escolha de um Tema.....	19
1.1.2. Desenvolvimento Histórico do Mito da Objetividade.....	21
1.1.3. Mas afinal... O que é Objetividade para o Jornalista?.....	25
1.2. Ingredientes do Efeito Objetivo.....	33
1.2.1. Relevância Jornalística.....	34
1.2.2. <i>Lead</i> e Pirâmide Invertida.....	36
1.2.3. Fontes e Vozes no Texto.....	39
1.2.3. A Entrevista Jornalística.....	42
1.3. Radiojornalismo.....	43
1.3.1 A constituição das características do rádio.....	44
1.3.1.1 Capacidade auditiva do receptor.....	45
1.3.1.2 Linguagem radiofônica.....	46
1.3.1.3 Tecnologia de transmissão e recepção.....	46
1.3.1.4 Fugacidade.....	48
1.3.1.5 Tipo de público.....	49
1.3.1.6 Formas de Recepção.....	49
1.3.2 Características do Radiojornalismo.....	50

1.3.2.1 O texto para os ouvidos e não para os olhos.....	51
1.3.2.2 Radioreportagem.....	53
1.3.3 No ar: a voz.....	55
2. O TRATAMENTO DA NOTÍCIA CIENTÍFICA.....	58
2.1. Discurso da Ciência e Discurso Jornalístico: Uma Simples Questão de Tradução?.....	61
2.1.2. Jornalismo Encenado.....	62
2.2 CBN: A Rádio que toca notícia.....	65
3. NO AR, A VOZ DA COMPLETUDE.....	68
3.1. O que é Análise de Discurso.....	68
3.1.1. Discurso é Mensagem?!	69
3.1.2. A Análise, o texto e o Discurso.....	70
3.1.3. Formação Discursiva e Interdiscurso.....	71
3.1.4. O Sujeito.....	72
3.2. O Efeito de Objetividade Jornalística.....	73
3.2.1. A Organização do <i>Corpus</i>	74
3.2.2. A Análise.....	76
3.2.2.1. Formulação, Voz e Completude.....	78
3.2.2.2. Outras Marcas e Propriedades.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94

BIBLIOGRAFIA.....	98
ANEXOS.....	103
ANEXO I: Planilha de Excel que automatizou a “semana contruída”	104
ANEXO II: Planilha de Organização do <i>Corpus</i>	105
ANEXO III: Transcrição dos Áudios.....	106
ANEXO IV: CD com Áudios gravados.....	141

INTRODUÇÃO

Uma das características de nossa sociedade pós-moderna é a de desacreditar em tudo. Tudo é passível de dúvidas e questionamentos, mas duas instituições se sobressaem em matéria de credibilidade, uma delas é a ciência. O cientista e a ciência carregam a voz da verdade universal do conhecimento, além de representarem toda fonte de esperança para um futuro “saudável e possível”. Outra instituição que se sobressai em matéria de credibilidade é o jornalismo que se dedica a informação, o que está intrinsecamente ligado a ideia de verdade, já que a notícia não pertence ao universo da ficção se espera que exista realidade e verdade nos fatos apresentados pela mídia. O jornalismo tem como matéria-prima o fato novo, desconhecido, aquele que pode causar surpresa.

Nelkin (1995) tem observado os temas dominantes e os recursos metafóricos que projetam a imagem da ciência e da tecnologia para o público. A autora afirma que o estilo e o conteúdo da ciência informados na imprensa, a partir dos anos noventa do século passado, mudaram consideravelmente ao passarem a incluir questionamentos sobre custos das pesquisas, suas prioridades sociais e implicações éticas, ao mesmo tempo em que os contínuos acidentes com riscos tecnológicos transformaram eventos individuais em problemas genéricos. Atualmente, segundo a autora, as novidades sobre ciência figuram em artigos de primeira página do jornal em histórias sobre descobertas, novidades sobre a saúde em casos políticos relacionados à tecnologia, à saúde pública e ao meio ambiente.

Segundo Nelkin (Ibidem), processam-se inúmeros embates nas narrativas que a imprensa faz acerca dos temas científicos. No intuito de apontar esses embates, ela examina reportagens sobre a história do *Interferon*, descoberto em 1953 e considerado como um agente terapêutico natural e os efeitos inibem as infecções. A possibilidade de isolamento de tal proteína trouxe muitas esperanças para o desenvolvimento da cura do câncer e chamou, por um tempo, a atenção da mídia. No entanto, a escassa produção desse agente limitou o progresso do seu uso e, em função disso, a sua divulgação na imprensa, até que

uma geneticista astutamente política organizou uma conferência com o objetivo de tornar público o poder do *interferon* que teve seu potencial novamente como tema midiático.

Três anos depois, a *American Cancer Society* financiou testes para avaliar a efetividade do *interferon*. Tal notícia invadiu as mídias: enquanto a imprensa científica qualificava as pesquisas sobre o *interferon* como promissoras, mas indicando que as tentativas naturais de obtenção da proteína tinham um alto custo e que seus efeitos terapêuticos eram limitados, a imprensa popular transformou o *interferon* em um *bilhete mágico* para a cura de todos os tipos de câncer quando, em 1980, após a descoberta de um clone de DNA para o *interferon*, abrindo possibilidades para a sua produção em larga escala. Os jornalistas tomaram essa informação e divulgaram como um *milagre*. Alguns jornais falavam de tal feito como: *terapia milagrosa, nova arma contra o câncer*, ressaltando que a ciência encontrara a *chave para a poção mágica* – no caso, o caminho para a reprodução maciça do *interferon*. Já outros destacavam aspectos econômicos, inclusive competitivos, referindo que o *interferon* era uma *mina de ouro para os pacientes, para as corporações e para os apostadores de Wall Street que confiavam que o interferon seria vencedor* nessa disputa.

No entanto a manchete mais singular de todas foi a que comparou o processo de produção do *interferon* a uma corrida em um hipódromo: *estamos passando exatamente o ponto que marca um quarto de milhão e todos os cavalos estão agrupados*. Nelkin (Ibidem) refere que, nesse mesmo período – maio de 1980 -, o jornalista que escrevia sobre ciência no *New York Times* fez reportagens cautelosas sobre o *interferon*, ressaltando que não havia evidências definitivas sobre seus efeitos, citando, inclusive, resultados negativos nas pesquisas relativas ao seu uso no combate ao câncer. Em resposta a esse artigo, quatro pesquisadores do *Sloan Kettering Institute for Cancer Research* escreveram ao editor alterando que tais reportagens poderiam interferir na obtenção de fundos públicos para o financiamento das pesquisas.

Em 1982, outros jornalistas começaram a indicar efeitos tóxicos do *interferon*, mas as dificuldades com a substância tornaram-se públicas quando um dos pacientes em

tratamento morreu. A autora enfatiza que, de repente, o tom das reportagens mudou, tornando-se pessimista e que as manchetes passaram a sublinhar: *estudos colocam em dívida a droga contra o câncer; a cura do câncer pelo interferon está em julgamento*.

A pesquisa continuava, mas poucas notícias apareciam na imprensa até que um novo fato – o surgimento de uma disputa em torno do patenteamento do *interferon* – colocou em questão os interesses do proprietário na comercialização dos produtos da biotecnologia. Na cobertura que Nelkin examinou, as notícias aparecem, desaparecem, reaparecem, assumindo diferentes facetas. As informações eram inicialmente centradas em conhecimentos biológicos, tais como o controle da expressão gênica em Celulas de mamíferos e a regulação da imunidade, temas que têm afetado de forma importante a prática médica. Isso determinava que os leitores apreendessem pouco sobre o *interferon* em tais reportagens.

Em um segundo momento, a imprensa falou das pesquisas sobre o *interferon* como eventos dramáticos, utilizando-se, com freqüência, de metáforas e enfatizando o poder curativo do *interferon*, que gerou um grande otimismo em relação a ele. Essa situação foi posteriormente revertida em pessimismo, quando algumas pesquisas não foram bem sucedidas.

Já em um terceiro momento, as coberturas da imprensa sobre o *interferon* ressaltaram a competição científica e tecnológica, atentando especialmente para o registro de quem – instituições ou cientistas – alcançara os primeiros importantes resultados nas investigações em desenvolvimento.

Nelkin (Ibidem) também ressalta que essa é a idade da “ciência fantástica e do culto à ciência” (pág. 7). É surpreendente que, apesar da racionalidade científica ser sempre valorizada como a base de nosso conhecimento na sociedade, a Ciência tenha sido ao mesmo tempo investida de tanta mágica e misticismo, na medida em que dela se esperam soluções do tipo “passes de mágica” ou curas milagrosas.

Para muitas pessoas a realidade da ciência é aquilo que elas encontram na imprensa. Quando o fato é, como enfatiza Orlandi (2001), que ao se ter contato com uma divulgação científica não se sabe “x”, se sabe que “x”.

O conceito de verdade integra a teoria da objetividade jornalística que conta ainda com palavras como isenção, imparcialidade e neutralidade. Esse assunto divide os teóricos da comunicação: de um lado os que acreditam na impossibilidade dessa objetividade, os jornalistas mesmo buscando mostrar somente os fatos não conseguem se abster de suas ideologias e opiniões ao retratar a notícia; de outro lado, aqueles que acreditam na possibilidade de que o jornalista consiga simplesmente relatar os fatos e nunca opinar sobre eles.

A objetividade é muitas vezes citada sem conseguir ser definida em profundidade ou sem contradição. As “verdades” do jornalismo e da ciência convergem numa intersecção que é o jornalismo científico – um braço da chamada divulgação científica.

A construção do discurso jornalístico se desenvolveu, durante séculos, cultivando a imagem de um discurso que se supõe isento de pré-julgamento, um discurso suporte para fatos que falam por si. Atualmente o cenário é o mesmo, Martins (1997) diz no Manual de Redação do jornal *O Estado de S. Paulo* que os textos jornalísticos devem ser feitos de forma **imparcial e objetiva**. Não devem expor opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões. Isso porque o jornalismo trabalha com a noção de *verossimilhança*. Cornu (1998) coloca, ainda, o texto jornalístico como uma representação da realidade.

O presente projeto propõe um estudo do funcionamento do discurso de divulgação científica feito pela mídia na forma de notícia radiofônica, o que podemos chamar de jornalismo científico de rádio (ou radiofônico). Para Authier-Revuz (1998) a divulgação científica é classicamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária

e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.

No Jornalismo Científico de rádio busca-se por parte de muitos profissionais a objetividade jornalística como um ideal a ser atingido, ou seja, apenas transcrever as questões colocadas pela fonte (o cientista). Mesmo numa visão menos ingênua sobre a prática jornalística e sobre o funcionamento da linguagem, acaba-se por participar da produção desse efeito de objetividade, já que essas marcas fazem parte intrinsecamente das características deste discurso.

O cenário midiático brasileiro mostra um caminho muito mais subjetivo do que ele mesmo tenta ainda promover. Isso não poderia ser diferente, já que a ferramenta básica do jornalista é a língua. Para a Análise de Discurso, diferentemente da análise de conteúdo, a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado.

Ao escrever, o sujeito se inscreve ideologicamente no texto e é pela Análise de Discurso que podemos observar as posições de sujeito presentes no texto. Orlandi (2005), diz que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Courtine, 1982 (*Apud*, Orlandi, 1994) diz que o discurso materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico, no sentido em que ele representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas e em que, inversamente, ele manifesta a existência da materialidade lingüística no interior da ideologia.

Na Análise de Discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (Orlandi, 2005), retomando Pêcheux (1975), Podemos também observar como esses textos são lidos (interpretados). Na materialidade do texto podemos constatar os mecanismos de funcionamento que resultam do fato de que, para significar, a língua tem de se inscrever na história. Assim, nosso objeto de estudo é o discurso, especificamente, o discurso jornalístico, pois é no discurso que se pode observar a relação entre a língua e a

exterioridade, a historicidade. Desta forma não analisaremos um *corpus* composto por textos de jornalismo científico de rádio para mostrar que são subjetivos, e sim, para mostrar como o discurso produz o efeito de objetividade, através de suas marcas e propriedades. Compõem o *corpus* de análise algumas notas, reportagens e entrevistas da “Ciência & Saúde”, “Meio Ambiente” e “Tecnologia” da CBN, a rede de radiojornalismo de maior circulação nacional.

Num primeiro momento irei situar as questões teóricas que dizem respeito à objetividade jornalística e como ela é definida, contraditoriamente, pelos diversos teóricos da comunicação. Mostrando também como funciona a técnica de produção da notícia, de um modo geral, chegando à especificidade de produção da notícia radiofônica. Assim como o modo de constituição e circulação deste meio.

Num segundo momento vou mostrar questões relativas às editorias de ciência e como a divulgação científica funciona discursivamente no jornalismo.

E por fim, trago a análise discursiva do *corpus*, mostrando o funcionamento da produção do efeito de objetividade jornalística no rádio (editoria de ciência).

1. OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA

“Nossos repórteres não cobrem notícias sob o ponto de vista deles.

Ele as apresentam a partir do ponto de vista de ninguém”.

Richard Salant, presidente da CBS News

Não há nada mais presente no discurso jornalístico do que o efeito de objetividade. O ideal de objetividade é reforçado em todos os manuais de grandes veículos, nas salas de aulas onde são formados os novos jornalistas, nas divulgações e publicidades sobre jornalismo de qualquer mídia e, onde quer que seja evocada a palavra jornalismo. Na divulgação científica essa presença é mais forte, uma vez que a busca pela objetividade se encontra em dois pólos, jornalistas e cientistas sob a ilusão objetiva da fala.

Para Bucci (2003), a idéia de que as notícias de jornal retratam a realidade não faz sentido. O autor segue afirmando que não é uma questão de que os jornais mintam, distorçam ou manipulem. O fato é que mesmo que os grandes veículos da imprensa se esforcem na direção da objetividade e da verdade factual, dizer que eles retratam a realidade não faz sentido. “Faria mais sentido dizer que eles consolidam a realidade, ou aquilo a que chamamos, muito precariamente, de realidade” (Ibidem, p. 9).

Não se trata, portanto, de uma crítica à conduta ética da imprensa, mas sim à forma como esse “fazer a notícia” é pensado. O acontecimento, depois de trabalhado jornalisticamente se transforma em notícia/relato e não verdade objetiva.

1.1. A Escolha de um Tema

Do rádio ao jornalismo e do jornalismo à análise de discurso. Este foi meu percurso para escolher analisar como acontece a construção do efeito de objetividade no radiojornalismo. Entrei pela primeira vez em uma emissora de rádio com 15 anos, aquela “fábrica de imagens invisíveis” me encantou e ali comecei a trabalhar. Era uma rádio AM,

então, existiam muitos locutores/animadores, em que o poder de retórica era justamente o de ter fortes opiniões, tentar uma proximidade com o ouvinte e, de outro lado, a equipe de jornalismo. Eram personalidades que não pareciam se envolver emocionalmente com o que relatavam. Eram Donos de vozes claras e assertivas e, estavam sempre atentos para descobrir e divulgar novos fatos e informações.

Já permeado por estes sentidos e fazendo parte do seu funcionamento, me matriculei numa faculdade de jornalismo. Meu ideal sobre o que era ser jornalista era quase como um super herói visto nas ficções. Alguém que não se valia de suas próprias vontades mas das do outro. Embora alguns, porém poucos, professores nos alertassem de que o mundo jornalístico não era como um conto de fadas, descobri só depois, no dia a dia da redação, que me valeria sim da vontade do outro, desde que esta fosse igual a da empresa em que trabalhava. A atividade jornalística é uma grande paixão, mas a “vida” dentro da redação é algo esmagador. Cada vez menos profissionais trabalhando e em contrapartida mais informação a ser buscada, trabalhada e divulgada na atual concorrência da sociedade da informação. Sufocado por essa rotina, decidi me especializar em docência do ensino superior e tentar, na sala de aula, contribuir para a formação de novos colegas de profissão – mesmo não tendo uma larga experiência, acreditava poder falar como é, de fato, um profissional-jornalista na mídia.

Sem saber muito bem do que se tratava, me matriculei como aluno especial de uma disciplina de pós-graduação em Linguística, em 2005, no IEL/Unicamp – “Tipologia de Discurso” com a Profa. Eni Orlandi. Vi no plano de aula que seria tratado, dentre outros tópicos, do discurso jornalístico e me interessei. No início foi complexo entender alguns conceitos por não ter familiaridade com a área de Linguística, mas com o passar do tempo senti que meus olhos se abriram e que a análise do discurso era um caminho para entender o que era e como funcionava a língua, meu instrumento de trabalho, e a impossibilidade da tal objetividade proclamada por todos os arautos jornalísticos com que havia tido contato.

Tomar conhecimento de que o sujeito não é a fonte do seu dizer, que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e que é assim que a língua faz sentido, mudou completamente a minha busca e meu foco profissional. Um dia, ainda cursando a

disciplina, a Profa. Eni Orlandi me olhou e disse da lousa: “o pessoal que se interessa pelo discurso jornalístico deveria estudar como é que pela técnica da escrita jornalística se cria um efeito de objetividade”. Anotei a idéia, era a minha inquietação pessoal naquele momento, mas a Análise de Discurso era algo ainda muito desconhecido. Então, em 2007, fiz mais uma matéria de pós-graduação do IEL – Unicamp, agora com a Profa. Mônica Graciela Zoppi-Fontana, o que me permitiu um amadurecimento com as teorias discursivas. Entendi melhor o que significa o indivíduo sendo interpelado em sujeito, as posições sujeito, as formações discursivas e imaginárias, dentre outras coisas.

Em 2007, navegando pelo site da Unicamp, descobri um novo curso de mestrado – Divulgação Científica e Cultural – uma parceria entre o IEL e o Labjor. Interessei-me pelo curso e agora trago meu estudo com abordagem discursiva tratando da questão do efeito de objetividade na produção de notícias científicas de rádio.

1.1.2. Desenvolvimento Histórico do Mito da Objetividade

O jornalismo americano é o berço da teoria da objetividade, mas antes do nascimento da imprensa de massa ou popular, a imprensa americana se via como partidária, refletindo os interesses ideológicos dos partidos políticos, a objetividade não era uma meta.

Kunczik (1997), conta que em 1833 foi inaugurado o *New York Sun*, que em 1837 já contava com uma circulação de trinta mil exemplares. A imprensa de massa é que estabeleceu uma linha de consumo para o jornal, julgando-se complacente com os interesses de uma classe média comercial emergente. Tinha uma dupla função: a parte editorial servia para cativar os leitores e os anunciantes pagavam para dirigir-se a eles. De acordo com Schudson (1978), a objetividade da imprensa de massa tem início com a reportagem de pormenores da economia e do comércio, das cortes e das ruas, do raro e do comum. Nos anos 1980, um novo grupo de jornalistas afirmou que o realismo e o entretenimento eram opostos. O *New York Times* simbolizou o modelo do jornalismo informativo, que suprimiu a forma narrativa e o tom emocional. Um outro e mais antigo modelo de jornalismo americano, que Schudson caracterizou como “jornalismo narrativo”, é representado pelo *New York World*.

Nos Estados Unidos, foi dada muita importância à objetividade como meta normativa da atividade jornalística. Assim, em 1920 Walter Lippmann exigiu uma capacitação jornalística “na qual é crucial o testemunho objetivo”. Por trás da noção de que é possível uma reportagem objetiva está a idéia de que a informação pode ser apresentada/representada de tal maneira que seus receptores sejam capazes de formar suas próprias opiniões.

Kunczik (1997), cita três fatores que favorecem a evolução da norma da objetividade jornalística nos Estados Unidos, colocados por Dan Schiller (1979): 1) A evolução da imprensa como “voz do povo”; 2) O predomínio das idéias que atribuem grande importância aos fatos; 3) O desenvolvimento da fotografia, acompanhada pela crença de que ela representa de maneira ampla e total a “realidade”.

A esses fatores, Dan Schiller (1979) ainda acrescenta o estabelecimento das agências de notícias (a *Associated Press* foi inaugurada em 1848), que proporcionaram a diversos jornais, de maneira rápida e econômica, pontos de vista políticos divergentes juntamente com as notícias.

No Brasil, o processo de busca pela objetividade tem um vínculo não só com a história da imprensa, mas se mistura com a história da censura, ambas vindas de Portugal. Desde o final do século XVI, período da publicação das *Relações de Novas Gerais*, primeira forma de periódicos em Portugal, a censura para este tipo de impressão vinha sendo organizada em forma de lei. O governo iria censurar os excessos panfletários destes “papéis volantes”, isto é, sua linguagem satírica, as críticas excessivas, apoios políticos indesejáveis etc. Em 1642, por exemplo, D. João IV promulga uma lei proibindo “as gazetas gerais, com notícias do Reino ou de fora dele, em razão da pouca verdade de muitas e do mau estilo de todas elas”. Apesar das várias transformações por que passou, o aparato censório apresentava, em geral, três autoridades envolvidas: o Pontifício, exercido pelo Santo Ofício; o Episcopal, pelos bispos, e o Real, pelo Desembargo do paço. Cabia aos censores examinar desde livros religiosos, filosóficos, até avisos de casamento. Eles tinham poder para negar a publicação de um livro ou pedido de permissão para a impressão de periódicos. Os autores que desobedeciam as normas recebiam punições em forma de multas, prisões e, em casos extremos, exílio e morte.

Neste cenário surge a imprensa no Brasil, como resultado de uma iniciativa oficial portuguesa, que trouxe consigo a tradição do sistema de censura estatal do país. Durante os séculos XVIII e XIX, a imprensa buscou formas de apenas “informar” os fatos e nunca “opinar” sobre eles, ficando assim livre de opressões por parte da censura portuguesa.

Os mecanismos de controle da Igreja e do Estado acabavam forçando o apagamento do sujeito que está narrando, relatando, escrevendo a notícia. Noticiar só pode ser, nessa visão, informar de modo neutro, onde o conteúdo são os fatos. Não é permitido opinar nem interpretar.

Segundo Mariani (1993), no século XIX, um jornal confiável do ponto de vista do Estado é aquele que, aceitando as regras do jogo, se coloca num lugar de transparência. Ao assumir-se como transparente, o discurso jornalístico encontrou uma forma de escapar ao controle político.

Portanto, palavras como objetividade, imparcialidade, isenção usualmente atribuídas à atividade jornalística e que acabam por sustentar a noção de informação só existiam na época porque o ato de informar em jornais era controlado, produzindo um efeito de transparência.

Assim a construção do discurso jornalístico foi, durante séculos, cultivando essa imagem de um discurso que se supõe isento de pré-julgamento, um discurso suporte para fatos¹ que falam por si.

A separação entre notícia e opinião é até hoje muito bem demarcada em todos os produtos jornalísticos. Há diferentes formas de textualidade da notícia. O discurso dado noticioso tem lugar nas reportagens, matérias, notas e entrevistas. Já o opinativo é encontrado nas colunas, artigos, crônicas e editoriais que com exceção dos editoriais todos são assinados. No artigo, o autor analisa um fato ou uma série de fatos, explicitando abertamente sua opinião pessoal sobre o acontecimento, mesmo sendo escrito por um jornalista, que necessariamente precisa assiná-lo. A coluna também aborda análises opinativas dos fatos, é sempre assinada – por um jornalista ou não - e possui, geralmente,

¹ A bibliografia e a prática jornalística trabalham com o conceito de fato, o que para Pêcheux (2002), é o acontecimento. Neste trabalho usamos os dois termos, praticamente como sinônimos.

um espaço fixo nas edições. Outro gênero é o editorial, que é o espaço em que a publicação/programa manifesta sua opinião sobre o/os fatos mais “importantes” do dia – é utilizado na maioria das vezes pela mídia impressa. O último gênero do segmento opinativo é a crônica, que aborda um fato do cotidiano com personagens, na maioria das vezes fictícios, mesmo que esse fato não tenha exercido um impacto noticioso. Ela mistura realidade com ficção e é sempre assinada pelo seu autor.

Portanto o artigo, a coluna, o editorial e a crônica são gêneros do jornalismo opinativo e o público espera encontrar nesses formatos opiniões dos autores. Franceschini (2004) afirma que, paradoxalmente, esses formatos são os que menos exercem influências de formação de opinião. Um dos motivos apresentado pelo autor é o de que os gêneros opinativos são menos consumidos e outro, é que as pessoas entram em contato com esses gêneros com certas reservas por terem consciência de que ali encontrarão análises com bases em opiniões pessoais dos autores.

Com esses dois tipos de discursos jornalísticos separados de forma estanque o consumidor de jornalismo tem acesso aos “formadores de opinião” nos discursos ditos opinativos e ao “simples relato dos fatos” nos ditos informativos. Essa é uma das formas que o jornalismo julga obter a objetividade dos fatos, uma vez que toda a opinião está concentrada em uma seção específica – fora do conteúdo noticioso.

Essa separação entre notícia e opinião é na verdade um trabalho social de divisão da leitura. Pêcheux (1997) em seu texto “Ler o arquivo hoje” aborda a organização de diferentes leituras que criam diferentes escrituras resultando em diferentes sentidos. É um “enorme trabalho anônimo” pelo qual os aparelhos do poder geram uma memória coletiva. O autor mostra que esse trabalho começou na Idade Média, no meio dos clérigos, onde alguns deles era autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes e eram, assim, portadores de uma leitura e de uma obra própria. Já todos os outros produziam gestos incansáveis de cópias, transcrição, classificação, indexação, codificação etc. Esse gesto também constitui uma leitura, mas segundo Pêcheux (ibidem), uma leitura impondo ao sujeito leitor seu apagamento atrás da instituição que o emprega.

Esse trabalho de leitura se constitui até hoje com os escritórios e outras funções ligadas ao governo e à Igreja. É uma renúncia à originalidade no apagamento de si na prática da leitura. Fica claro aqui a busca por uma proposta de objetividade. Essa separação entre quem tem algo “a dizer” e quem tem algo simplesmente “a contar” se mostra claramente no processo jornalístico e é uma peça fundamental para o efeito de objetividade. Na divisão desse trabalho de leitura, ao se ter contato com o “algo a dizer” dos comentaristas temos a ideia de que o autor não se filiou a qualquer ideologia, já no processo de contato com “algo a contar”, ocorre o contrário. Dessa forma, os gêneros informativos têm um caráter muito mais influente já que mostram “uma verdade”; o que sabemos, no entanto, é que os sujeitos produzem sentidos onde quer que a língua funcione. A língua está materializada na ideologia e a ideologia se materializa na língua, portanto, as ideologias funcionam tanto nos espaços de opinião como nos espaços noticiosos.

Para Orlandi (2005) a entrada no simbólico é irremediável e permanente, nós estamos comprometidos com os sentidos e com o político. Não existe possibilidade de não interpretação. O que vai nos permitir uma relação menos ingênua com a língua é justamente não cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo (sermos a fonte do nosso dizer). “O Discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

1.1.3. Mas afinal... O que é Objetividade para o Jornalista?

Em uma análise de 21 livros sobre redação jornalística, Hohlfeld (2001 *apud* Kunczik, 1997) chegou a conclusão de que objetividade foi a categoria jornalística mais citada, seguida de exatidão e precisão. Quando o objeto de análise foi uma série de entrevistas com jornalistas brasileiros renomados, as categorias mais citadas foram veracidade e objetividade, o que mostra o quanto o tema ainda ocupa as redações e salas de aula.

Uma das razões é, provavelmente, que a tarefa principal do jornalismo é informar. Parte-se do pressuposto que o que está nos jornais deve ter alguma coisa a ver com aquilo que realmente aconteceu. Na teoria da objetividade jornalística, se não é

possível estabelecer uma relação entre ambas as realidades, não é possível transmitir informações. É uma questão ética. Karam (1997), cita o que dizem vários códigos de ética e manuais de diferentes instâncias jornalísticas. Estes códigos defendem formalmente a defesa da verdade, da exatidão, da objetividade:

PIEPJ (*os Princípios Internacionais da Ética Profissional dos Jornalistas*)

Princípio I: O direito dos povos a uma informação verídica.

O povo e os indivíduos têm o direito de receber uma imagem objetiva da realidade por meio de uma informação precisa e global, como também o direito de expressar-se livremente através de diversos meios de difusão cultural e de comunicação.

Princípio II: O compromisso do jornalista com a realidade objetiva

O dever supremo do jornalista é servir à causa do direito a uma informação verídica e autêntica através de uma dedicação honesta à realidade objetiva, de uma exposição responsável dos fatos no devido contexto, destacando suas vinculações essenciais e sem causar distorções, desenvolvendo devidamente a capacidade criativa do jornalista, de forma a oferecer ao público um material adequado que permita fazer uma ideia precisa e global do mundo e da origem, natureza e essência dos fatos, processos e situações que sejam apresentadas com a maior objetividade possível.

FIJ (*Declaração de princípios sobre a conduta dos jornalistas/Federação Internacional dos Jornalistas*)

1 – Respeito à verdade e ao direito do público à verdade é o primeiro compromisso do jornalista.

CLAEJ (*Código Latino-Americano de Ética Jornalística*)

Artigo 3º - Em seu trabalho profissional, o jornalista adotará os princípios da verdade e da equanimidade, e faltará à ética quando silenciar ou tergiversar sobre os fatos; proporcionará ao público informação sobre o contexto dos

acontecimentos e sobre as opiniões que sobre eles emitam, a fim de que o receptor da notícia possa interpretar a origem e perspectiva dos fatos. Na difusão de ideias e opiniões, o jornalista preconizará as condições para que elas possam expressar-se democraticamente e não sejam restringidas por interesses comerciais, publicitários ou de outra natureza.

CEJB (*código de Ética do Jornalista Brasileiro*)

Art. 7º - O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

CEANJ (*Código de Ética da Associação Nacional de Jornais*)

Os jornais afiliados à Associação Nacional de Jornais (ANJ) compromete-se a cumprir os seguintes preceitos:

(...)

03. Apurar e publicar a verdade dos fatos de interesse público, não admitindo que sobre eles prevaleçam quaisquer interesses.

NERBS (*Normas Editoriais da Rede Brasil Sul*)

Manter uma postura independente, isenta e liberal.

(...) ... a informação não deve ser opinativa e, sim, isenta e objetiva.

MREESP (*Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*)

20 – Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões.

MGRFSP (*Manual Geral da Redação da Folha de S. Paulo*)

Exatidão – Informação inexata é informação errada. A busca das informações corretas e completas é a primeira obrigação de cada jornalista. Um jornal só firma seu conceito de credibilidade junto ao seu público quando é conhecido

pela fiel transcrição das opiniões que colhe e pela exatidão dos dados que apura e publica. Para a construção da imagem de um jornal, mais importante do que ambiciosas reportagens é a publicação sistemática de textos com informações exatas. Para isso, cifras, números, grafia de nomes de pessoas entrevistadas, horários, datas, locais e todas as outras informações devem ser checadas com o maior cuidado.

(...)

Objetividade – não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorreram, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar os colegas na redação e procurar lembrar-se de fatos análogos ocorridos no passado são dois procedimentos que podem auxiliar na ampliação da objetividade possível.

MTCGT (*Manual de Telejornalismo da Central Globo de Telejornalismo*)

1 – Isenção – o repórter deve ser isento. Ele tem de passar a informação sem opinar. Se o assunto é controvertido, o repórter deve ouvir os dois lados envolvidos. Só assim terá condições para construir uma matéria equilibrada, completa. A conclusão deve ser do telespectador, depois de ouvir as diversas posições sobre o assunto.

Não há dúvida da importância dada à objetividade no meio jornalístico. Abrex (2001) perguntou para 20 jornalistas situados nos mais diversos estágios da carreira profissional, desde veteranos até recém formados, o que é notícia para eles. Todos

afirmaram com convicção que notícia é a narrativa do fato, e que mais “verdadeira” é aquela que mais fielmente “retrata o fato”. Já na pesquisa, citada por Kunczik (1997), realizada por Langenbucher *et al.*(1997), na Alemanha Ocidental, os resultados demonstraram que os jornalistas que trabalham *in loco* ou nas salas de redação estão conscientes da impossibilidade da reportagem objetiva, enquanto os chefes de redação põem grande ênfase na importância da objetividade. O que podemos supor é que quanto maior for a distância entre o indivíduo e seu trabalho jornalístico diário de apuração, maior será sua tendência a entrar no funcionamento destes sentidos, quando na verdade, como diz Henry (1984) não há fato ou acontecimento histórico que não tenha sentido, que não peça interpretação e não há se não versões dos fatos (Orlandi, 2005)

No meio jornalístico se fala muito em objetividade, como vimos acima, mas pouco se sabe sobre o real significado e aplicações do termo. Mesmo profissionais experientes se confundem ao opinar, como Cláudio Abramo (1988), que criticou a postura neutra que se espera do jornalista, dizendo que “o jornalista não pode ser despido de opinião política. A posição que considera o jornalista um ser separado da humanidade é uma bobagem”. Abramo (Ibidem) afirma, ainda, que “não existe jornalismo objetivo. Isso é uma ilusão que se tenta passar para os jornalistas e deve ser expurgada”. Na mesma obra, o livro *A Regra do Jogo* (pág. 35), o autor traz:

Introduzimos no *Estado* um tipo de cobertura (protegida pela eficácia operacional e pela precisão das previsões) absolutamente neutra e totalmente distante dos editoriais do jornal. De 1956 a 1961 o *Estado* se tornou, talvez, um dos jornais mais bem feitos do mundo. (...) Essa foi a grande reforma do *Estado*, a maior reforma já feita num jornal brasileiro porque mudou tudo e conseguiu manter, durante anos, um noticiário o mais possível “objetivo”, ao lado de editoriais absolutamente antediluvianas.

Uma das características do conceito de objetividade é que freqüentemente ele é discutido sem ser definido. Supõe-se, apenas, que todos conhecem o significado da palavra. Para a maioria dos jornalistas americanos, que priorizam a objetividade, ela é sobretudo sinônimo de justiça e equilíbrio (Kunczik, 1997). De acordo com Nutz (1965 *apud*

Kunczik, 1997), a objetividade é uma qualidade de um veículo² ou de um jornalista quando simplesmente se relata os fatos mundiais mais recentes sem dizer o que pensa a respeito dos mesmos, seja que pense bem ou mal.

De acordo com o Manual de Comunicação de Massa e Pesquisa de Mídia de Berlim, “objetividade é a representação da realidade tal como ela é”. Abrex (2001), refere-se a importância central que se dá ao conceito de objetividade entre jornalistas. Diz ele que a objetividade de uma informação é o grau de identidade entre o fato e sua descrição mediante a informação. Nesse sentido, a objetividade jornalística está ligada à qualidade de um produto jornalístico. Nesse contexto Kunczik (1997, pág. 57) cita Kaspar Steier (1965), dizendo que:

É uma boa qualidade num jornal o autor se abster de qualquer arrazoado político, de qualquer reflexão política ou qualquer outro nome que isso possa ter. O jornalista deve relatar os fatos mundiais mais recentes sem dizer o que pensa a respeito deles, bem ou mal.

Lage (1979), propõe uma diferenciação entre objetividade jornalística, objetividade textual e credibilidade. Segundo o autor, a objetividade jornalística compreende a produção de uma relação/conexão entre a realidade primária e o texto. A objetividade textual se refere à relação entre realidade e texto, à fase em que a realidade é codificada em signos. Já credibilidade é a percepção do receptor sobre a relação entre realidade social e realidade midiática.

Como podemos constatar, a ideia do trabalho jornalístico como tendo um resultado objetivo não é novidade. Os veículos de comunicação disputaram (e ainda disputam) o mérito de ser aquele que divulga os fatos de maneira exata, objetiva e

² A palavra veículo é um termo técnico na comunicação para significar todos os produtos midiáticos. Assim temos mídia como sendo o rádio, a TV, o jornal etc e os veículos as empresas que se utilizam dessas mídias, como por exemplo a rádio CBN, a TV globo, o jornal Folha de S. Paulo etc. A crítica que podemos fazer pensando discursivamente é que a palavra veículo torna superficial a relação do sujeito e do sentido. Esses produtos midiáticos são mais que meros “veículos”. São constitutivos dos próprios meios e os significam.

verdadeira. São essas, inclusive, as palavras de ordem na maioria das campanhas publicitárias em cima de veículos ou produtos jornalísticos.

Para Abrex (2001), o fato sempre é visto como um objeto fixo no tempo e no espaço, uma “coisa” unitária, como um bloco de argila, encerrado em si mesmo, jamais afetado pelos olhos do observador. Dessa forma, a mídia se coloca como um espelho neutro³, sobre o qual a “realidade” inscreve os seus traços. Há, é claro, momentos que desvelam a lógica instrumental que preside a adoção de determinada pauta e aguçam a sensibilidade dos profissionais da redação.

De outro lado estão os mais críticos à teoria da objetividade. Abrex (2001) coloca que é insustentável a pretensão de que tais fatos possam ser “capturados objetivamente” e retransmitidos ao público. O olhar do observador é seletivo tanto ao evento presenciado, como ao relatar um evento o observador o seleciona, hierarquiza, ordena as informações expostas, fazendo aí interferir as suas estratégias de narração.

Os fatos existem – não queremos aqui colocar a ideia de que os acontecimentos não existem e tudo é discurso, eles existem e tem sua materialidade. O ponto aqui é que eles, os fatos, não se revelam de modo natural e substancialmente verdadeiro aos observadores. Os fatos são construídos segundo o acervo de conhecimento e o instrumental psicológico e analítico que por ele podem ser mobilizados. Descrever um fato, é, ao mesmo tempo, interpretá-lo, estabelecer sua gênese, seu desenvolvimento e possíveis desdobramentos, isolá-lo, enfim, como um ato, uma unidade dramática (Abrex, 2001).

Segundo Lage (1979), não é possível ao jornalista a imparcialidade e a objetividade devido à influência de fatores externos, tais como a ideologia da empresa que domina o jornalista, a ideologia do próprio jornalista, do público leitor a que se destina, a ação da censura, etc. A única saída, segundo o autor, seria o poder de manipulação da linguagem pelo próprio jornalista. Este poder, aliado à força da realidade dos fatos, afastaria o fantasma da subjetividade e da “mentira”. Já para Abrex (2001), ao descrever o fato o

³ Refere-se a teoria jornalística do espelho que descreve o jornalismo como um “espelho” da sociedade. Onde a reflete exatamente – e objetivamente – como ela o é.

jornalista – ou o observador – não pode manipular a linguagem com um grau absoluto de arbitrariedade. Pode-se designar o que é um fato, mas o faz limitado por contextos econômicos, culturais, sociais, políticos, históricos ou psicológicos.

Essa manipulação total ou parcial não é possível na perspectiva da teoria discursiva, uma vez que a linguagem e o sujeito são históricos. Segundo Orlandi (1997), a interpelação do sujeito, pela ideologia, traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique. O efeito que se dá é o da evidência do sentido (o sentido lá), e a impressão do sujeito como origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão de transparência da linguagem, parecendo ser possível qualquer nível de manipulação da linguagem.

Segundo a perspectiva discursiva, a língua é tomada como forma material, enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha. Nessa passagem para a forma material, em que se abandona a divisão forma/conteúdo, a língua só é relativamente autônoma, o sentido não é conteúdo, a história não é contexto e o sujeito não é a origem de si (Orlandi, 1997).

A língua não é um mero instrumento de comunicação é um trabalho simbólico, mediado entre o homem e a realidade natural e social. Ela não serve simplesmente para transmitir informação. A linguagem é transformadora tanto do homem como da realidade. Pêcheux (1997)⁴ define discurso como sendo “efeito de sentido entre locutores”. Dessa forma a relação entre locutores é constitutiva e produzem sentidos, são sujeitos e não manipuladores de linguagem.

A imprensa fala sobre o “mundo”, embora não o seja, ela deve retratá-lo, torná-lo compreensível para os leitores. O jornalista é o historiador do cotidiano. E por aí que Mariani (1996) afirma que o discurso jornalístico tem como característica atuar na

⁴ Michel Pêcheux, é um filósofo Frances, criador da teoria da Análise de Discurso nos anos de 1960. A teoria é trazida ao Brasil e ampliada, principalmente, na obra de Eni Orlandi. O percurso Teórico e histórico do pensamento discursivo de Pêcheux é traçado por Maldidier, Denise. A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

institucionalização social dos sentidos e na cristalização da memória do passado bem como na construção da memória do futuro.

A fala de Lage (1979) aponta para algo que constatamos ao longo de várias leituras sobre a objetividade jornalística. Muitos autores e profissionais, mesmo sabendo da impossibilidade de uma notícia objetiva, a buscam constantemente. No cenário onde se apresenta a ilusão proposta pela teoria da objetividade parece existir uma linha tensa com dois pólos estanques. Em um dos pontos estaria a objetividade e na outra extremidade, a subjetividade e cada reportagem se instala em um ponto qualquer desta linha. Quanto mais próximo da “verdade”, mas próximo do pólo objetivo e quanto mais longe desta “verdade”, mais se aproxima do pólo subjetivo. A sugestão para que essa conexão aconteça é o uso das técnicas jornalísticas que contribuem para evitar uma “visão falsa” da realidade (nosso objeto de análise neste trabalho é justamente analisar como essas técnicas criam uma ilusão de objetividade).

Também é relevante pensar que o universo jornalístico não lida com ficção e por isso todo esse apogeu das questões em torno da objetividade, neutralidade, objetividade e verdade. Como concluem Barbeiro & Lima (2001), ainda não nasceu um jornalista totalmente imparcial, o que devemos buscar é ser o mais isento possível.

1.2. Ingredientes do Efeito Objetivo

O efeito objetivo presente nas produções jornalísticas se dá em função de mecanismos que proporcionam a ilusão da objetividade. Quando tratamos dessa questão não estamos nos referindo a um efeito objetivo criado intencionalmente pelo jornalista para mostrar inverdades à sociedade. O que, de fato, ocorre é que esse efeito de objetividade chega até o público, mas passa antes pela redação jornalística e por cada profissional que nela trabalha. Assim, o ouvinte de radiojornal – ou qualquer outra mídia que difunda produtos jornalísticos – acredita estar ouvindo a verdade, de forma objetiva, pelas características dessa locução e o jornalista acredita estar passando a verdade objetiva dos fatos por conta da técnica que emprega, assim o efeito objetivo funciona tanto para quem

produz como para quem consome jornalismo. O conceito de produzir e consumir também se mistura no jornalismo já que quem produz também consome para produzir a partir de e, o efeito objetivo se dá em cadeia.

O que caracteriza o texto jornalístico, segundo Lage (2002), é o volume de informação factual. Ele resulta de uma apuração, de reportagem, e se caracteriza pela função referencial, isto é, pelo formalismo que consiste em se produzir na terceira pessoa e, com frequência, em discurso indireto. O mais comum dos textos jornalísticos é o da notícia, que é o relato de um fato novo, ou de uma série de fatos novos relacionados ao mesmo evento, a partir do aspecto mais relevante. Como se trata de um relato de feitos “aparentes”, excluem-se todos os verbos que podem expressar subjetividade, como pensa / ama / quer, entre outros.

No caso de nossa análise lidamos com o tratamento da ciência no radiojornalismo, dessa forma o efeito objetivo passa por um tripé: o ouvinte tem a impressão de receber a notícia objetiva, o jornalista se pensa objetivo por conta da técnica que emprega e o cientista, por sua vez, busca a objetividade da ciência. Esse efeito é constituído por algumas técnicas jornalísticas que abordaremos a seguir.

1.2.1. Relevância Jornalística

Toda a produção jornalística é baseada num princípio básico de relevância. Cada notícia publicada/veiculada só o é porque tem relevância, ela que dá possibilidade de publicação e também ordena a forma em que as informações aparecem na notícia. Sempre ouviremos as informações “mais importantes” primeiro na narrativa do acontecimento. É assim o funcionamento da técnica de escrita jornalística denominada pirâmide invertida.

Ao falarmos em informações “mais importantes” precisamos pensar para quem são “mais importantes” e, ainda, na visão de quem são “mais importantes”. Na verdade é uma posição sujeito⁵ construída, uma construção do efeito leitor⁶.

⁵ Esse conceito será abordado na pág. 71

⁶ Jogos imagináveis que podem produzir o lugar de uma posição sujeito.

Algumas teorias jornalísticas sustentam a relevância jornalística: a teoria do *gatekeeper*, a teoria do agendamento e a teoria da espiral do silêncio.

Para Pena (2008) o *gatekeeper* é um exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal. A metáfora é clara e direta. É uma referência a quem tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se bloqueia. Assim, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate*) e quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*). Ele é o responsável pela progressão da notícia ou pela queda da pauta.

A teoria do *gatekeeper* evidencia a atuação do jornalista como tendo o poder de deixar ou não os acontecimentos passarem por esse “portão”. Mas o funcionamento não é tão simples assim. Existe um funcionamento ideológico bem mais complexo do que apenas a funcionalidade do jornalista. Existem interesses globais da ordem capitalista e política.

Percebemos essas ações ao pensarmos também a teoria da espiral do silêncio. Nela as ideologias dominantes são o destaque. Nessa teoria as pessoas tendem a esconder opiniões contrárias às ideologias majoritárias, o que dificulta a mudança de pensamento. De acordo com Pena (2008) a opção pelo silêncio é causada pelo medo da solidão social, que se propaga em espiral e, algumas vezes, pode até esconder desejos de mudança presentes na maioria silenciosa. Assim, as pessoas não são só influenciadas pelo que os outros dizem como também pelo que imaginam que eles poderiam dizer. Se acharem que suas opiniões podem não ter receptividade, optam pelo silêncio.

Pensando em mudanças sociais, em termos ideológicos, podemos constatar que só ocorrem mudanças se houver um sentimento de que ela já é dominante, o que, nessa lógica, não só demora muito a ocorrer como depende fundamentalmente das ideologias propagadas pela mídia. Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões dominantes, ou melhor, as ideologias construídas como dominantes.

A teoria do agendamento é fundamental para o entendimento da relevância jornalística, uma vez que ela defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os

meios de comunicação agendam nossas conversas. É o pensamento de que a mídia nos diz o que falar e pauta nossos relacionamentos. O efeito da teoria do agendamento ou *agenda setting* como é conhecida nos Estados Unidos é de que os veículos de comunicação falam sempre os mesmos assuntos. É um efeito em cadeia onde os veículos se pautam uns nos outros e o que é mais importante é sempre o que outro traz.

Portanto as pautas jornalísticas transformadas em matérias publicadas são as “mais importantes” baseadas numa construção do sujeito leitor e essa construção é sustentada pelas teorias jornalísticas.

1.2.2. Lead e Pirâmide Invertida

A relevância não influencia apenas no que é publicável ou não, mas sustenta todo o fazer jornalístico. No texto com formato de pirâmide as informações de uma notícia são hierarquizadas por ordem de importância (relevância) onde as mais importantes estão no topo e, abaixo as informações menos importantes. Elas vão decrescendo em ordem de importância. No topo dessa pirâmide – o primeiro parágrafo – é onde se localiza o *lead* da notícia.

O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso e é tipicamente um parágrafo tópico. Com a chegada do rádio e posteriormente a televisão, a técnica foi mantida nos veículos audiovisuais. Essa utilização do *lead* no rádio, na verdade, é uma volta porque o *lead*, usado nos veículos impressos, não tem sua origem na tradição literária e sim no uso oral. Esse primeiro parágrafo tenta reproduzir o formato de uma conversa natural. Alguém relata algo a que assistiu, começando pelo fato mais importante ou mais interessante seguidos de uma série de outros.

Para Lage (2002), a técnica do *lead* e da pirâmide invertida situa o relato no tempo-espaço e formalizam quanto a denominações, os elementos ou notações do fato relatado. Transforma o que, em algum momento, foi constatação ou testemunho em ocorrência, submetida a tratamento formal mais ou menos padronizado.

A partir do conceito de proposição completa, formulado por Aristóteles, Marco Tulio Cícero, em *De Inventione*, relacionou os aspectos essenciais de um texto: “quis (persona), quid (factum), ubi (locus), quemadmodum (modus), quando (tempus), quibus adminiculis (facultas) e cur (causa)” (Karam, 2000). Essas são categorias correspondentes àquelas que, segundo Lage (2002), Harold Laswell selecionou, na década de 1920, como componentes do *lead*: quem (fez), o que, onde quando, como. Podendo ou não ainda ser seguidos de por que e para quê. Esses dois últimos elementos são questionados como sendo subjetivos demais para entrarem no *lead* ou mesmo na notícia/reportagem.

A sintaxe do *lead* pressupõe uma sequência “sujeito – verbo – objeto”. Esse verbo deve ser de ação o que faz com que uma relação de funcionalidade seja estabelecida entre os argumentos. Para Lage (2002), outros tipos de verbos de ação podem fazer parte do *lead* como, os verbos de movimento (ir, vir, chegar etc.), os benefactivos (dar, receber etc.) ou os dicendi (dizer, declarar, manifestar etc.). Essa sintaxe também é descrita como função com argumentos agente e paciente (A matou B); ou agente, tema e paciente (A deu B a C); ou agente (facultativo, pode estar implícito), paciente e circunstâncias exigidas pelo verbo – origem, destino, percurso, direção, sentido (levar, ir); ou ainda agente e sentença tema (A disse que “S”). Os tempos verbais usados serão: o passado perfeito, quando se trata de evento ocorrido, ou o futuro simples, se o caso é de um anúncio ou algo por ocorrer.

Num pensamento mais teorizado o *lead* deveria ser construído como um período extenso, informando sobre uma função verbal, em torno da qual se dispõem as circunstâncias – tempo, lugar, causa, modo, instrumento, finalidade. Evidentemente, ao ser realizado, esse período pode dividir-se em mais de um, sugerindo-se que se agrupem em um parágrafo gráfico único ou, no máximo, no mesmo parágrafo lógico (Lage, 2002).

Há, no entanto, no *lead* clássico, uma exigência suplementar que implica operações sintáticas de reordenação desses termos. É que deve começar pela notação mais relevante, seja ela argumento (sujeito, objeto) ou circunstância. Nesse aspecto, Lage (2002), dá o seguinte exemplo: Na sentença “o presidente John Kennedy foi assassinado ontem, com dois tiros, na avenida principal de Dallas, Texas, por um desconhecido” é melhor do

que “um desconhecido assassinou ontem, com dois tiros, na avenida principal de Dallas, Texas, o presidente Jonh Kennedy”.

Desse *lead* clássico decorrem os demais tipos de *lead*, em particular o *flash*, versão resumida que se utiliza principalmente no noticiário radiofônico ou de televisão. Trata-se aí de simular a linguagem falada buscando, principalmente, encurtar e simplificar a sintaxe das sentenças.

Mas a língua não existe pois na “forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica” (Pêcheux, 1975, pág. 83). A prática do *lead* e da pirâmide invertida são, segundo muitos profissionais de jornalismo, uma das formas para que a notícia seja trazida ao público de forma objetiva, imparcial e isenta, ou seja, deve conter a verdade, justamente porque o jornalista ao escrever seu texto, deve “somente” responder as perguntas citadas acima e hierarquizá-las em parágrafos por ordem de importância. Mas, como veremos adiante, o caráter ideológico perpassa todo o caminho da construção da notícia, inclusive, a forma como as questões são respondidas e a forma como são ordenadas. Essa ordenação responde aos critérios de importância de que pontos de vista?

Num raciocínio do jornalismo de mercado, a resposta seria que esses critérios de ordenação respondem aos interesses da empresa de comunicação que têm suas amarras político-econômicas, mas além desse, que também é um ponto relevante, devemos pensar no movimento dos sentidos, onde os sujeitos que são históricos são tomados ideologicamente, sem que haja consciência de tal atitude. Por essa razão, a análise contida neste trabalho vai mais a fundo que propor uma reflexão sobre a ética jornalística e sim, buscar um raciocínio do funcionamento das ideologias e da impossibilidade da objetividade jornalística, seja esta em qualquer nível, justamente porque objetividade não se dá em níveis como propõe alguns teóricos, ela simplesmente não se dá.

1.2.3. Fontes e Vozes no Texto

Todas as repostas presentes no *lead* e transformadas em texto não são dadas pelo jornalista, mas são resultado do processo de apuração, ou seja, do gesto de leitura (interpretação) que o jornalista-repórter tem do que consta em documentos oficiais ou não e ainda sobre dizeres colocados por suas fontes, contatos - próximos ou não do fato – que o jornalista precisará conversar (entrevistar) para confeccionar seu texto noticioso.

Há muita controvérsia dentro do universo das fontes, tanto com relação ao tratamento que o jornalista deve destinar a elas, quanto com relação a que fonte legítima, ou não, determina uma notícia. Existe, ainda, uma classificação e uma hierarquia que controla o movimento de consulta às fontes.

São chamadas de fontes **diretas** aquelas que podem informar sobre o acontecimento e são diretamente envolvidos, as fontes **indiretas** são as que tem algum contato com quem teve um envolvimento direto com o acontecimento e as fontes **complementares** ou **especializadas** são os detentores de conhecimentos que agregam informações de origem técnica, acadêmica etc à notícia.

A fonte pode ser um indivíduo ou documentos, comunicados oficiais. Em se tratando de seres humanos existe todo um diálogo quanto a forma de tratamento que o jornalista deve ter com a fonte. Não pode ser uma relação de muita proximidade justamente para que o jornalista não se envolva demais e isso influencie na tão buscada “imparcialidade” da apuração da notícia. Por outro lado, a recomendação também é a de que o jornalista deve manter bom relacionamento com suas fontes para que a parceria de bons trabalhos possam se repetir.

O Manual do jornal *Folha de S. Paulo* traz, inclusive, uma hierarquização das fontes, com base no relacionamento jornalista – fonte. O manual diz que existem quatro hierarquias para as fontes: tipo zero, um, dois e três. A confiabilidade é a base dessa divisão apresentada pelo manual.

A Fonte **tipo zero** é a que possui tradição de exatidão (enciclopédias renomadas, documentos oficiais, fitas de instituições com credibilidade) e prescinde de

cruzamento com outras fontes. A fonte **tipo um** é a que tem alguém com histórico de confiabilidade (informações corretas, conhecimento de causa), pode ter interesses imediatos na divulgação do fato. Embora seja recomendável o cruzamento de informação, admite-se a publicação sem checagem com outra fonte. A fonte **tipo dois** tem os mesmos atributos da fonte tipo um, menos o histórico de confiabilidade. A informação deve ser cruzada com pelo menos mais uma fonte. Já a fonte **tipo três** tem menor grau de confiabilidade, tem interesses de ordem política, econômica ou científica. As informações devem ser cuidadosamente cruzadas e podem funcionar como ponto de partida para o trabalho jornalístico, podendo ser publicada em coluna de bastidores (indicação de rumor, de informação não-confirmada).

Na opção por uma fonte ou outra e mais ainda, na pluralidade de fontes é que o jornalista entra no efeito de objetividade pensando estar mostrando a verdade. Mas o que acontece é que existe sempre uma busca pela opinião dos poderosos. Essa opinião dá respaldo ou uma defesa para o jornalista. Ao colher um depoimento que legitima a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro. Comentando este fato, Pena (2008) exemplifica dizendo que se um ministro disser que a violência caiu, o repórter já está protegido, não precisa procurar a confirmação. No máximo, entrevista alguém da oposição que defenda uma interpretação contrária. Assim, ele cria o efeito para ele e para o leitor, mas não temos a informação “exata”, na verdade. As pressões do *deadline* também privilegiam os definidores primários. Na hora do fechamento, o jornalista dará preferência a uma fonte que considere avalizada e não se arriscará a perder a reportagem ou produzir opinião de quem não tem um suporte institucional à frente do nome. Essa fonte fornecerá as primeiras definições sobre o assunto.

As fontes são protegidas pela legislação que reconhece o seu sigilo. Portanto o jornalista pode publicar informações em *off*, ou seja, ele pode dizer que ouviu de alguém sem dizer quem é esse indivíduo. Mas, segundo os manuais os jornalistas não podem se valer dessa concessão para embutir suas opiniões pessoais.

A presença das fontes no texto jornalístico é a garantia para muitos – profissional e público – de que a notícia é imparcial e objetiva. A voz do jornalista não é

considerada uma espécie de “regência” das várias vozes que tem envolvimento com o fato, mas essa voz acaba por ter a função de organizar e hierarquizar outras vozes presentes. O manual de redação e estilo do jornal *O Estado de S. Paulo* faz recomendação à forma de transcrição das falas das fontes no texto.

Nunca se esqueça de que o jornalista funciona como **intermediário** entre o fato ou fonte de informação e o leitor. Você não deve limitar-se a transpor para o papel as declarações do entrevistado, por exemplo; faça-o de modo que qualquer leitor possa apreender o significado das declarações. Se a fonte fala em *demanda*, você pode usar *procura*, sem nenhum prejuízo. Da mesma forma traduza *patamar* por *nível*, *posicionamento* por *posição*, *agilizar* por *dinamizar*, *conscientização* por *convencimento*, se for o caso, e assim por diante. Abandone a prática de apenas transcrever: você vai ver que o seu texto passará a ter o mínimo indispensável de aspas e qualquer entrevista, por mais complicada, sempre tenderá a despertar maior interesse no leitor (Pág. 16).

Quando pensamos a língua numa perspectiva discursiva vemos a impossibilidade de qualquer resquício de objetividade. Ao substituímos palavras ou expressões já estamos em outra formação discursiva e ideológica. A presença da fonte (física ou documental) na forma de discurso relatado cria a ilusão de um dizer absoluto.

Transcrever a fala/pensamento do outro é algo que gera diferentes gestos de interpretação. Pêcheux (1997) afirma que muitas posições divergentes de pensamentos em variados setores sociais e da ciência se dá por maneiras diferentes e contraditórias de leitura. O autor ainda aborda a atividade de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação e codificação, que acontece desde a idade média, que constitui uma leitura impositiva do apagamento do sujeito-leitor atrás da instituição que o emprega.

Esses métodos de tratamento do arquivo textual, como coloca Pêcheux (Ibidem), supunham torná-los facilmente “comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis” e eram vistos como métodos objetivos pela clareza, exatidão e seriedade empregados. Temos, no entanto, nessa metodologia dita objetiva, o efeito do apagamento do sujeito. Quando o que se tem, de fato, é um gesto de leitura e, portanto, de interpretação, uma vez que o sujeito que lê é um sujeito histórico.

1.2.3. A Entrevista Jornalística

A realização de entrevistas é a forma mais utilizada pelo jornalismo para a obtenção de informações sobre o acontecimento em processo de notícia. Essa não é uma ferramenta exclusiva do jornalismo e nem mesmo da comunicação social. São várias as áreas de atuação que a utilizam, tais como a medicina, arquitetura e urbanismo etc.

Para o jornalismo a entrevista é de vital importância e através de uma boa aplicação das técnicas de entrevista; o jornalista pode conseguir informações que sua fonte nem possuía desejo inicial de revelar. Medina (2002) defende o uso do termo diálogo, ao invés de entrevista. Para Medina (Ibidem), a entrevista pode ser somente uma técnica eficaz para se conseguir respostas que já são pré-pautadas por um questionário, mas pode chegar ao diálogo se melhor desenvolvida, evitando-se uma relação fria entre entrevistador e entrevistado.

Na entrevista - principalmente naquela que é apresentada em formato de “entrevista”, diferente da conversa para obtenção de uma declaração que fará parte de uma notícia ou reportagem mais ampla – o jornalista se torna materialmente intermediário entre aquele que sabe (especialista) e aquele que deseja saber (público). O jornalista assume a posição sujeito “entrevistador” e busca fazer a pergunta que o ouvinte gostaria de fazer, produzindo assim um mecanismo, designado pela análise do discurso, de antecipação.

Não é nosso objeto neste trabalho definir ou categorizar os vários tipos de entrevistas⁷, mas seja ela qualquer dentre as categorias o jornalista deve conduzir o entrevistado a se revelar ou a expor o assunto de que fala de forma ampla e abrangente.

O entrevistador que terá sucesso em sua busca deve ser um excelente observador, tem boa memória e cria um ambiente agradável e simpático para o cenário da conversa. Amaral (1969) diz que o sucesso de uma entrevista exige estabelecimento imediato de um clima de confiança. A entrevista nunca é feita sem que o entrevistador se capacite buscando informações sobre o assunto que traçará seu diálogo. Se o jornalista não

⁷ Essas categorizações estão em Medina (2002) e Bond (1959).

tiver conhecimento, mesmo que gerais, a respeito do assunto ou do entrevistado, ele não saberá fazer as perguntas certas e não conseguirá conduzir com inteligência a conversa, diminuindo, assim, suas chances de obter algo interessante para transmitir ao público.

Para Medina (2002), qualquer tipo de questionário prévio ou outros tipos de instrumental podem atrapalhar a conversa e não deixar com que se firme um diálogo real. Amaral (1969) também alerta dizendo que embora quase sempre seja útil tomar notas e fazer gravações, esse procedimento pode gerar dificuldades à entrevista, tornando-a artificial, pesada e formal demais. Para Amaral (Ibidem), o entrevistado é capaz de cometer indiscrições e mesmo falar mais do que gostaria, mesmo sabendo que o jornalista está ali, mas se vê a “prova” material de que suas palavras estão sendo anotadas ou gravadas, reflete mais, pondera, volta atrás, analisa, faz correções.

De acordo com Amaral (Ibidem), outro elemento importante para o repórter/entrevistador é saber escutar – calado – a resposta do entrevistado, mesmo quando o assunto tomou rumos diferentes. Já Medina (2002) reforça o conceito do silêncio, dizendo que o jornalista precisa aprender a ouvir e realmente prestar atenção na fala do entrevistado até por uma questão de bons modos. Barbeiro & Lima (2001) ressaltam que muitas e boas perguntas podem sair de respostas do entrevistado, por isso a atenção é algo básico.

Para o público que recebe/acompanha uma entrevista e até para o entrevistador, fica óbvio que a verdade está presente de forma completamente objetiva, uma vez que a (própria) fonte da informação está “tendo voz”.

1.3. Radiojornalismo

Não retomaremos neste estudo a trajetória do rádio brasileiro, mesmo porque muitos pesquisadores já cumpriram esse percurso com muito detalhamento e rigor.⁸ O que faremos será elencar algumas das características intrínsecas, chegando a forma de se fazer jornalismo específica deste meio de comunicação .

⁸ Para uma leitura sobre a história do rádio no Brasil, consultar: Ortriwano (1985) e Ferraretto (2001).

1.3.1 A constituição das características do rádio

Por ser tradicionalmente ligado à comunicação de massa, o rádio possui uma audiência ampla e heterogênea. Os recursos financeiros provêm da publicidade, exceto no caso das rádios educativas, que se utilizam dos apoios culturais e projetos governamentais de incentivo.

Ferraretto (2001) cita características da audiência, do discurso produzido, do retorno e recepção, além dos recursos financeiros do rádio. Segundo o autor, a audiência é ampla, já que atinge uma área enorme, somente limitada pela potência dos transmissores e pela legislação⁹. A audiência também é desconhecida no particular, uma vez que o comunicador não sabe quem é – individualmente – cada um dos seus ouvintes. Pode se ter uma ideia do todo desta audiência por meio de pesquisa de opinião e por retorno dos ouvintes por telefone, e-mail e outras formas de interatividade. Uma outra característica da audiência radiofônica é a heterogeneidade, por abranger pessoas de diversas classes sócio-econômicas, com anseios e necessidades diversas. Por isso as emissoras trabalham com uma programação altamente segmentada, numa busca por parcelas mais homogêneas dentro desse todo que, por sua diversidade crescente, enfrenta cada vez mais dificuldades em ter suas demandas atendidas.

Quanto ao discurso radiofônico, ele é definido com base em uma média de gosto. Se temos, por exemplo, uma emissora voltada para as classes A, B e C que faz uma ampla cobertura jornalística, o texto nessa emissora não deve ser nem excessivamente erudito nem excessivamente coloquial. Isso se dá justamente por conta da audiência heterogênea.

Já o retorno, ou *feed-back*, como é conhecido, é baixo já que o receptor não tem como responder imediatamente, em sentido contrário. A interatividade é bastante difundida no rádio, mas não garante altos retornos. O que acontece é que nem todos os ouvintes conseguem telefonar e dar sua opinião em um programa radiofônico. Com a chegada e o uso da internet como um suporte, a interatividade no rádio cresceu bastante, mas se

⁹ A Anatel, órgão que regulamenta as telecomunicações no Brasil, outorga licenças para que emissoras operem em determinada frequência, amplitude e potência.

comparada à interatividade proporcionada pela própria internet a do veículo rádio é quase nula.

A recepção do rádio é simultânea, ou seja, muitas pessoas podem receber o sinal e ao mesmo tempo, existe a possibilidade de um aparelho receptor ser escutado por uma ou mais pessoas simultaneamente.

Uma das últimas características citadas por Ferrareto (2001), são os recursos financeiros para o rádio que estão baseados quase que em sua totalidade na venda de espaço comercial. Os recursos provêm da publicidade no sistema comercial de rádio. Esta característica ajuda, inclusive, na formação do público alvo, uma vez que vendo quem financia descobre-se que é o ouvinte planejado a ser atingido. No caso das rádios educativas, o governo ou fundações privadas arcam com as despesas, mas – em alguns casos – há a figura do apoio cultural, uma forma de patrocínio disfarçado que não inclui a veiculação de anúncios em blocos comerciais, mas sim, o repasse de verbas para determinados programas.

O discurso produzido que circula no rádio passa por algumas características que são condicionantes para a recepção e assimilação do ouvinte. Isso se dá justamente pela ausência de alguns elementos e presença de outros no rádio: 1) a capacidade auditiva do receptor, 2) a linguagem radiofônica, 3) a tecnologia de transmissão e recepção empregada, 4) a fugacidade, 5) os tipos de público e 6) as formas de recepção.

1.3.1.1 Capacidade auditiva do receptor

A ausência de contato visual leva a uma série de alternativas sonoras para a recepção do discurso. Assim a fala é a base da transmissão e a voz se faz um elemento importante, um ritual. Ritual esse que como toda forma de discurso é sujeito a falhas, mas por suas condições de produção (que tem o produto som como pano de fundo) percebemos na materialidade da voz um ritual mais sujeito a falhas.

1.3.1.2 Linguagem radiofônica

A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um destes elementos contribui, com características próprias, para o todo do discurso produzido. A trilha sonora pode acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador, ressaltados por vezes, pelo silêncio. Neste quadro, o efeito compensa a ausência da imagem, reproduzindo sons próprios de elementos que sevem como pano de fundo.

Para Ortriwano (1985), o rádio leva uma vantagem sobre as mídias impressas, pois, para receber as informações, não é preciso que o ouvinte seja alfabetizado. Em teoria, a televisão também não, mas entre os recursos visuais da televisão estão os caracteres, que são utilizados para informações importantes como nome do entrevistado, local, números etc.

1.3.1.3 Tecnologia de transmissão e recepção

A pesquisa científica em busca da transmissão de sons e sinais sem o uso de fios levou a um tipo particular de tecnologia, conhecida como radiofônica, à qual a fala tem de se adaptar. Estes parâmetros foram definidos no período de 80 anos a contar das primeiras experiências como o telégrafo de Samuel Morse, ocorridas na década de 30 do século 19. Na sequência, vieram o telefone e as tentativas de superação da barreira representada pelos fios nestes dois aparelhos. Os antecessores do rádio meio de comunicação de massa nasceriam, portanto, na forma de radiotelegrafia e da radiotelefonia, em que a linha física dava lugar às ondas eletromagnéticas.

Costella (2002), abordando a questão do desenvolvimento da tecnologia do rádio, ressalta que poucas realizações humanas conquistaram sucesso tão rápido e êxito tão amplo quanto a radiodifusão. Em apenas uma década ela conquistou todas as regiões do globo terrestre.

Desta fase inicial até o nascimento da radiodifusão sonora, foi necessária uma mudança de enfoque no uso da tecnologia disponível, ocorrendo uma transição da comunicação interpessoal – o telefone, em especial – para a de massa – o rádio. Configurou-se, então, um sistema particular de transmissão e recepção. No âmbito da emissora (seja em suas instalações ou usando o equipamento da estação, em áreas externas a essa), as vibrações sonoras são transformadas, primeiro, em sinais elétricos, os quais passam por um processo em que ganham qualidade para serem, na sequência, codificados em feixes de ondas eletromagnéticas. Estes, transmitidos por uma antena, serão captados por outra no aparelho receptor, onde, novamente como sinais elétricos, voltarão, via auto falante, à forma de vibrações sonoras passíveis de compreensão pelo ouvinte.

A maior ou menor quantidade de recursos técnicos determinará ainda na diminuição ou no aumento da eficácia do processo comunicativo, não só na transmissão em si, mas também no ouvir o discurso produzido (este pode ganhar clareza pelo uso de recursos sonoros permitidos por equipamentos em constante aprimoramento).

Ortriwano (1985), afirma que uma importante característica do rádio é a penetração, uma vez que é o mais abrangente dos meios. Ele pode chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional. Embora seja de alcance nacional, pode, também, ter um caráter regional com emissoras locais com uma programação, mais próxima ao campo de experiência do ouvinte.

Ainda sobre a tecnologia de emissão e recepção, vale ressaltar que o rádio tem como característica a mobilidade. Essa mobilidade acontece nos dois pólos. Em primeiro lugar, com referência ao emissor que tendo menos complexidade técnica que outras em outras mídias, pode estar presente com mais facilidade e instantaneidade nos acontecimentos e transmissão das informações. Ortriwano (1985) ressalta que em comparação aos meios impressos, o rádio leva vantagens muito grandes. Suas mensagens não requerem preparo anterior, podendo ser elaboradas enquanto estão sendo transmitidas, além de eliminar o aspecto crucial da distribuição: quem estiver ouvindo rádio, estará apto a receber a informação. Com a utilização de unidades móveis de transmissão as emissoras

praticamente se “deslocam”, podendo transmitir sua programação de qualquer lugar dentro de seu raio de ação.

Essa mobilidade do receptor é uma característica que pertence apenas ao rádio, até a chegada da internet. No início, o rádio levava alguma vantagem, uma vez que um texto precisava ser escrito e depois publicado, enquanto que o rádio podia colocar o “som do acontecimento” no ar. Hoje, com a tecnologia voltada para a internet e a convergência de mídias, característica da rede, a internet tem áudio, imagens em movimento e fotos, além do texto.

Já a mobilidade do receptor, pelo menos por hora e de forma massiva, ainda é exclusividade¹⁰ do ouvinte de rádio que é livre de fios e tomadas. Também não precisa ficar em casa, ao lado do aparelho. Ortriwano (1985) afirma que o rádio está em todos os lugares: na sala, na cozinha, no banheiro, no quarto, no escritório, nas fábricas, no automóvel – o que elimina o hiato de audiência durante o tempo de locomoção de um lugar para o outro. O tamanho dos receptores é algo que contribui para isso, o que também permite uma recepção individualizada nos lugares públicos.

1.3.1.4 Fugacidade

A instantaneidade do rádio como produtor de sentidos, determinada em parte significativa pela estrutura tecnológica de emissão e recepção, impõe poderoso condicionante à mensagem. Dois aspectos importantes interferem na questão da fugacidade: a inerência radiofônica da mensagem e, no caso do jornalismo, a obsolescência da informação. Por ser rádio, consome-se a mensagem no momento da sua transmissão. Para retomar um ponto mal compreendido, só utilizando um gravador, o que não é prático nem corriqueiro. Na teoria, a notícia radiofônica torna-se obsoleta simultaneamente à sua transmissão, já que deve ser sempre a mais atual possível, de preferência daquele momento. Assim, se for retomado, na sequência, o mesmo assunto o será sob um novo ponto de vista

¹⁰ Não queremos aqui ignorar tecnologias como a internet sem fio (wireless, wi-fi etc), nem a presença da internet em celulares e outros aparelhos de conexão portáteis, mas o termo exclusividade é pensando que este tipo de conexão à internet não está acessível em todos os lugares e ainda, na maioria dos casos, envolve algum tipo de custo.

ou pela inclusão de um detalhe desconhecido na emissão anterior a respeito do mesmo tema.

1.3.1.5 Tipo de público

O nível socioeconômico e cultural do ouvinte ao qual se destina a mensagem determina como esta vai ser estruturada. O usual é considerar o público como um todo, mas com a crescente segmentação a forma adapta-se a parcelas mais específicas da audiência. Assim, por exemplo, considerando apenas o texto jornalístico, uma informação da área econômica pode ter um tipo de tratamento menos coloquial em uma emissora e, em outra, nem ser transmitida.

1.3.1.6 Formas de Recepção

De acordo com Ortriwano (1985), o rádio envolve o ouvinte fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o locutor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que o discurso tenha nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. No caso da televisão, isso também acontece ao nível sensorial, só que a imaginação é limitada pela presença da imagem. No caso dos veículos impressos, a sensorialidade está muito mais contida, permitindo uma decodificação racional, sem envolvimento emocional que são criados pela presença da voz no rádio. Por mais que uma manchete utilize letras garrafais ou que sejam mostradas fotos, o resultado não envolve tanto o leitor quanto a recriação do fato por meio de sons e imagens – já limitando a imaginação quanto à possibilidade da criação de “imagens mentais”.

O rádio é uma fábrica de imagens invisíveis. E para que haja uma percepção dessas “imagens” se exige uma disposição do ouvinte. Ferraretto (2001) cita quatro tipos diferentes de escuta: 1) a escuta ambiental, onde tudo o que o ouvinte busca no meio de comunicação rádio é um fundo musical ou de palavras; 2) a escuta em si, em que o ouvinte presta atenção marginal interrompida pelo desenvolvimento de uma atividade paralela; 3)

na atenção concentrada, se supõe um aumento no volume de som do receptor, superando os sons do ambiente e permitindo a concentração do ouvinte na mensagem radiofônica e 4) a escuta por seleção, é onde o ouvinte sintoniza intencionalmente um determinado programa e a ele dedica sua atenção.

Mas essas formas de recepção não são permanentes ao longo da sintonia em uma programação determinada. Em proporção variável, chegam a se interpenetrar. O exemplo trazido por Ferraretto (2001) dessa interpenetração é o de que uma pessoa liga o rádio em uma emissora determinada julgando ser aquela programação melhor pano de fundo para a realização de suas atividades. Misturam-se aí, de certo modo, duas formas de recepção distintas (ambiente e por seleção). Imagine-se, de outra parte, uma situação em que o ouvinte busca um fundo sonoro para acompanhar suas atividades (ambiente). As canções vão se sucedendo e, em dado instante, uma lhe desperte uma atenção marginal (escuta em si). Na sequência, uma notícia muito importante faz com que esta pessoa focalize seu interesse na transmissão que, momentaneamente, interrompe a programação musical (atenção concentrada). O anúncio de que o fato relatado será ampliado em um outro horário pode fazer com que o ouvinte torne a ligar o rádio mais tarde (escuta por seleção).

Portanto, o discurso radiofônico precisa ser formulado levando em consideração as possibilidades de recepção próprias deste meio de comunicação.

1.3.2 Características do Radiojornalismo

As características que o rádio possui como tecnologia que produz sentido e materializa a voz fazem com que ele seja especialmente adequado para a transmissão da informação, que pode ser considerada como sua função principal: ele tem condições de transmitir a informação com imediatismo e instantaneidade.

De acordo com Ortrivano (1985) o rádio foi o primeiro dos meios de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, graças a possibilidade de divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem. A autora segue afirmando que o rádio

permitiu que o homem se sentisse participante de um modo muito mais amplo do que uma “ampliação” da capacidade de ouvir, tornou-se possível saber o que está acontecendo em qualquer lugar. Os relatos de acontecimentos podem chegar aos ouvintes assim que ocorrem.

1.3.2.1 O texto para os ouvidos e não para os olhos

Desde os primeiros contatos com as letras, na escola, somos condicionados a escrever para que alguém leia e essa tendência causa um impacto nos primeiros momentos de trabalho de um redator de rádio, ele terá de se acostumar com as regras da escrita direcionada ao ouvinte e não ao leitor.

Essa “escrita para os ouvidos” tem suas especificidades – uma obrigatoriedade causada pelas características intrínsecas do rádio e “exigências” da voz. Ela não se utiliza necessariamente das mesmas regras gramaticais da língua escrita, assim os acontecimentos são relatados em um “texto escrito” nos moldes da linguagem falada. Para Chantler & Stewart (2006) deve-se buscar no texto radiofônico a imediata inteligibilidade. Uma frase complexa, cheia de apostos, expressões ambíguas, sentenças gramaticalmente descuidadas ou ilógicas de eventos são fatais para o radiojornalismo. De acordo com Barbeiro & Lima (2001), não se deve usar frases longas, justamente por dificultar a respiração do apresentador ou locutor, assim cada frase deve representar uma idéia. Nessa linguagem não há espaço para complexidade, vaguidade ou obscuridade e, sim espaço para simplicidade e precisão.

Mesmo sendo uma fala para a “massa”, o locutor fala para uma única pessoa. É a institucionalização do bastante conhecido “você”, ou seja, todas as redações de rádio sabem que nunca se fala com “vocês” e sim com um único indivíduo. Parada (2000) diz que escrever para rádio é contar uma história imaginando alguém que está perto. O ouvinte tem uma sensação tão forte de proximidade que Barbeiro & Lima (2001) alertam para o uso de pronomes possessivos como *seu, sua, seus* e *sua*. Isso pode trazer confusão ao ouvinte. Já que a todo instante a linguagem se volta “individualmente” a ele, esses pronomes podem

dar a impressão de que se está falando dele ou de alguma pessoa ou objeto de suas relações pessoais. Esses pronomes devem, segundo os autores, serem substituídos por *dele*, *deles*, *dela* e *delas*.

Ao escrever o jornalista pensa, fundamentalmente, no comportamento da audiência ao ouvir rádio, portanto, o título ou manchete deve ser curto e marcante. O mesmo tratamento deve ser dado às primeiras frases do texto. A todo momento se busca trazer o ouvinte da escuta ambiental para a atenção concentrada¹¹. O texto tem o objetivo de causar a ação no ouvinte de aumentar o volume do rádio. Nessa perspectiva, Chantler & Stewart (2006), aconselham os redatores a não começar com as palavras mais importantes do assunto. Em primeiro lugar porque o ouvinte não se atém a palavras isoladas e sim, nas palavras agrupadas e, depois, o ouvinte na maioria dos casos se esquece das primeiras palavras, uma vez que sua atenção não estava suficientemente capturada pela notícia. Por conta dessa característica uma das marcas do rádio é a repetição. Ortriwano, em todo sua produção intelectual sobre rádio, deixa claro que rádio é repetição. As notícias, em rádios *all news*¹², sempre são repetidas e as informações mais importantes dentro de uma notícia devem ser recobradas antes de sua finalização. O desafio para quem escreve/produz rádio é o de repetir, sem ser repetitivo.

Como já tratamos acima, uma das mais importantes características do rádio é a instantaneidade. Essa característica, obviamente, acompanha a forma de escrita radiofônica. O texto começa com o *lead*. Sempre deve trazer a novidade, o fato novo. Chantler e Stewart (2006) dizem que o início e todo o restante do texto devem dar a impressão de que o fato esta acontecendo agora. Dessa forma, sempre se é evitado o início do texto com a expressão *ontem*, que causaria “envelhecimento” ao texto e da mesma forma, as expressões “continua” e “permanece”, que criam um efeito de que não há nada de novo no fato. Os tempos verbais sempre se encontram no presente. Barbeiro & Lima (2001) recomendam o uso dos verbos no tempo presente do indicativo e do futuro composto. O futuro simples não deve ser usado por uma questão de sonoridade.

¹¹ Cf. Ferraretto (2001).

¹² Emissoras que têm sua programação focada na difusão de notícias e informações jornalísticas, exclusivamente.

Não resta dúvida de que o som do texto radiofônico é fundamental. Parada (2000) recomenda aos redatores que depois de escrever, deve-se ler em voz alta para saber como soará no ar. Já Barbeiro & Lima (2001) recomendam o treino da confecção do texto simultaneamente à leitura em voz alta. Pela necessidade de se manter uma sonoridade agradável, evita-se palavras com “s” ou mesmo a forma plural das palavras, pelo fato do “s” causar simbilância na locução.

Ainda, abordando a questão da sonoridade, o texto de rádio precisa ter ritmo, por isso, além de ser construído por frases curtas ele possui uma pontuação completamente particular¹³. Quem nunca teve contato com uma lauda ou roteiro radiofônico pode nem conseguir entender a mensagem ali contida, mas essa pontuação da suporte à leitura que será feita no ar, muitas vezes, ao vivo. Dessa forma, não se utiliza parênteses e aspas, que dificultam a leitura. Virgulas e ponto final são substituídos por “/” e “//”. No caso, “/”, indica uma pausa na leitura – o que equivaleria mais ou menos a função da virgula e, “//” indica uma pausa maior – o que equivaleria ao ponto ou ponto final. As exclamações e interrogações são utilizadas juntamente com as barras no início e fim da frase, de forma similar a utilizada pela língua espanhola – indicando logo no início da sentença a entonação que deve ser executada pelo apresentador/locutor.

1.3.2.2 Radioreportagem

O jornalismo divide suas matérias em dois grandes segmentos, como apresentado acima: o jornalismo informativo e opinativo. Os gêneros informativos são as notícias e reportagens e de certa forma, as entrevistas quando publicadas como formato “entrevista” (pergunta – resposta) e não apenas diluídas como pequenas falas nas notícias e reportagens. A definição entre uma e outra é complexa e segundo Lage (1993), a diferenciação está na forma da escrita, onde a notícia faz uso das técnicas do *lead* e da pirâmide invertida e a reportagem tem uma possibilidade de escrita mais livre. Franceschini (2004), define que notícia é o anúncio do novo, da novidade. Já a reportagem, que além de ser a nomeação dada à equipe de jornalistas que apuram os acontecimentos e produzem

¹³ Ver anexo 3 com a transcrição das matérias que fazem parte do *corpus* do trabalho.

notícias e reportagens, é também um gênero de texto jornalístico que trata de assuntos que podem ou não ser novos. É o gênero que conta histórias reais, expõe ou interpreta uma situação, mas o faz de modo mais abrangente e aprofundado que a notícia.

Para Franceschini (2004), a reportagem é, assim como a notícia, um gênero de caráter informativo, produzido em obediência às mesmas técnicas básicas, apesar de praticar uma liberalidade maior no uso da linguagem. Nos dois formatos de texto, o leitor comum espera encontrar isenção e objetividade. Tanto uma como outra podem ser publicadas sem assinatura – já que utopicamente são “fiéis espelhos da realidade” e não uma visão pessoal do repórter – assim como também podem estampar os nomes do seu autor, se essa for a decisão dos editores. Como diferença, destaca-se que a publicação da notícia reflete em menor grau uma intenção do veículo, enquanto que a publicação da reportagem, ao contrário, reflete quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar determinado assunto em um dado momento.

Não diferente dos outros meios jornalísticos, o rádio se utiliza do formato reportagem para circulação de suas informações. Então, o jornalista apura os fatos, ou seja, pesquisa detalhes, conversa com as fontes e grava essa conversa. Depois redige um texto e insere trechos editados das conversas com as fontes. Tudo isso deve ter uma forma simples e concisa.

Ao produzir uma reportagem, o jornalista nunca pensa que o ouvinte já conhece o fato, mesmo que ele esteja sendo noticiado insistentemente. Toda reportagem deve ter começo, meio e fim. Assim, começa sempre com o novo e termina explicando ou relembrando o que já foi notícia sobre o acontecimento (Suíte). Esse processo se torna mais simples quando a reportagem é gravada, mas no caso do rádio que tem como característica a instantaneidade da informação, muitas vezes o repórter entra ao vivo no ar. Gravadas ou ao vivo, a sequência lógica de desenvolvimento é a mesma.

Prado (1989) distingue as duas formas de reportagens, para ele a reportagem ao vivo é a *reportagem simultânea*. Nesse caso, a criação é executada paralelamente ao desenrolar da ação. Dessa forma, trabalha-se sobre a marcha dos acontecimentos, e o jornalista tem que selecionar constantemente as representações mais significativas. É um exercício constante e imediato de relevância jornalística.

De acordo com Prado (Ibidem), a grande vantagem das reportagens simultâneas é o sentido de participação nos fatos que produz no ouvinte. Este sentido se dá por alguns fatores como o “cenário” acústico da ação e o tom da narração do repórter, que é improvisada e muito difícil de ser feita. Esses artifícios inerentes a situação fazem com que uma grande quantidade de imagens mentais sejam criadas pelo ouvinte que acaba criando uma ilusão, se sentindo dentro do fato, participando e o visualizando. Quando o que acontece é simplesmente um relato mediado por um sujeito outro.

Prado (Ibidem) também caracteriza a *reportagem diferida*, aquela que permite uma montagem, a seleção das representações se dão após a conclusão do fato e de forma mais intensa e reflexiva. No momento da seleção deve-se buscar manter ao máximo o som ambiente, que favorece a compreensibilidade, provoca a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação.

A reportagem diferida tem a possibilidade de contar com fontes de fora do acontecimento, mas que podem trazer complementação à informação, no caso de especialistas no assunto. Algo importante de ser ressaltado é que quando o repórter coleta as sonoras, ele desenvolve uma conversa ampla com as fontes entrevistadas, mas no resultado final – a reportagem (diferida) pronta – são inseridos apenas trechos dessa conversa, muitas vezes, apenas uma ou duas frases que vão ter a função de transmitir o resumo de todo aquele diálogo, o que acaba causando informações incompletas e sentidos mediados ideologicamente pelos sujeitos repórteres.

1.3.3 No ar: a voz

A locução, no campo informativo, deve tanto quanto possível ser responsabilidade da mesma pessoa que elabora os textos, dessa forma pode se irromper com a expressão fria, impessoal, de máquina falante, que se tornam muitos locutores profissionais quando lêem um texto jornalístico. Prado (1989) afirma que essa forma de leitura pode criar um ambiente de barreira entre os locutores, proporcionando uma dificuldade de interpretação. De acordo com Prado (Ibidem), para um rádio informativo ágil e dinâmico é absurda a divisão entre locução e redação. Para o autor, essas duas ações devem confluir na mesma pessoa, o que trará um ganho na autenticidade das informações.

A voz é assunto central para este trabalho uma vez que o rádio a utiliza de forma prioritária em seu discurso. Maia (1986) considera tanto historicamente como estruturalmente que a fala está presente quase na totalidade das línguas. A autora afirma que essa prioridade da fala na comunicação é justamente porque o homem tem o trabalho como algo bastante presente em sua história e por conta disso usar a audição é uma vantagem. Assim, enquanto usa boca e ouvidos deixam os demais sentidos para outras atividades que não a comunicação.

Através do nosso aparelho fonador, que tem seu funcionamento detalhadamente explicado na obra de Maia (1986), conseguimos nos comunicar verbalmente de forma eficaz. Com a fala um mesmo enunciado pode assumir diferentes sentidos a medida que é pronunciado de diferentes formas. Neste processo, a respiração, a entonação, a altura, além das estruturas fisiológicas e funcionais da fala podem dar sentido à palavra.

Qualquer palavra pode assumir os mais diversos sentidos com versões físicas diferentes. O som da palavra se constitui diferente se é uma resposta, uma pergunta, uma advertência, uma exclamação etc. Assim como o mesmo enunciado e o mesmo som produzido fisicamente pelo corpo pode soar diferentemente em contextos distintos.

Souza (2009) debruça-se sobre a voz do filósofo Michel Foucault tentando apreender a materialidade própria da voz do filósofo. O foco foi em cada inflexão de voz na tentativa de conseguir ouvir o sujeito em constituição no exato momento que fala e para o qual tanto traçou algumas diretrizes sobre o que era voz para o seu trabalho.

O território em que está situada a voz, para Souza (2009), não é o do pensamento hebraico, onde a voz tem uma dimensão puramente acústica e destituída de sentido, e sim mais próximo do pensamento grego, em que a linguagem humana representa a *phoné*, que é um sistema no qual a voz em uma dimensão puramente acústica é impensável. O autor cita Cavarero (2005, pág. 20) que diz que “o som que está na base de toda linguagem, a voz que dá forma, o que a forja, elaborando sua materialidade sonora”. Dessa forma, o pensamento é o de que a voz comunica muito mais que o conteúdo de um dizer, mas existe materialidade significante além desse conteúdo.

De acordo com Souza (2009), Cavarero (2005) pensa a voz que vem antes da fala, concebendo a ideia de que a voz pode ser concebida desvinculada da fonação. E dessa forma uma fala pode despertar no ouvinte uma ancoragem para ouvir sua própria voz sem que a mesma tenha passado pelo seu aparelho fonador, “são interpelados a ouvir em si, quando falam, a própria voz entrando em relação com a linguagem, a mesma que a submete e tirando daí o que, como linguagem, há de próprio na voz”.

Em princípio tudo parecia regularmente homogêneo na voz de Foucault nas pesquisas de áudio desenvolvidas por Souza (2009). Mas aos poucos percebeu-se traços e curvas melódicas. Eram constantes na fala do filósofo que se repetiam em qualquer situação (conferencias, aulas, entrevistas etc). Foi preocupação do pesquisador anotar o quanto a voz em ato, em sua singularidade, fazia repercutir na enunciação a figura do sujeito em formação no ato mesmo do dizer. A partir dessas percepções a subjetividade do pensador começou a ser objeto de investigação.

Em nossa análise adiante vamos tratar da materialidade da voz, a voz enquanto acontecimento discursivo, fazendo uma articulação entre o real da língua e o real da história e entendendo que essa materialidade vocal tem a sua estrutura. Como o aparelho fonador produz um som/fala que nos leva à subjetividade do sujeito, derrubando o mito da objetividade. O sujeito se materializa enquanto corpo falante numa sonoridade apenas e sempre repetida. A voz é o lugar do equívoco, no discurso jornalístico radiofônico, não só a voz mas fundamentalmente. É nosso objeto, então, nas análises permear os meandros de como a voz cria na/pela fala do jornalista um efeito de objetividade e como o ritual da voz do discurso radiofônico é sujeito a falhas.

2. O TRATAMENTO DA NOTÍCIA CIENTÍFICA

“Humanizar a ciência não é nada fácil. Afinal, sua reputação é de que é coisa difícil, feita por pessoas ainda mais difíceis. Nada poderia ser mais distante da verdade”.
Marcelo Gleiser

A ciência está cada vez mais presente no rádio. Têm sido feito esforços por parte dos pesquisadores de divulgação científica em tornar o rádio um meio de estímulo à educação científica e de divulgação científica e tecnológica. São inúmeras as reflexões sobre os formatos e linguagens de programação radiofônica de divulgação científica e sobre o potencial do rádio como incentivo à democratização do conhecimento.

A notícia científica (presente principalmente na editoria ciência, mas também a encontramos espalhadas em diversas outras seções) é o registro de um acontecimento da ciência. O jornalismo científico faz parte de um processo muito mais amplo, a divulgação científica, que tem como objetivo produzir cultura científica. A expressão é trazida por Vogt (2003), como sendo mais adequado em relação às designações anteriores: alfabetização científica (tradução para scientific literacy), popularização/vulgarização da ciência (tradução para popularisation/vulgarisation de la science), percepção/compreensão pública da ciência (tradução para public understanding/awarness of science).

Para Vogt (2003), a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda em seu campo de significações a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade como um todo para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história.

Orlandi (2001) diz que o movimento da significação que caracteriza o jornalismo científico confirma a presença pública da ciência, publiciza a ciência. Essa publicização significa a própria possibilidade de se fazer ciência em uma formação social como a nossa. Nesse aspecto em que a ciência precisa ser divulgada para que possa existir, Latour (2001), comentando as descobertas científicas de Louis Pasteur nas experiências com seu fermento de ácido láctico, diz criticamente que não foram os experimentos que criaram o fermento, mas foi o texto que o criou. Aprofundando sua crítica, Latour (Ibidem), coloca uma questão da ordem política e econômica que é a de quem criou quem? Pasteur criou o fermento ou o fermento criou Pasteur?

De acordo com Caldas (2004), a discussão sobre a qualidade da divulgação científica no Brasil tem sido objeto de inúmeros debates, quando se discorre fundamentalmente sobre a questão do jornalismo científico. Ainda para Caldas (Ibidem), é inegável a crescente competência dos jornalistas na divulgação da produção científica nacional e a ampliação dos espaços na mídia para os assuntos de ciência e tecnologia.

Mesmo com a crescente qualidade na divulgação de ciência pelos jornalistas ainda é clara a divergência entre repórteres e suas fontes, no caso do jornalismo de ciência, os cientistas. No entanto, ainda conforme Caldas (Ibidem), a questão para os interessados numa divulgação crítica e construtiva, não é mais apenas entender a fala dos cientistas e decodificá-la de forma competente em linguagem adequada aos diferentes públicos.

A pesquisadora segue afirmando que fazer jornalismo competente vai além da mera divulgação da produção científica, caso contrário, estaremos praticando apenas o marketing da ciência. Esse papel, embora também necessário para que a sociedade em geral tome conhecimento dos resultados das pesquisas nacionais e internacionais, não pode se restringir a isso. É essencial ir além, mostrar para a população em geral os impactos e riscos de algumas pesquisas, discutir seus custos, suas prioridades, sua validade, seus interesses face às necessidades sociais.

A ciência é divulgada para a sociedade através do jornalismo científico e o jornalista de ciência para desenvolver com maestria seu papel de divulgador precisa entender - como diz Hugh Lacey, no prefácio do livro de Leite (2008), “Ciência: use com cuidado” – que a ciência é um fenômeno social complexo, um objeto apropriado para o debate público, com suas dimensões culturais, com raízes na criatividade humana tanto para o pensamento quanto para a ação e com efeitos em todos os aspectos da vida humana. Ela fornece o conhecimento e a compreensão que tornam a inovação tecnocientífica possível, assim como investiga as condições que sustentam e solapam os sistemas ecológicos e o bem estar social. A ciência é multidimensional, e muita coisa se perde quando ela é reduzida a uma só dimensão.

Assim, devemos entender que ciência não é somente a área biológica e o jornalismo científico não é um compêndio de curiosidades e maravilhas ou, ainda, um posto avançado do ensino de ciências.

Para Orlandi (2001), o público leitor de jornalismo científico é colocado numa posição de quem participa do modo de produção científica, sem vir a ser cientista. Ele é um leitor de ciência. Ao “compreender” a ciência, estabelece com ela uma relação – como massa crítica – que a impulsiona, que lhe dá uma forma, uma realidade social sensível, sem a qual a ciência não funciona. Assim, “o discurso de divulgação científica não é a soma de discursos: ciência mais jornalismo igual divulgação científica ($c+j=dc$). Ele é uma articulação específica com efeitos particulares” (Pág. 22).

Trataremos mais detalhadamente destes e outros temas do jornalismo científico quando analisarmos as notícias de ciências que são veiculadas pela emissora de rádio que faz parte de nosso *corpus*.

2.1. Discurso da Ciência e Discurso Jornalístico: Uma Simples Questão de Tradução?

A editoria de ciência surge no jornalismo com uma função bem específica: divulgar para o público em geral os acontecimentos científicos. Mas o grande embate sempre foi o de como levar para a sociedade “leiga em ciência” assuntos complexos entendidos apenas por um grupo, os cientistas, que se comunicam entre pares. A esse respeito Authier-Revuz (1998, pág. 107)¹⁴ afirma:

A divulgação científica é classicamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao *exterior*, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no *interior* de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.

Ainda segundo Authier-Revuz (1998), o fato de que a prática científica não está presente nas notícias de ciência faz com que a barreira a transpor seja reduzida a uma questão de comunicação. Assim, a “língua” dos cientistas torna-se, fora dos muros da comunidade, uma “língua estrangeira”.

Para a autora, a transmissão de um discurso existente em função de um novo receptor dá-se como uma prática de reformulação de um discurso fonte em um discurso segundo, inscrevendo-se em um conjunto que compreende tradução, resumo, resenha e, também, textos pedagógicos adaptados a este ou aquele nível. O discurso de divulgação científica é, dessa forma, uma tradução do discurso da ciência. Essa tradução visa fornecer um texto segundo em que a “tradução-produto” substitua o primeiro como equivalente.

Já Orlandi (2001) não considera o trabalho de divulgação científica como tradução, e sim um jogo complexo de interpretação. Para a autora, esta relação é estabelecida entre duas formas de discurso – o científico e o jornalístico – na mesma língua e não entre línguas diferentes. “O jornalista lê em um discurso e diz em outro”, mantendo efeitos de cientificidade. Do ponto de vista da análise de discurso, ao produzir um texto, o

¹⁴ O que a autora chama de divulgação científica é o que já designamos acima como jornalismo científico.

autor faz gestos de interpretação que prendem o leitor nessa textualidade constituindo assim ao mesmo tempo o efeito-leitor correspondente. No caso do jornalismo radiofônico podemos tratar como o efeito-ouvinte, jogos imagináveis que podem produzir o lugar da posição sujeito do ouvinte radiofônico.

Orlandi (Ibidem) coloca ainda que nesse processo de divulgação acontece um movimento duplo de interpretação: assim a interpretação da ordem do discurso científico deve produzir um “lugar de interpretação” em uma outra ordem de discurso, o de jornalismo científico. Construindo dessa forma efeitos de sentidos próprios do jornalismo. Essa forma de autoria, “desencadeará por sua vez novos gestos de interpretação, agora produzindo um efeito-leitor.

2.1.2. Jornalismo Encenado

No jornalismo de ciência – lugar onde o jornalista transforma o acontecimento/fato científico em notícia científica – abre-se lugar para a configuração de papéis e de encenações.

Para Authier-Revuz (1998), essa configuração de papéis representa a mediação do jornalismo científico. Essa mediação tem três lugares com duas extremidades “A Ciência”, “o público leitor” e, no meio, o divulgador. O primeiro lugar, aquele da Ciência, é ocupado por múltiplas pessoas que se exprimem, concretamente identificadas. Estes numerosos nomes próprios prestigiosos e intercambiáveis para o leitor-padrão, asseguram, tanto ou mais talvez que uma informação, um “efeito do real” e uma “animação” do discurso da Ciência, ao mesmo tempo em que sua autoridade produz uma garantia de seriedade na divulgação.

O segundo lugar, proposto por Authier-Revuz (1998), é aquele que o texto propõe ao público leitor ocupar. Todo discurso, certamente, produz a imagem de seu locutor e através da construção de uma imagem daquele; é próprio da divulgação científica de assim o fazer explicitamente, propondo ao locutor, por pequenas marcas no texto, um retrato bem curioso com o qual se identificar, confortavelmente, aquele de um homem

aberto, curioso pelas ciências, inteligente, e ainda consciente da distância que o separa dos especialistas.

O terceiro lugar na configuração de papéis e que representa a mediação do jornalismo científico, é o próprio divulgador. Ele é representado no texto como indo psiquicamente de um lugar a outro, descartando pontos. Ele é o mediador ou simples intermediário e essa função é tida como ambígua. Ele se dá entre a originalidade do autor e a transparência do escritor. Um exercício do apagamento para colocar os dois pólos em contato.

Assim, segundo Authier-Revuz (Ibidem) colocar entre aspas uma palavra, frase ou expressão permite, mesmo que se faça uso da palavra em um discurso, mostrá-la, ao mesmo tempo, como um objeto que, tido à distancia, é designado como impróprio de certa maneira ao discurso em que figura: familiar, estrangeiro, contestado etc. O fato é que as palavras entre aspas são marcadas como pertencentes a um discurso outro; por isso, o contorno que elas traçam no discurso é revelador daquilo que o discurso tem a demarcar como “outro” em relação àquilo em que ele se constitui.

O discurso de divulgação científica – no caso deste trabalho o foco é o jornalismo científico – parte de um texto que é da ordem do discurso científico e, pela textualização jornalística, organiza os sentidos de modo a manter um efeito-ciência. Para Orlandi (2001), também pode-se dizer que essa organização dos sentidos seja uma encenação na ordem do discurso jornalístico, através de uma certa organização textual, a ordem do discurso científico¹⁵.

A noção de encenação no discurso é trazida por Maingueneau (1987) da semiótica. Para este autor essa encenação não é proposital, não se trata de estratégia ou de atitude pois não há exterioridade entre o sujeito e seu discurso. O autor coloca que essa encenação ou cenografia – importando o conceito de Landowski – mostra que o funcionamento do discurso, relativamente ao jogo das formações discursivas que determinam os sentidos e as posições sujeito, se faz porque não se diz a partir de um

¹⁵ A noção de ordem está ligada ao real, a sua forma histórica e material. Já a noção de organização está ligada ao imaginário no discurso (Orlandi, 2007).

sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço objetivamente assinalável do exterior, mas se dando uma cena em que ao mesmo tempo produz e é pressuposta para se legitimar. Essa encenação acaba por contribuir para a aquisição de credibilidade, no nosso caso, para o jornalismo científico.

Para Orlandi (2001), no jornalismo científico o que é encenada é a relação intrínseca com o discurso científico de origem. Aparecem então formas que nos mostram isso, por exemplo, sob o modo de funcionamento da menção: “Segundo o cientista x”, “o que digo refere ao que na biologia (ou fisiologia etc) está sendo estudado como”, “especialistas reunidos em W chegaram à conclusão de que... etc”. “Todas essas formas encenam a fala do próprio cientista para o leitor de notícias da ciência” (Orlandi, 2001, pág. 26).

Pensando um outro aspecto da encenação, Authier-Revuz (1998), diz que fórmulas tais como: “pode se grosseiramente representar como”, “de uma forma imaginada, pode-se dizer”, os “parece como...” e os “de certo modo” lembram que o segundo discurso não é mais que uma imagem inexata e aproximada do original – e, portanto, das coisas.

Então o que seria, numa formulação científica, pela sua metalinguagem específica, significando na direção da produção da ciência é deslocada para uma terminologia que permite que a ciência circule, que se entre assim num processo de transmissão. Orlandi (2001) diz que esse processo se dá por estruturas científicas do tipo: eu digo que eles dizem x para que vocês o saibam (compreendam, etc). Do ponto de vista técnico dá-se a separação entre ciência e saber: lendo uma notícia de ciência você não conhece x, você sabe que x. A autora chama isso de efeito de informação científica. Esse processo é interpretado pela população em geral como conhecimento de x, quando na verdade, só se sabe que x. “Não se diz ‘os genomas são x’, mas sim ‘o cientista tal define os genomas como x’. Não é um discurso ‘da’, é um discurso ‘sobre’ (Orlandi, 2001, pág. 27).

Em muitos momentos da divulgação aparece o termo científico seguido de descrições, sinônimos, perífrases, equivalências etc, deixando à vista o processo pelo qual o discurso científico se apresenta como uma re-tomada. Orlandi (2001) afirma que isto é parte da encenação que dá eficácia – a credibilidade – ao discurso de divulgação científica.

Neste processo de encenação e busca por termos científicos que possam dar cientificidade ao texto de divulgação pode acontecer um mau uso dessas terminologias, trazendo prejuízos à ciência – e é nessa linha tênue que se dá o embate entre cientistas e jornalistas no processo de divulgação. Para Orlandi (2001), o leitor precisa não do lugar do cientista mas de poder se relacionar com esse lugar. A real necessidade, no processo de produção da ciência, é que o leitor possa ser crítico, uma vez que a sociedade capitalista é definida – entre outras coisas - pela sua capacidade de produzir ciência.

2.2 CBN: A Rádio que toca notícia

Este trabalho se dedica a análise do jornalismo de ciência no rádio. Os áudios analisados foram produzidos pela emissora de radiojornalismo de maior circulação nacional, a CBN.

A Central Brasileira de Notícias – CBN – é uma emissora de rádio pertencente às empresas Globo de comunicação. O modelo que adota é uma inspiração em duas emissoras americanas, a ABC que funcionava na década de 1980 como uma agência produzindo conteúdo para uma enorme rede de afiliadas e com notícias que não eram voltadas à comunidade. Outro modelo que contribuiu foi o da CBS, que tinha um conteúdo mais voltado à prestação de serviço e à comunidade.

Assim, a rede possui quatro emissoras próprias (CBN Rio de Janeiro, CBN São Paulo, CBN Belo Horizonte e CBN Brasília), além de 21 emissoras afiliadas (CBN Blumenau / SC, CBN Campinas / SP, CBN Cuiabá / MT, CBN Curitiba / PR, CBN Florianópolis / SC, CBN Fortaleza / CE, CBN Goiânia / GO, CBN João Pessoa / PE, CBN Londrina / PR, CBN Maceió / AL, CBN Manaus / AM, CBN Maringá / PR, CBN Mogi Mirim / SP, CBN Natal / RN, CBN Paranaguá / PR, CBN Ponta Grossa / PR, CBN Porto Alegre / RS, CBN Recife / PE, CBN Ribeirão Preto / SP, CBN Teresina / PI, CBN Vitória / ES) que levam uma programação totalmente voltada ao jornalismo. Nas 24 horas de programação veiculam conteúdos informativos e opinativos com seus repórteres, âncoras e comentaristas.

O *slogan* “a rádio que toca notícia” que faz uma alusão a programação totalmente dedicada ao jornalismo, foi criado por Eugênio Mohallem, pela agência DM9 para o lançamento da emissora. Esse é considerado um dos grandes *slogans* da propaganda brasileira e é utilizado desde o lançamento em 1º de outubro de 1991 até hoje. Nos primeiros dias de programação a emissora tocava algumas músicas, mas logo na primeira semana já abandonou o conteúdo musical.

A CBN lançou, no país, um novo formato radiofônico. O jornalismo já era presente nas emissoras da época, mas o mercado sempre associou o rádio à música e ao entretenimento, o formato de uma emissora *all news* era desacreditado como possibilidade de sucesso por profissionais e pelo mercado publicitário. Mas a execução de notícias integralmente, na programação, trouxe ao longo da história grandes campanhas publicitárias e a solidificação da imagem de um veículo de credibilidade com os públicos A/B que são considerados no universo da publicidade e da propaganda como formadores de opinião.

Marisa Tavares, diretora de jornalismo da rede, lançou em 2006 o livro “CBN: a rádio que toca notícia”, no qual organiza textos de diversos colaboradores da emissora. Barbeiro (2006, pág. 32) conta, por exemplo, que a CBN adotou um novo modelo de ancoragem radiofônica adotando o fim da “verborragia e dos poetas de microfone, a encheção de linguiça”. O rádio começou a economizar palavras assim como a TV já fazia. Outra característica do radiojornalismo era a de que os âncoras comentavam todas as notícias, um opinador por excelência. No padrão da CBN o âncora é antes de tudo “um repórter, apurador, entrevistador, editor, apresentador”, enfim, participava do processo de produção da notícia.

A própria diretora de jornalismo apresenta conceitos muito caros ao efeito de objetividade jornalística afirmando que o conceito de jornalismo praticado pela CBN é o da “informação correta, isenta, com espaço para a pluralidade e muita análise crítica interpretando o que está por trás dos fatos” (Pág. 47).

No próximo capítulo vamos analisar como essas questões colocadas como isenção, pluralidade além de outras como imparcialidade, verdade etc criam uma ilusão de objetividade tanto para quem produz quanto para quem consome jornalismo.

3. NO AR, A VOZ DA COMPLETUDE

*“O Discurso serve para comunicar e
para não-comunicar”.*

Michel Pêcheux

A voz é o instrumento mais importante numa transmissão radiofônica. Ela está presente em toda divulgação científica de rádio, o que não é diferente nas editorias que se dedicam a falar de ciência na Central Brasileira de Notícias, CBN. A posição sujeito assumida pelo jornalista no ar é materializada pela sua voz. Assim como diz Souza (2009) pelo modo de propor a própria voz, deixa-se escutar o sujeito que, para apontar para si, precisa aparecer como o acontecimento que se dá pelo apagamento de certos vestígios de arquivos, dessa forma fica a evidência de que essa voz é um ritual sujeito a falhas.

3.1. O que é Análise de Discurso

Ela surge nos anos 60 do século XX, na França. É uma disciplina que trabalha o sujeito, a história e a língua e se constitui no interior das conseqüências teóricas estabelecidas por três rupturas que estabelecem três novos campos de saber: a lingüística, a psicanálise e o marxismo. A contribuição dessas áreas é com relação à materialidade, ou seja, a não transparência da realidade humana. A lingüística mostra que a língua tem sua materialidade, uma ordem marcada que lhe é própria, para a psicanálise o sujeito se coloca como tendo uma opacidade e, assim, não é transparente nem para si mesmo e, com o marxismo podemos perceber que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente.

Essas formas de conhecimento constituem um lugar propício para a elaboração das teorias da análise de discurso e o que é discurso. Mas é importante lembrar que análise de discurso não é lingüística, nem marxismo nem tampouco psicanálise. Não é também

uma junção das três áreas. Ela é uma disciplina de entremeio como caracterizou o seu criador, Michel Pêcheux.

3.1.1. Discurso é Mensagem?!

O esquema elementar da comunicação propõe que existe um emissor que tem algo a dizer a alguém, o receptor. Esse algo a dizer é a mensagem que é decodificada pelo receptor quando ambos conhecem o mesmo código, a língua. Ao decodificar o receptor envia uma mensagem de volta ao emissor, o que conhecemos como feed-back. O esquema é:



Fazendo a crítica ao esquema elementar da comunicação, Pêcheux (1961) diz que o discurso mais que transmissão de informação (mensagem) é “efeito de sentido entre locutores”. Dessa forma, fica claro que, para o criador da análise de discurso, não há linearidade na disposição desses elementos e a mensagem não resulta de um processo serializado. A língua, na verdade, não é apenas um código entre outros, ela é constitutiva do homem e da sociedade. Não há também essa separação entre emissor e receptor, eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não podem ser pensados com uma separação tão estanque, ambos são sempre tocados pelo simbólico. Além disso, ao invés de mensagem o que se propõe é o discurso.

Orlandi (2005) afirma que não se trata apenas de transmissão de informação somente, uma vez que, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e

sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

3.1.2. A Análise, o texto e o Discurso

Na análise de discurso não podemos deixar de relacionar o texto com a sua exterioridade, suas condições de produção que incluem o sujeito e a situação. A situação compreende desde as circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contato imediato até o contexto sócio-histórico, ideológico. Também faz parte das condições de produção o interdiscurso que é a memória discursiva.

O sujeito para a análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição projetada no discurso. Para Orlandi (2006), isso significa dizer que há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso. Dessa forma, não é o sujeito físico, empírico que funciona mas a posição sujeito discursiva. Os locutores são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posição sujeito.

Isso se dá no funcionamento das formações imaginárias que presidem todo discurso. São elas: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto de discurso. Nesse campo, existe o mecanismo de “antecipação”, que é a capacidade que todo locutor tem de colocar-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e antecipando-lhe a resposta. De acordo com Orlandi (Ibidem) o mecanismo de antecipação é em grande parte o responsável pela argumentação, onde quem mais consegue antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra. A escrita de um texto radiofônico ou mesmo estar no ar, ao vivo, é um grande exercício de antecipação para o jornalista, ele o tempo todo imagina como o ouvinte está recebendo/imaginando a informação que ele está produzindo.

Também faz parte da prática discursiva o que chamamos de relação de sentidos e relação de força. Conforme as relações de sentidos, podemos dizer o que dizemos, pois tem uma relação com outros dizeres e que isso faz parte dos efeitos de sentidos de nosso dizer e todo discurso é aberto em suas relações de sentidos. Já para as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Cada lugar tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força.

A análise de discurso tem como unidade de análise o texto. Nessa perspectiva, o texto não visto como na análise de conteúdo, em que ele pode ser atravessado para encontrar atrás dele um sentido. Discursivamente, o texto constitui discurso em sua materialidade e é pensado em relação às suas condições de produção, a sua exterioridade.

3.1.3. Formação Discursiva e Interdiscurso

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Assim temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito. Para Pêcheux (1975) o sentido de uma palavra, uma expressão não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras e expressões são (re)produzidas. Elas mudam de sentido de acordo com as diferentes posições sujeito de quem as emprega. Orlandi (2006) afirma que “as formações discursivas são a projeção na linguagem, das formações ideológicas”. Para Pêcheux (Ibidem) os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seus discursos) pelas formações discursivas que representam na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes. Dessa forma, fica evidente que não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia e a ideologia não pode ser pensada sem pensar a linguagem.

O conjunto de formações discursivas forma o interdiscurso, que também está afetado pelas formações ideológicas. O interdiscurso determina a formação discursiva que

dissimula na transparência do sentido, a objetividade material contraditória do interdiscurso que a determina. Essa objetividade material contraditória reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente. O interdiscurso, na verdade, é irrepresentável, ele é constituído de todo dizer já dito. É o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer. Para Orlandi (Ibidem, pág. 18):

“É ele que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas. E é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma da autonomia. O Outro aí é o interdiscurso. Se assim é para o sujeito também para o sentido as coisas não são diferentes. Para que uma palavra tenha sentido é preciso que ela faça sentido (efeito do já dito, do interdiscurso, do Outro). A isso é que chamamos historicidade na análise de discurso”.

Para uma análise de discurso buscamos o efeito de pré-construído, a impressão do sentido lá que deriva do já-dito, do interdiscurso e que faz com que ao dizer já haja um efeito de já dito sustentando todo o dizer.

3.1.4. O Sujeito

De acordo com Althusser (1973 *apud* Orlandi, 2006) todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma sujeito. A forma sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais.

Para Orlandi (Ibidem) ao observarmos as propriedades discursivas da forma sujeito nos deparamos com o ego-imaginário, como sujeito do discurso. Este ego-imaginário se constitui pelo esquecimento do que o determina, já que é do funcionamento da ideologia em geral que resulta a interpelação dos indivíduos em sujeitos. Esta interpelação se dá através do complexo das formações ideológicas e, especificamente,

através do interdiscurso intrincado nesse complexo, fornecendo a cada sujeito sua “realidade” enquanto sistema de evidências e de significações percebidas.

Por isso, para Pêcheux (1975), não podemos pensar o sujeito como origem de si. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, pelo simbólico e dessa interpelação resulta uma forma sujeito histórica. Orlandi (Ibidem), acrescenta que essa forma sujeito histórica sofre um processo de individualização pelo Estado e aí reencontramos o indivíduo agora não mais biológico e psíquico, mas social, resultado de processos institucionais de individualização. Esse assujeitamento é a própria possibilidade de se ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz).

O trabalho da ideologia, neste processo, é o de interpelar o indivíduo em sujeito que se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. Assim, a subjetivação é uma qualidade, uma natureza. Não se é mensurável mais ou menos sujeito, mais ou menos subjetivado. Não há sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Sem isto não há como se subjetivar. O outro modo de dizer isso é que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Há um efeito ideológico nesse processo no qual o sujeito coloca-se na origem do que diz. Ele parece ser a fonte do seu dizer.

3.2. O Efeito de Objetividade Jornalística

Buscamos aqui uma análise do funcionamento do discurso de divulgação científica feito pela mídia na forma de notícia radiofônica, o que podemos chamar de jornalismo científico de rádio (ou radiofônico). No Jornalismo Científico de rádio, assim como em outras mídias, busca-se por parte de muitos profissionais a objetividade jornalística como um ideal a ser atingido, ou seja, apenas transcrever as questões colocadas pela fonte (o cientista). Mesmo numa visão menos ingênua sobre a prática jornalística e sobre o funcionamento da linguagem, acaba-se por participar da produção desse efeito de objetividade, já que essas marcas fazem parte intrinsecamente das características deste discurso.

Este estudo traz a apresentação de uma análise do discurso de divulgação científica em um *corpus* de textos radiofônicos, onde procuraremos mostrar o funcionamento de marcas e propriedades do texto¹⁶ que produzem o efeito de objetividade jornalística. A intenção não é, também, a de mostrar que o discurso jornalístico é subjetivo e sim, mostrar pelo funcionamento da língua, como produz, de fato, um efeito objetivo.

Na análise de discurso supõe-se uma articulação entre ideologia e inconsciente em que se pode observar que o caráter comum das estruturas e funcionamentos designadas respectivamente como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas. Essa subjetividade não é entendida como algo que afeta o sujeito, mas sim, como algo que constitui o sujeito.

Orlandi (Ibidem) explica que M. Pêcheux, ao mesmo tempo que introduz a noção de ideologia, critica a maneira como as teorias da enunciação se submetem à ilusão das evidências subjetivas (do sujeito único, insubstituível, igual a si mesmo). Na figura da interpelação estão criticadas duas formas de evidências: a da constituição do sujeito e a do sentido. Crítica feita pela teoria materialista do discurso à filosofia idealista da linguagem que se apresenta quer sob o modo do objetivismo abstrato (a língua como sistema neutro, abstrato), ou do subjetivismo idealista (o sujeito como centro e causa de si). Vamos tratar aqui da subjetividade sem ser subjetivista. A evidência da identidade não deixa ver que esta resulta de uma identificação/interpelação do sujeito. Por outro lado, a ideologia é um ritual com falhas e a língua não funciona fechada sobre si mesma, ela funciona produzindo o equívoco.

3.2.1. A Organização do *Corpus*

Foi escolhida para coleta de material a Rádio CBN – Central Brasileira de Notícias – por ser a emissora de maior circulação nacional. Os áudios analisados são os que

¹⁶ Embora o *corpus* tenha sido transcrito (ver anexo 3), não nos interessa sua forma textual, mas sim o funcionamento do áudio propriamente dito, principalmente as questões em torno da voz. Orlandi (2005) explica que não importa se um texto – como unidade de análise - é escrito ou oral. Isso não muda a definição de texto. A materialidade conta e certamente um texto vai significar de modo específico particular.

tratam de ciência e tecnologia e estão disponibilizados no site¹⁷ da emissora em forma de nota, notas com sonora e entrevistas, divididos em três editorias, sendo elas: *Ciência & Saúde*, *Meio Ambiente* e *Tecnologia*, daqui em diante *CS*, *MA* e *T*, respectivamente. Sabemos que encontraríamos conteúdos relativos à ciência em outras editorias, a “cientificidade” está espalhada por todas as divisões jornalísticas de emissoras de rádio, TV, jornais etc, mas concentramos a análise para uma observação temática da emissora. Assim, temos 12 áudios distribuídos em:

CS (7 entrevistas / 1 Reportagem)

MA (1 nota com sonora / 1 nota)

T (1 nota com sonora / 1 entrevista)

Embora não seja nosso objetivo realizar uma análise quantitativa, este panorama geral dá uma ideia da distribuição numérica das matérias/áudios. A divisão temática se produz materialmente através das *designações* dos cadernos. Consideramos as designações, conforme Guimarães (1995), o que nos leva a dizer que a designação dos cadernos se dá em uma relação entre discursos, constituída historicamente.

Para Nunes (2003), que faz uma análise de cadernos de Ciência de jornais, a designação do caderno Ciência não remete a um objeto exterior já dado mas constrói discursivamente uma significação, inscrevendo-se em uma memória dos dizeres (o interdiscurso) e atualizando-a. O mesmo ocorre com as editorias encontradas em nosso *corpus*.

A primeira editoria é *Ciência & Saúde*. Ao tratarmos de *Ciência* evocamos toda uma memória do saber científico enquanto regulado por método, rigor e descrição, objetividade e à medida que adicionamos “e saúde” já estamos dizendo que o mais importante ao tratarmos de ciência é por em relação as áreas da ciência biológica, é também adquirirmos a informação de como termos mais saúde. Ao falarmos em *Meio Ambiente*, trazemos à tona sentidos de urgência pelo interdiscurso, esses sentidos são alimentados pela

¹⁷ www.cbn.com.br

mídia que faz do noticiário ambiental um “circo” aos moldes do sensacionalismo presente no noticiário policial. Sabemos que essa relação se dá por conta de sentidos políticos presentes no discurso que faz parte de um outro discurso ainda maior, o da mundialização¹⁸. A última editoria que tratamos é a designada por *tecnologia* que também evoca seus sentidos de inovação e necessidade de primeira instância para a sociedade em que vivemos, despertando o interesse de uma geração que “nasce” digitalizada e outra geração que se faz digitalizar para acompanhar os sentidos atuais em movimento.

Para compor o *corpus*, usamos um recorte temporal de uma semana para os áudios, mas essa semana não foi simplesmente escolhida. Definimos que a análise se debruçaria sob os áudios circulados no mês de novembro de 2008 e alimentamos esses dados (mês e ano) em uma tabela que automaticamente gerou uma “semana construída”¹⁹ dentro do mês em questão.

A organização²⁰ se deu desprezando todos os áudios de caráter opinativo e categorizamos os áudios informativos em notas, notas com sonoras, reportagens e entrevistas, em suas respectivas editorias. Para inserirmos enunciados retirados do *corpus*, na escrita da análise, criamos um código juntamente com a retranscrição.

3.2.2. A Análise

Nosso objetivo neste trabalho é a reflexão sobre a produção de efeito de objetividade jornalística, nossa finalidade não é enumerar, classificar ou hierarquizar dados ou marcas que caracterizem a objetividade. A proposta é a de compreender a objetividade jornalística enquanto efeito produzido, um fato de linguagem que se inscreve em uma política da palavra impondo uma divisão entre sentidos verdadeiros e sentidos não verdadeiros, não factuais. Uma vez que a objetividade carrega consigo os sentidos de imparcialidade, isenção, neutralidade e verdade, podemos supor que subjetividade carrega o oposto. Assim, tomamos em consideração a dicotomia verdade/mentira trazida pelo

¹⁸ Ver: ORLANDI, Eni. *Os Recursos do Futuro: Um Outro Discurso*. In: *Revista Multiciência*. Outubro, 2003. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/Artigo6.pdf>

¹⁹ Ver anexo 1

²⁰ Ver anexo 2

efeito objetivo. Através dos meandros do dizer jornalístico de ciência, vamos analisar não somente a produção do efeito objetivo, da verdade, quanto a recusa dos profissionais – e neste caso jornalistas e cientistas - a se submeterem a uma temida subjetividade passível de falha, de engodo, buscando definir o modo como as técnicas do fazer divulgação científica no rádio jornalisticamente trabalham processos de produção de sentidos de objetividade.

Nesta análise é importante um princípio que para Orlandi (2007) é fundamental para análise de discurso, o de que a linguagem se funda em movimentos permanentes entre processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmicos (o diferente), de tal modo que a distinção se faz difícil: dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para permanecer no mesmo sentido. Esse movimento é fundante para entender a relação verdade/mentira alçada pela produção do efeito objetivo.

Os processos de produção de discurso se dão a partir de três momentos diferentes, mas inseparáveis e igualmente relevantes que são: o da constituição, formulação e circulação. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (cf. Orlandi, 2001). Podemos descrever esses momentos aplicando à nossa análise em que o momento da constituição se dá a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo. A formulação que acontece em condições de produção e circunstâncias de enunciações específicas, neste caso, é um discurso que pode ser consumido em áudio, produzido por um jornalista e que o ouvinte escuta desenvolvendo outras atividades do seu cotidiano, dentre outras. Já a circulação se dá em certa conjuntura e segundo certas condições, no nosso caso o discurso é irradiado pela CBN, uma das emissoras de maior circulação no país e uma das pioneiras no formato *allnews*, o que já é carregado por sentidos de tradição e credibilidade.

Quando se trata do discurso jornalístico e sobretudo do discurso jornalístico que trata de ciência a questão da “credibilidade” é sempre evocada. A credibilidade aqui se impõe num tripé que se dá entre jornalistas, cientistas e ouvintes, trazendo aqui o problema da relação entre verdade e falsidade.

Para Orlandi (2007) a relação entre verdade e falsidade na linguagem é mais aguda no escopo do político, mas é passível de ser tratada na esfera da linguagem em geral. E isso pela sua incursão no domínio da relação pensamento/linguagem/mundo, ou

trazendo o que Pêcheux (1989) denomina esquecimento nº2, do nível enunciativo. Este esquecimento produz no sujeito a impressão de realidade do pensamento (ilusão referencial), é uma impressão de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo.

Essa questão é de caráter ideológico, no domínio da constituição imaginária dos processos de produção dos sentidos. É neste caminho que Orlandi (2005) faz uma crítica ao que chama de conteudismo. É que como se fosse possível existir uma relação natural entre palavras e coisas, supõe uma relação pensamento/linguagem/mundo. O conteudismo está na base da constituição da relação entre verdadeiro/falso no domínio da produção de sentidos. Dessa forma, percebemos que o sujeito que produz linguagem e a exterioridade que o determinam marcam toda produção de sentidos dados como objetivos. Assim, o conteudismo está diretamente ligado ao modo como o ideológico está na linguagem e é localizado na/pela falha na análise.

3.2.2.1. Formulação, Voz e Completude

Como sabemos, para a análise do discurso não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia, pois sempre assumimos uma posição sujeito. Ao falar no rádio o/a jornalista se coloca vocalmente em uma posição histórica.

No discurso jornalístico científico de rádio a tomada do indivíduo em sujeito se dá pela voz, a credibilidade é incorporada através da voz materializando uma entonação de verdade. Essa entonação é acrescida de um ritmo e uma empostação que denota um não envolvimento com qualquer lado. A junção de entonação, ritmo e empostação materializa uma voz jornalística que dá som aos sentidos de objetividade e verdade. Por suas performances vocais, se colocam dentro (sabendo tudo sobre) e fora (sem tomar partido de nada) da notícia. Para Souza (2009) em primeiro lugar, trata-se de considerar cada um dos modos de deslizamento vocal como substrato sonoro da enunciação, ou seja, admitir a hipótese de isolar no evento enunciativo que se dá à escuta o que vem da ordem pura e simples da materialidade sonora. A partir daí, afirma que a escuta de tais sonoridades, na heterogeneidade própria de cada um, desperta a maneira como aquele que fala pode ou não constituir-se em sujeito. Em nosso *corpus* conseguimos identificar diferentes estilos de

fala, ou locução como é chamada a fala radiofônica, em locuções feitas por Heródoto Barbeiro, percebemos uma semelhança vocal a outros jornalistas/locutores antigos, indicando um “colamento” em um domínio discursivo que remonta à história dos locutores de rádio. Quando fala, quer seja lendo uma nota, chamando um repórter ou fazendo perguntas em uma entrevista, por seu timbre próprio, Heródoto Barbeiro é sempre já o sujeito jornalista que se faz crível – e há muito tempo - em ondas radiofônicas, deste modo inscrevendo sua enunciação em dada memória de arquivo.

Há também a presença, na voz, de um sentido de completude. Quando o jornalista fala/pergunta não há qualquer espaço para contradição ou dúvidas, é uma voz que preenche todo o espaço de vácuo no ar. A voz é assertiva e contundente e dá vida ao discurso, faz com que o sujeito se mostre, mesmo se escondendo. É que ele “esconde” suas peculiaridades, sua opinião ou seu interesse próprio ao assunto, mostrando apenas uma curiosidade para a produção de prestação de serviço à sociedade para a qual ele é o mediador da informação, sempre “verdadeira”. Mas ele se mostra porque a voz é um ritual sujeito à falhas, mais ainda do que o processo da escrita já que não há tempo para revisões ou reformulações, a voz aparece para quem fala e para quem ouve ao mesmo tempo e os sentidos se constituem imediatamente para ambos. A voz é a materialidade do sentido.

Uma vez que na voz humana percebemos a materialidade dos sentidos e por ser simbólico, o homem constitui-se sujeito na/pela linguagem, que se inscreve na história para significar, tem sua voz ligada a uma teia de sentidos. Ele não comunica o que quer na/pela sua voz, mas sim os sentidos a que se filiou. Os sujeitos e sentidos constituem-se ao mesmo tempo na materialidade da voz atravessada pela língua e pela história, dando lugar ao equívoco.

Embora, como dissemos acima, a voz do jornalista no ar produza um efeito objetivo por sua entonação, ritmo, impoção e ainda dicção - o que gera essa voz da completude - ela não é neutra, não é transparente. A voz é atravessada pela discursividade, se constitui no embate entre a materialidade da língua e a materialidade da história pela memória que tem seu funcionamento ideológico.

Então, não há voz projetada que não seja investida de sentidos, produzida por um corpo-sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e

suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos. Dessa forma é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente.

É por isso que esse trabalho se distingue de outros que tratam dos meandros da ética jornalística. Não está se pensando aqui se o sujeito está sendo objetivo ou se está no “precipício” da subjetividade. Sabemos, sem cair na armadilha do subjetivismo, que o sujeito-jornalista desenha um caminho de subjetividade natural e indiscutível. Mas ao tratarmos de notícias estamos lidando com um relato de algo que realmente aconteceu, não é ficção e ninguém ouvirá uma história real de alguém que não tenha credibilidade, de alguém que não seja verdadeiro. Então a verdade aqui fica numa posição antagônica à mentira, ou seja, se não é verdade é mentira e, ainda, se estou colocando aspectos pessoais já não é mais a verdade pura e sim um relato parcial, passível de engano. Para que fosse possível uma objetividade, o jornalista teria que colocar-se fora da história, do simbólico ou da ideologia, o que não lhe é possível.

Esse nó se complica ao falarmos da editoria de ciência, porque a divulgação da ciência envolve dois personagens imersos no engano do efeito objetivo: os jornalistas que estão buscando a objetividade dos fatos e os cientistas que buscam a objetividade do conhecimento.

Tanto jornalistas quanto cientistas podem/devem em seu processo de apuração e pesquisa tentar se afastar o máximo possível, utilizando-se de seus respectivos métodos de trabalho e, assim atingir o maior nível de isenção, mas há (e sempre haverá) a impossibilidade da objetividade e da imparcialidade. A análise de discurso tampouco procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica. O que precisa ficar claro é que a ideologia não se aprende, o inconsciente não controla o saber. A língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo.

Sabemos que para Pêcheux, discurso é efeito de sentidos entre locutores. De acordo com Orlandi (2007), compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos

sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles.

Essa não possibilidade de objetividade está marcada na voz do jornalista. É possível ouvi-la nos sulcos da voz, nas mudanças de entonação, volume, impositação, métrica etc.

Comparando algumas situações diferentes em nosso *corpus* podemos constatar um deslize da entonação na fala. Num momento de cobrança, o jornalista mostra na própria voz traços singulares de autoritarismo e poder:

SC-E2) “... nem a ANP, nem o governo Federal, nem Petrobrás, nem ANFAVEA, que representa as montadoras, consideram que o pulmão do brasileiro vale tanto quanto o pulmão de europeu, de americano, pelo resultado de não fazerem nada nos últimos seis anos, desde 2002, daquela resolução do Conama, até agora parece que o pulmão de brasileiro vale menos pra essas entidades e empresas.”

Faço referencia agora a um outro momento de nosso *corpus* em que há também uma cobrança, mas ela vem em forma de pergunta ao cientista e a entonação é bastante diferente:

SC-E7) “Ulisses são dez anos que estão valendo a pena ou nem tanto?”

Poderia elencar diversos momentos bastante distintos em nosso *corpus*, mas após ter escutado uma seqüência de notas, reportagens e entrevista o que constatamos é que a voz é sempre a mesma com pequenas nuances. A posição sujeito objetivo assumido pelo jornalista e evidenciado na voz é uma constante propriedade deste discurso. Embora haja flexibilidade na entonação, a “imparcialidade” é sempre produzida como marca. Passa-se da intermitência de múltiplas e sutis possibilidades de sonorização para uma só dominância vocal.

A subjetividade é ouvida no equívoco. No momento em que diz, se assume autor. O jornalista se representa como mediador entre a notícia, a informação e a sociedade, essa é sua responsabilidade materializada vocalmente, mas nos sulcos da voz estão seus sentimentos, suas expectativas, seus desígnios e suas necessidades. O sujeito é determinado pela exterioridade na forma sujeito-histórica que é a do capitalismo. É na formulação da voz que se dá a contradição, ela é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula seu dizer.

Orlandi (2001) diz que quando pensamos o texto – lembrando que texto aqui não é só o escrito, mas a linguagem não verbal e a oralidade – pensamos em sua materialidade (com sua forma, sua marca e seus vestígios). Materialidade essa pensada como historicidade significante e significada e não como um “documento” ou uma “ilustração”. Assim também pensamos a voz como texto, com materialidade e como parte da relação complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto.

Embora tenha falado acima que percebemos subjetividade nos sulcos da voz, ela não é segmentável analiticamente, assim como qualquer texto, ela se impõe sobre as suas partes, ou seja, não é apenas em um ponto do texto que percebemos ou que seja “mostrada” a ideologia.

Quando pensamos a voz e o sujeito falante que a porta pensamos em sons e palavras, mas para a produção de sentidos ela também se utiliza do silêncio. Orlandi (2007) fala de um silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode ser sempre outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz. A autora coloca que o silêncio é “fundante”, justamente por todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio. “As palavras são, na verdade, cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas” (Orlandi, 2007, pág. 14). Podemos perceber que tudo na fala e na voz produz sentidos, até a ausência de voz produz sentidos.

O sujeito, assumindo ele a posição-sujeito jornalista, cientista ou ainda outras quaisquer, ainda assim não é transparente; justamente porque a língua não o é. A voz é tão polissemica quanto as palavras, pois se constitui vocalmente e circula em condições específicas que formam seu modo de significar.

3.2.2.2. Outras Marcas e Propriedades

Além da voz, percebemos outras marcas e propriedades no discurso de jornalismo científico radiofônico. O que nos interessa, obviamente não são essas marcas em si mas o seu funcionamento delas no discurso que é produzido. É este funcionamento que procuramos descrever e compreender a seguir.

No *corpus* pudemos perceber uma presença, numericamente, muito maior de entrevistas do que qualquer outro formato quando se trata de pautas relacionadas ao jornalismo científico. Temos uma única reportagem, a que trata sobre “biotecnologias no Rio de Janeiro”.

No caso dessas reportagens, elas são gravadas antes da veiculação e o repórter entrevistou especialistas, editou – cortou e selecionou – as partes “mais importantes” (sonoras) e as “amarrou” numa fala dele mesmo (*off*). Quando lemos a fala de uma fonte em uma mídia impressa pode existir a dúvida se a fala da fonte é realmente aquela, mas nas mídias eletrônicas como a TV e, em nosso caso de análise, o rádio, essa não é uma questão porque ouvimos a própria voz da fonte. A voz do cientista na reportagem é a assinatura da “verdade” mas, o que ocorre de fato é que, ela sempre passa por todo um processo de “manufatura” antes da veiculação.

As reportagens são assinadas, o repórter diz seu nome e o da empresa em que trabalha, ou seja, para quem desenvolveu a reportagem. Essa autoria acontece também nas notas e notas com sonoras que em nosso *corpus* aparecem proferidas por repórteres e não pelo âncora em estúdio, que simplesmente as anuncia:

SC-R8) “Do Rio de Janeiro / Sandresa Carvalho//

MA-N10) “A Joice Ribeiro participa aqui do jornal da CBN com informações de São Paulo / Joice//”

MA-N10) “Obrigado Joice”

MA-NS9) “Fabiano Andrade tem informações agora em Brasília / Oi Fabiano / Boa tarde//”

MA-NS9) “Muito obrigado / A informação do Fabiano Andrade de Brasília//”

T-NS11) “Lá em Brasília / Cátia Maia tem informações // Oi Cátia / Boa tarde//”

Existe um autor da informação, este autor é anunciado por ele mesmo, no caso da reportagem, nas notas e notas com sonora a autoria é anunciada pelo âncora que o faz no início – quando chama – ou no fim – quando se despede. Lagazzi-Rodrigues (2006) pontua aspectos sobre o texto e a autoria afirmando que o texto tem um lugar especial nos estudos da linguagem em todos os níveis escolares e a autoria fica estabelecida e repetida como uma “qualidade ou condição de autor” e o autor como “escritor de obra artística, literária ou científica”.

Mas para a Análise do Discurso, a questão da autoria ou da função autor passa pelo equívoco. Lagazzi-Rodrigues (Ibidem) afirma que a equivocidade, como é discutida por Pêcheux (2002), não traz o sentido de “erro”, comumente interpretado no senso comum. O equívoco, neste caso, é constitutivo da linguagem. Como dito acima, as palavras em funcionamento são sempre passíveis de sentidos contraditórios, diferentes interpretações, porque os fatos se formulam como razões distintas para as pessoas. Assim, quando dizemos ou escrevemos algo estamos dando origem a um equívoco.

Não pensamos no texto apenas como conteúdo, se não estaríamos fazendo do texto um objeto no qual a linguagem é apenas um meio de expressão de pensamentos e idéias. A unidade do texto é um efeito discursivo que deriva do princípio de autoria e essa autoria é um princípio necessário a todo discurso, estando na origem da textualidade (Orlandi & Guimarães, 1988).

Segundo Lagazzi-Rodrigues (Ibidem), quando localizamos o princípio da autoria na origem da textualidade, vinculamos autor e texto em uma relação processual, o

que é muito diferente de afirmar que o autor é a origem do texto ou o contrário. O autor se constitui no mesmo momento em que constitui seu texto.

O texto jornalístico, como afirma Silva (2001), é resultado da prática de uma escrita especializada profissionalmente, ao qual o manual de redação busca instrumentalizar. Assim, o manual de qualquer redação usado pelos jornalistas remete a um sujeito alfabetizado, um sujeito que possui, em termos de escrita, formação anterior, dada pela escola, que o habilita à leitura e à produção de textos de modo geral. As normas dos manuais se sobrepõem então a uma escrita já sabida, a um conhecimento sobre a escrita já sistematizada anteriormente.

Podemos pensar na autoria, a função autor, como propõe Orlandi (2005). A questão é que alguém assina (ou é designado) como autor, mas escreveu/falou dentro de um formato proposto por um manual e, além disso, o texto foi mudado passando pelas mãos do editor, editor-chefe e outros dependendo da emissora e redação. No caso da reportagem e mesmo das notas, existe uma ilusão da função autor individual, por conta da voz que fala e da assinatura, quando na verdade o produto final é de autoria coletiva (os integrantes da redação).

Já nas entrevistas, a maioria acontece de forma ao vivo e por telefone. É interessante notar que acontece em alguns momentos uma troca da posição sujeito. O jornalista tenta ser um pouco cientista, mostrando conhecimento sobre o assunto e o cientista se faz “comunicativo”, usando uma linguagem simplificada e até “metáforas” para explicar suas pesquisas:

SC-E7) “O fato é que nós chegamos num momento da história / onde o nosso próximo território de exploração / nosso oceano próximo é o oceano espacial e / neste sentido uma estação espacial é como se fosse a primeira ilha que a gente vê da costa / a primeira saída para o oceano espacial”

SC-E7) “Se a gente pensar num paralelo / as viagens portuguesas de conquista para o caminho das Índias / depois que Bartolomeu Dias fez a viagem demorou muito tempo para

que o Vasco da Gama / demorou quase 9 anos / pra que o Vasco da Gama fizesse a primeira viagem//”

Metáforas são fortemente utilizadas no discurso de ciência. Para entendermos o conceito de metáfora para a Análise de Discurso, vamos tomar as explicações de Charaudeau e Maingueneau (2002) que classificam diferentemente da gramática tradicional onde a metáfora seria apenas uma figura de linguagem, ou seja, o uso de uma palavra em sentido conotativo. Para os autores acima, a metáfora é uma figura do discurso e possui funções discursivas, a saber: a) uma função estética: ornamentar o discurso, sobretudo o literário; b) uma função cognitiva: explicação por meio de analogias de algo novo ou de pouco conhecimento; c) uma função persuasiva: os diversos discursos – políticos, morais – usam a metáfora como forma de impor opiniões de maneira não explícita.

Ao considerarmos a metáfora inserida no discurso radiofônico da CBN percebemos a presença fundamentalmente para conseguir explicar “de forma mais simples” um conceito. Mas elas também trazem à tona uma memória discursiva que nos remete a um período da história que sempre é retratado como de muitas conquistas e com muito *glamour*, isso automaticamente faz com que o ouvinte associe essa época de exploração espacial como tendo o mesmo resultado anos ou até séculos mais tarde (futuramente).

Nas entrevistas, o cientista é evocado como a voz da verdade absoluta e inquestionável. Quando o cientista esta no ar não existe espaço para questionamentos sobre pesquisas contrárias etc. *O cientista falou, então é verdade* e na maioria das vezes usa-se uma voz universal da ciência com expressões como: “sempre se pensou” ou “como se sabe”. Para falarmos sobre o mito de objetividade jornalística falamos muito a respeito da busca pela verdade sendo um empenho do jornalista, mas a ciência também tem um apelo de dimensão social com relação a essa mesma verdade. Grande parte das áreas acadêmicas buscam a objetividade do conhecimento científico e pensa a materializar em suas divulgações inclusive. No jornalismo de ciência acontece o encontro dos dois grandes arautos universais da verdade e da isenção. O jornalista entra nesse funcionamento a se posicionar com pré-construídos deste tipo.

SC-R8) *“Sempre esteve associado a pesquisas e laboratórios estrangeiros”.*

Em todo o processo de divulgação funciona o mecanismo de antecipação, ou seja, “a imagem que eu faço da imagem que estão fazendo de mim”, na entrevista de rádio fica muito claro o funcionamento do mecanismo e o locutor/apresentador tem esse pensamento em frações de segundos porque tem como responsabilidade fazer a pergunta que estaria na mente do ouvinte naquele momento e, assim, esclarecer o assunto. Poderíamos, inclusive, nos aprofundar mais nessa questão: qual a imagem que o locutor faz do ouvinte e quais são as imagens formadas pelo cientista sobre o ouvinte e o locutor. Em nosso *corpus* por várias vezes aparece o que poderíamos chamar de *antecipação anunciada*, o locutor fala o que ele pensa “estar passando pela cabeça” do ouvinte:

SC-E3) *“Dra. Shirley / pra gente inserir o nosso ouvinte nessa discussão do TOC / se identifica um paciente / digamos / que sofre transtorno obsessivo compulsivo a partir de que momento? / Onde é que isso / realmente / passa a ser clinicamente entendido e tratado?//*

SC-E3) *Dra. / quem está nos acompanhando agora imagina / em algum momento se pergunta se tem situações semelhantes a essas que o Tales está nos contando / Quando é que / digamos / a pessoa tem de levar qualquer / digamos / repetição dos movimentos mais a sério e procurar ajuda / Dra.? //*

Vejamos que no segundo recorte de SC-E3 aparece explicitamente dito (“quem está nos acompanhando agora **imagina...**”) que sabe o que o ouvinte está imaginando. E no segundo recorte o entrevistador se antecipa, dá voz ao interlocutor inserindo-o na entrevista.

Um outro aspecto a ser destacado em nossa análise é que em vários momentos aparece no material analisado um termo científico ao lado de descrições, sinônimos etc, como no seguinte enunciado:

SC-E4) “... que se chama / parada cardíaca controlada / que é uma pessoa que tem uma doença extremamente grave no cérebro / que é irreversível / mas não chegou o diagnóstico de morte encefálica...”

Além disso, o currículo do cientista entrevistado e sua instituição de origem e pesquisa são citados para dar ancoragem à fala. Isso deixa à vista o processo pelo qual o discurso científico se apresenta como uma re-tomada. E isto, de acordo com Authier-Revuz (1998), é parte da encenação que dá a eficácia – a credibilidade – ao discurso de divulgação científica. Para Nunes (2003) na divulgação, ao enunciar o nome do cientista e seu lugar de atuação outras informações são silenciadas como: o objeto de ciência ou pesquisa, o tempo, as ações realizadas.

SC-E4) “O presidente da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos / doutor Valter Garcia//”

SC-E5) “Nós estamos em contato agora com o Dr. Carlos Alberto Nogueira de Almeida / que é da Sociedade de Pediatria de São Paulo e diretor de Nutrologia Pediátrica da Associação Brasileira de Nutrologia e participou também da formulação desse documento//”

SC-E7) “Ulisses Caposoli / doutor em Ciência pela USP / editor da revista Scientific American Brasil//”

SC-E2) “A gente conversa agora com Maria Inês Tolsi / que é coordenadora excepcional da Prótese//”

Assim, a imagem do cientista é construída em diversas figuras: o cientista com nome e trabalho em determinada instituição de renome, como figura heróica, como um

especialista único em determinada área do saber, uma imagem caricatural, o leigo ou não-especialista que também produz ciência, uma imagem capital como alguém que é objeto de investimento.

O aspecto técnico da ciência é transferido para o discurso de divulgação. Para Orlandi (2001), o discurso de divulgação científica parte de um texto que é da ordem do discurso científico e, pela textualização jornalística organiza os sentidos de modo a manter um efeito-ciência, ou segunda a autora, uma encenação. Nesse caso, a terminologia serve para dar uma “ancoragem” científica.

Outra questão interessante é como acontece o tratamento do método científico na divulgação produzindo o efeito de objetividade da Ciência. No *corpus* analisado, o método aparece quando o próprio cientista encontra uma forma de explicá-lo (no caso das entrevistas), nunca parte de uma questão colocada pelo jornalista. Parece não haver qualquer interesse de se buscar conhecer metodologias científicas no jornalismo científico. As preocupações como veremos a seguir são em torno da aplicabilidade da ciência, tempo de desenvolvimento das pesquisas e os gastos.

Uma marca da divulgação científica brasileira é apostar muito mais nas pesquisas estrangeiras que nacionais. Existe um colonialismo-científico muito forte :

SC-R8) “A imagem de tecnologia de ponta ligada à área de cura ou tratamento de doenças ou a novos métodos de pesquisa / sempre esteve associada a pesquisadores ou laboratórios estrangeiros//”.

No recorte acima, a expressão “sempre esteve” produz, através do pré-construído, o efeito leitor da verdade histórica, pois coloca em funcionamento o imaginário que naturaliza a associação da tecnologia de ponta ao estrangeiro.

A reportagem segue mostrando avanços na área de biotecnologias no Rio de Janeiro e os avanços brasileiros são mostrados como algo extraordinário, algo quase impossível de acontecer em território brasileiro.

SC-R8) *“Áreas nobres do conhecimento humano como as pesquisas em células-tronco”*

Não só a questão do preconceito sobre o que é nacional e como também o julgamento de importância das áreas de estudo e interesse das ciências. Na fala da mesma reportagem aparece o seguinte enunciado, mostrando que existem outras áreas (sérias) de estudos da ciência, mas que não são nobres:

SC-R8 “A imagem de tecnologia de ponta ligada à área de cura e tratamento de doenças ou a novos métodos de pesquisa sempre esteve associado a pesquisadores e laboratórios estrangeiros// Mas esta realidade está sendo mudada em centros de pesquisas localizados no país/ mais especificamente no Rio de Janeiro//”

Existe no radiojornalismo científico uma urgência em que a ciência seja de uso prático para a sociedade. Esse sentido fica evidente na reportagem das biotecnologias do Rio de Janeiro, onde a repórter diz:

SC-R8) “uma opção para garantir que ideias de novas tecnologias e métodos científicos saiam do papel”.

É preciso que saia logo do papel e vá para o dia a dia da população. Esse é o sentido que nos quer ser passado pela repórter, pelas filiações políticas, administrativas e ideologias que atravessam o seu discurso. Na entrevista com Pedro Chequer, coordenador do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids no Brasil, também fica o sentido da urgência:

SC-E6) “o senhor diria que há mais avanços no que diz respeito à busca por uma vacina do que uma pílula preventiva!?”

Nesse recorte, a vacina representa a cura e a pílula a prevenção. O entrevistador pressiona o cientista quando aproxima o avanço da vacina e deixa implícito na formulação “do que uma [simples] prevenção”, o desprezo pelo que vem sendo feito. O sentido, porém, parece na construção comparativa da pergunta: *há mais avanços nisso do que naquilo?* A prevenção aí está para a estagnação das pesquisas e a cura estaria para o avanço.

Nessa mesma matéria o cientista tenta explicar um pouco do funcionamento da ciência, justificando-se pelos resultados insuficientes numa visão midiática:

SC-E6) “... hoje nos temos uma terapia bastante eficaz / a AIDS que no passado / há dez / quinze anos atrás / era uma sentença de morte / hoje pode vir a ser um prenúncio de uma doença crônica / entretanto não significa que é a cura / ainda não temos cura / a prevenção realmente repousa no uso do preservativo e evitar o contato com o vírus...//”

É interessante ressaltar que o entrevistado responde a um imaginário do entrevistador que é pautado no estereótipo da ciência: o da cura, e do cientista, que é o de descobrir a cura. O cientista, nesse caso, não condiz com esse imaginário, pois ele não tem a cura. O “ainda”, porém, sustenta o imaginário.

Vejamos que o recorte SC-R8, o jornalista quer garantir que só a ciência pode lhe dar. É nesse imaginário de ciência, é essa busca pela objetividade da ciência que regula o dizer do jornalista.

Em função disso, os sentidos de praticidade e urgência temporal são muito presentes em nosso *corpus*:

SC-R8) “Outro exemplo de pesquisa desenvolvidas no Estado e que pode salvar vidas é o trabalho do engenheiro químico...”

SC-E6) “Quais serão os benefícios para a humanidade como um todo, hein?”

A mídia e o jornalismo têm um tempo diferente do tempo da ciência. Na divulgação predomina o tempo presente, que marca o anúncio de algum fato novo que pode ser o avanço para a cura de uma doença, os efeitos de um uso tecnológico. Na análise desenvolvida por Nunes (2003), ele chega a conclusão de que ocorre uma presentificação dos fatos de divulgação, de modo que há uma relevância da cura, dos novos tratamentos, das descobertas recentes. Em alguns casos, utiliza-se o tempo passado, indicando por exemplo a transformação de estado de uma doença. O futuro aparece em situações de previsão. A divulgação se preocupa em mostrar resultados e não estudos, o que fica claro nos seguintes enunciados:

SC-E7) “A gente pode dizer que esta pesquisa ainda esta num estágio inicial mesmo completando 10 anos”.

Seguido de:

SC-E7) “Então pra aqueles que entendem que são 10 anos de estação espacial sem resultados práticos a gente pode dizer que é assim mesmo e que isso é um pontapé inicial para futuras observações”.

Já a voz do cientista responde dizendo:

SC-E7) “é muito pouco tempo”.

SC-E5) “Mas esse também vai ter que ser um processo feito com calma / devagar / porque eles estão sendo cobrados disso há um tempo relacionavelmente curto...”

Existe uma pontual diferença entre os interesses e o tempo de cada uma das extremidades da divulgação científica. Essa diferença aliada à urgência é uma constante no *corpus*. Em uma das entrevistas houve uma inversão da “busca” temporal. Quando foi se

tratar de readequação por parte das indústrias alimentícias para a produção de alimentos mais saudáveis. O jornalista pergunta:

SC-E2) “O prazo é razoável se tratando de alimentos? Porque qualquer mudança / por exemplo / em carros / é sempre de 4 / 5 / 6 anos // No caso de alimentos / esse um ano / a indústria não vai reclamar? //

E a cientista responde rapidamente, na sequência:

SC-E2) “Nós entendemos que a maioria das empresas são multinacionais / que já atuam no exterior e / lá no exterior / elas já fizeram essa redução / portanto é transportar a metodologia utilizada lá para os alimentos aqui no Brasil //”

Expressões como: *digamos, o fato é que, pensar num paralelo* entre outras se fazem presentes em nosso *corpus* e tem seus lugares cativos na editoria de ciência porque trazem a possibilidade de reformulação do discurso. Elas são usadas pelos locutores para simplificar, esquematizar e enfatizar determinados saberes científicos com uma ancoragem popular e as vezes até populista.

Através de nossa análise do *corpus* fica evidente a preocupação com a objetividade jornalística; fica evidente também, pela abordagem discursiva, que a relação com a língua e a linguagem é complexa e instrumentalizá-la é impossível. Pela análise percebemos que a objetividade, não é se não um efeito objetivo que se dá pela técnica de apuração e escrita jornalística, nos processos de constituição, formulação e circulação do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como qualquer texto este não está(rá) finalizado. Há muito o que dizer, mas, acima disso, há muito o que descobrir e analisar sobre como se dá o processo de produção do efeito de objetividade no rádio ao se falar jornalisticamente sobre ciência. O que sabemos é que a imposição de algo dito como verdade tem uma aceitação impressionante e isso se dá sobretudo pela inscrição da voz do cientista e do jornalista como autores.

O campo da objetividade é complexo porque como pudemos perceber ela é definida contraditoriamente. É aclamada, buscada na teoria mas descoberta utópica no cotidiano da ciência, do jornalismo e logo, no jornalismo científico.

A voz na produção da significação nos leva a perceber apontamentos para o estudo de uma linguagem que não é transparente. Diferentes materialidades vocais se fazem presentes nas mais diversas áreas políticas e sociais, ela está presente nas diferentes culturas, na música, na publicidade, na venda direta, no relacionamento amoroso, na escola, no esporte, na cultura. A voz está presente em uma infinidade de situações que supõem uma relação com a linguagem e cada uma delas funciona de uma maneira específica, com suas particularidades. O que nos leva a compreender que a voz faz parte da materialidade do sujeito, a posição sujeito é materializada pela voz.

Pela análise do discurso, podemos perceber a questão da significação, ou a necessidade do sentido, como coloca Orlandi (2007, pág. 152), “se um sentido é necessário, ele é possível; se impossível, é porque não é necessário historicamente”. Orlandi (Ibidem) traz este conceito enquanto aborda o silêncio e a autora segue dizendo que “o que não é linguagem, quando se trata dos sentidos, não é o nada, mas silêncio”, a ausência de locução – voz radiofonizada – nada mais é do que esse silêncio que também é carregado de sentidos outros. O silêncio no início da resposta de um cientista à uma pergunta feita - ao vivo - por um jornalista, nos diz algo, assim como depois de uma resposta o jornalista faz um silêncio antes da próxima pergunta. A ausência de voz também é materialidade específica do sujeito que é ideológico e não tem como ser diferente.

Este trabalho se distingue na área da comunicação, entre os que tratam da objetividade, justamente porque não está preocupado com questões dadas sobre a ética jornalística com a verdade, mas quer mostrar através do estudo da linguagem, numa abordagem discursiva, que o sujeito é social, histórico, político e a entrada no simbólico é irremediável. Assim, tanto o jornalista quanto o cientista produzem subjetividades em seu processo, que é de simples produção de um efeito objetivo, através das técnicas de produção da notícia.

Existe uma ilusão de que apenas os editoriais e espaços opinativos da imprensa fazem um recorte específico dos fatos, mas é apenas uma ilusão colocada pela forma como a técnica da escrita jornalística é desenvolvida. O fato é que os acontecimentos, transformados em notícia pelos jornalistas, sempre partem de algum lugar dimensionado pelos interesses pessoais de quem escreve, ou ainda, pelos interesses da empresa. Os funcionamentos ideológicos dos produtos radiofônicos de divulgação não acontecem voluntariamente, mas sim, por conta da interpelação do sujeito pela ideologia e as diversas posições sujeito que podem ser assumidas pelos míopes-objetivos jornalistas e cientistas.

Orlandi (2001), tratando do divulgador de ciência, diz que este ocupa uma posição sujeito específica que não resulta de soma, transferência e nem substituição. Trata-se de um efeito metafórico, onde algo que significa de um modo, desliza para produzir outros efeitos de sentidos. Desse modo não há equivalência entre o que é dito em uma ordem do discurso e na outra. O que acontece é uma transferência. A autora não usa o termo divulgador de ciência e sim jornalista de ciência. Uso este termo outro porque no rádio, principalmente no momento da entrevista, o cientista também se torna um divulgador tentando se fazer entender e desliza para essa transferência:

SC-E7) “O fato é que nós chegamos num momento da história / onde o nosso próximo território de exploração / nosso oceano próximo é o oceano espacial e / neste sentido uma estação espacial é como se fosse a primeira ilha que a gente vê da costa / a primeira saída para o oceano espacial”

SC-E7) “Se a gente pensar num paralelo / as viagens portuguesas de conquista para o caminho das Índias / depois que Bartolomeu Dias fez a viagem demorou muito tempo para que o Vasco da Gama / demorou quase 9 anos / pra que o Vasco da Gama fizesse a primeira viagem//”

E o jornalista, na mesma posição de divulgador sempre busca (re)formular a ciência:

SC-E3) “Dra. Shirley / pra gente inserir o nosso ouvinte nessa discussão do TOC / se identifica um paciente / digamos / que sofre transtorno obsessivo compulsivo a partir de que momento? / Onde é que isso / realmente / passa a ser clinicamente entendido e tratado?//

SC-E3) Dra. / quem está nos acompanhando agora imagina / em algum momento se pergunta se tem situações semelhantes a essas que o Tales está nos contando / Quando é que / digamos / a pessoa tem de levar qualquer / digamos / repetição dos movimentos mais a sério e procurar ajuda / Dra.? //

Além disso e olhando, ainda, pela perspectiva do sujeito, podemos compreender a significação em uma natureza discursiva. Como já dissemos, o sujeito se movimenta e se desloca em suas posições, produzindo equívoco. Isso faz parte do que é discurso. Nesta reflexão consideramos a objetividade como um efeito, e no que diz respeito à produção dos sentidos, como uma das instâncias em que evidência a falha. Na voz, o sentido em movimento faz com que a palavra siga seu curso e o sujeito execute sua relação de posição e identidade, se diferenciando.

A voz, assim como qualquer modo de dizer outro, tem uma função nas ilusões constitutivas da linguagem – a do sujeito como origem do que diz e da realidade do pensamento – enquanto condição para o movimento possível para o sujeito e os sentidos.

Ao invés de pensarmos em termos de objetividade, proponho que pensemos, a partir desse trabalho, em uma relação contraditória entre parcialidade e imparcialidade. Isso nos permitiria deslocar a dicotomia verdade/mentira, atrelado aos sentidos de objetividade/subjetividade, como mostramos anteriormente. O campo da ética jornalística deveria ser amplamente discutido. Ética não é sinônimo de objetividade e subjetividade não é sinônimo de mentira. É essa transparência que é preciso desmanchar.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo: o Jornalismo e a Regra do Marceneiro*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.

ABREX JUNIOR, José. *Showrnlismo: a Notícia como Espetáculo*. São Paulo, SP: Casa Amarela, 2001.

AMARAL, Luiz. *Técnica de Jornal e Periódico*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Tempo Brasileiro, 1969.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Palavras Incertas: as Não-coincidências do Dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Radiojornalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2001.

BOND, Fraser. *Introdução ao Jornalismo*. Tradução de Cícero Sandroni. Rio de Janeiro, RJ: Editora Agir, 1959.

BUCCI, Eugênio. *Introdução: o Jornalismo Ordenador*. In: GOMES, Mayara Rodrigues. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo, SP: Edusp, 2003.

CALDAS, Graça. *O Poder da Divulgação Científica na Formação da Opinião Pública*. In: SOUZA, Cidoval Moraes de (org.). *Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de Fronteira*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

CHANTLER, Paul & STEWART, Peter. *Fundamentos do Radiojornalismo*. São Paulo: Roca, 2006.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, P. *Dicionário de Análise de Discurso*. São Paulo, SP: Contexto, 2002.

COSTELLA, Antonio. *Comunicação do Grito ao Satélite: História dos Meios de Comunicação*. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2002.

FERRARETTO, Luiz Arthur. *Rádio: a História e a Técnica*. Porto Alegre, RS: Editora Saga Luzzatto, 2001.

FRANCESCHINI, Felipe. *Notícia e Reportagem: Sutis Diferenças*. In: *Revista Comum*. Rio de Janeiro, vol. 9, número 22, janeiro a junho de 2004. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/Artigo6.pdf>

GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs). *Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani ET AL. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os Limites do Sentido*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

KARAM, Francisco José Castilhos. *Jornalismo, Ética e Liberdade*. São Paulo, SP: Summus, 1997.

KARAM, Francisco. *A Antiguidade Greco-romana, o Lead e a Contemporânea Narrativa Jornalística*. Disponível em: <http://abi.org>. Consultada em 20/5/2000.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul*. São Paulo: Editora USP, 1997.

Lagazzi-Rodrigues, Suzy. *Texto e Autoria*. In: ORLANDI, Eni e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. *Estruturas de Textos Midiáticos*. In: GUILARDI, Maria Inês & BARZOTTO, Valdir Heitor (orgs). *Nas Telas da Mídia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

_____. *Estruturas da Notícia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: Ensaio Sobre a Realidade dos Estudos Científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LEITE, Marcelo. *Ciência: Use com Cuidado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

MAIA Eleonora Motta. *No Reino da Fala: a Linguagem e seus Sons*. São Paulo, SP: Ática, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências da Análise do Discurso*. Tradução Freda Idursky. Campinas, SP: Pontes, 1994.

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux Hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethânia. *Imprensa de 1930 e Memória Histórica: Uma Questão para a Análise de Discurso*. Campinas. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1988.

_____. *O Comunismo Imaginário: Práticas Discursivas da Imprensa Sobre o PCB*. Campinas. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

_____. *O PCB e a Imprensa: O Imaginário Sobre o PCB nos Jornais (1922-1989)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o Discurso Jornalístico Constrói Memória)*. In: Orlandi, Eni P. (org.) *Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de Redação e Estilo de "O Estado de São Paulo"*. São Paulo, SP: O Estado de São Paulo, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: O Diálogo Possível*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

NELKIN, Dorothy. *Selling Science: How the Press Cover Science and Thecnology. USA: Free Man and Company*, 1995.

NUNES, José Horta. *A Divulgação Científica no Jornal: Ciência e Cotidiano*. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: Política, Ciência e Divulgação*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. *Análise de Discurso*. In: ORLANDI, Eni e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzzy (orgs.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *Discurso de Divulgação: A Descoberta Entre a Ciência e a Não Ciência*. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: Estado, Mídia e Sociedade*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *O Lugar das Sistematicidades Lingüísticas na Análise de Discurso*. *Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A)* São Paulo, Vol. 10, nº 2, 1994.

_____. *O próprio da análise de discurso*. Conferência realizada na UFF, Niterói, RJ, 1997.

ORLANDI, Eni & GUIMARÃES, Eduardo. *Unidade e Dispersão: Uma Questão do Texto e do Sujeito*. In: *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A Informação no Rádio: Os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos*. São Paulo, SP: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 Horas de Jornalismo*. São Paulo, SP: Editora Panda, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse authomatique du discoursives*. P. U. De Lille, 1981.

_____. *Ler o Arquivo Hoje*. In: ORLANDI, Eni (org). *Gestos de Leitura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo, SP: Summus, 1989.

SCHILLER, Dan. *An Historical Approach to Objectivity and Professionalism in American News*. In: *Jornal of Communication*, 29, 1979.

SHUDSON, M. *Discovering the News: a Social History of American Newspaper*. New York, 1978.

SILVA, Telma Domingues da, *A Língua na Escrita Jornalística*. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: Estado, Mídia e Sociedade*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas, SP: Editora RG, 2009.

TAVARES, Mariza & FARIA, Giovanni. *CBN, a rádio que toca notícia: a história da rede e as principais coberturas, estilo e linguagem do all news, jornalismo político, econômico e esportivo, a construção da marca, o modelo de negócio*. Rio de Janeiro, RJ: Editora SENAC Rio, 2006.

VOGT, Carlos. *A Espiral da Cultura Científica*. Revista eletrônica *Comciência*. Campinas, SP, número 45, julho, 2003.

ANEXOS

AXEXO 1 – Planilha “Semana Construída”

Pastal - Microsoft Excel

Pressione F9 para sortear os números

Semana Construída

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
1	Início (Ano):	2008												
2	Início (Mês):	11												
3	Dia 1 do Mês:	01/11/08	01/12/08	01/01/09	01/02/09	01/03/09	01/04/09	01/05/09	01/06/09	01/07/09	01/08/09	01/09/09	01/10/09	
4	Segunda	17/11/08	15/12/08	19/01/09	09/02/09	23/03/09	20/04/09	11/05/09	01/06/09	06/07/09	03/08/09	14/09/09	05/10/09	
5	Terça	11/11/08	02/12/08	27/01/09	17/02/09	10/03/09	07/04/09	05/05/09	16/06/09	14/07/09	18/08/09	15/09/09	27/10/09	
6	Quarta	12/11/08	03/12/08	14/01/09	25/02/09	18/03/09	08/04/09	27/05/09	10/06/09	01/07/09	19/08/09	16/09/09	14/10/09	
7	Quinta	20/11/08	25/12/08	01/01/09	26/02/09	19/03/09	09/04/09	07/05/09	04/06/09	09/07/09	06/08/09	10/09/09	15/10/09	
8	Sexta	28/11/08	19/12/08	23/01/09	06/02/09	06/03/09	17/04/09	08/05/09	12/06/09	10/07/09	07/08/09	25/09/09	09/10/09	
9	Sabado	22/11/08	06/12/08	17/01/09	07/02/09	07/03/09	11/04/09	23/05/09	06/06/09	25/07/09	22/08/09	12/09/09	24/10/09	
10	Domingo	02/11/08	14/12/08	18/01/09	15/02/09	22/03/09	05/04/09	17/05/09	14/06/09	12/07/09	02/08/09	13/09/09	11/10/09	
11														

Pressione F9 para sortear os números

Plan1 Plan2 Plan3

90%

16:14

ANEXO 2 – Organização *Corpus*

Semana Construída: Novembro/2008

Editoria: Ciência & Saúde

DATA	Código	DIA SEMANA	RETRANCA	FORMATO	TEMPO
02/11	SC-E1	Domingo	Transplante medula	Entrevista	11' 01"
17/11		Segunda	Não há pautas		
11/11	SC-E2	Terça	Alimentos industrializados	Entrevista	10' 05"
11/11	SC-E3	Terça	Livro TOC	Entrevista	15' 01"
12/11	SC-E4	Quarta	Transplante coração	Entrevista	06' 49"
12/11	SC-E5	Quarta	Crianças açúcar	Entrevista	13' 21"
20/11	SC-E6	Quinta	Prevenção AIDS	Entrevista	06' 51"
20/11	SC-E7	Quinta	Estação Espacial	Entrevista	06' 52"
28/11		Sexta	Não há pautas		
22/11	SC-R8	Sábado	Bioteecnologias Rio	Reportagem	03' 27"

Editoria: Meio Ambiente

DATA	CÓDIGO	DIA SEMANA	RETRANCA	FORMATO	TEMPO
02/11		Domingo	Não há pautas		
17/11		Segunda	Não há pautas		
11/11		Terça	Não há pautas		
12/11		Quarta	Não há pautas		
20/11		Quinta	Não há pautas		
28/11	MA-NS9	Sexta	Inpe Amazônia	Nota com sonora	02' 08"
28/11	MA-N10	Sexta	Poluentes veículos	Nota	01' 16"
22/11		Sábado	Não há pautas		

Editoria: Tecnologia

DATA	CÓDIGO	DIA SEMANA	RETRANCA	FORMATO	TEMPO
02/11		Domingo	Não há pautas		
17/11		Segunda	Não há pautas		
11/11		Terça	Não há pautas		
12/11		Quarta	Não há pautas		
20/11		Quinta	Não há pautas		
28/11	T-NS11	Sexta	TV digital	Nota com sonora	01' 30"
22/11	T-E12	Sábado	Blog vinil	Entrevista	09' 13"

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Tânia Moraes

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
02/11 – dom	Ciência & Saúde	Transplante medula	Entrevista	SC-E1	11'01"

Tânia Moraes	Estamos aqui com o empresário Eduardo Marafanti/ nós conversamos com ele em 2006 aqui no Revista/ quando ele lançou um livro sobre a sua doença/ a leucemia mielóide crônica// No ano passado ele passou por um transplante de medula óssea /TMO// e está lançando agora o livro TMO / Tenha Muito Otimismo/ o diário de um transplantado de medula óssea// Eduardo Marafanti/ muito boa tarde//
Eduardo	Boa tarde Tânia/ como vai?! Tudo bem?! Boa tarde a você e seus ouvintes/ aliás eu sou um dos seus ouvintes/ eu sou fã de carteirinha da Tânia Moraes//
Tânia Moraes	Oh, muito obrigada!// Eduardo/ da última vez que nós falamos e já se vão ai dois anos/ nós falamos sobre sua experiência com a doença/ os tratamentos e a busca pela cura/ que foi objeto do seu primeiro livro e agora nesse segundo livro o transplante de medula óssea// Como surgiu a possibilidade do transplante?! Faz um resumo aqui pra gente, Eduardo//.
Eduardo	É/ eu tive o diagnóstico de leucemia mielóide crônica em 98/ entrei no protocolo de uma droga nova/ fiz um tratamento com essa droga nos Estados Unidos durante 5 anos ai tive a chamada mutação secundária/ uma crise blástica/ ai entrei no protocolo de uma outra droga aqui no Brasil e depois de dois anos e meio tive outra crise e ai conversando com o doutor Nelson Ramershilaque/ que é quem me acompanha no Brasil, nós discutimos a possibilidade de fazer um transplante de medula que no caso era com as minhas próprias células-tronco, porque em 2002 eu as armazenei aqui no Brasil por orientação do doutor Brian Drucker lá dos Estados Unidos/ me tratava lá mas ele me falou/ olha você coleta suas próprias células porque a sua doença está praticamente zerada/ coleta e deixa ai no Brasil. Ai conversando com o doutor Nelson, eu falei: doutor Nelson/ essa medula já bombardeou duas vezes/ que tal a gente colocar uma que está teoricamente em melhor estado e ele gostou da idéia/ estudou e depois de dois ou três dias veio com o retorno e disse/ olha é possível/ até bastante recomendável/ mas vamos fazer isso// Ai em setembro do ano passado eu fiz o transplante de medula óssea//

Tânia Moraes	E ai/ Qual é... como é que ficou sua doença de lá pra cá?//
Eduardo	Ela está absolutamente sobre controle// Nós fizemos o transplante pra depois participar do protocolo de uma terceira droga/ essa é a terceira droga que eu estou tomando// Eu até brinco/ estive conversando outro dia com o presidente da Novartis e também da Bristol/ olha eu vou fazendo a minha parte e vocês façam a de vocês. Vocês vão estudando droga nova que a hora que eu precisar tem que estar pronta e felizmente isso está sendo muito feito pela indústria de modo geral/ o desenvolvimento é muito eficiente e muito rápido hoje em dia com muita tecnologia// Mas a doença está absolutamente sobre controle e com esta terceira droga agora que eu to tomando/ que é o Nilotidipi/ no momento do laboratório Novartis// é.../ nunca se sabe né Tânia/ pode durar mais um ano/ 50 anos/ não sei/ não sei/ pode ser até curar a doença// Hoje há a doença né/ eu tenho leucemia/ vida absolutamente normal em termos de atividade física/ trabalho/ tudo/ tudo/ tudo absolutamente normal e não há uma cura// mas/ não há também nenhum efeito colateral ou do medicamento ou de qualquer coisa entendeu//
Tânia Moraes	Oh Eduardo/ vamos falar do transplante de medula óssea// Há muita ignorância em relação ao transplante de medula óssea// No seu caso você tirou a própria célula-tronco da sua medula/ mas há possibilidade também das pessoas doarem/ fazer doação?// Como é que funciona?/ É algo muito doloroso?/ Todo mundo pode fazerem a doação?/ Como é que é?//
Eduardo	Olha Tânia/ primeiro doador todo mundo pode ser/ pra doador basta fazer um exame de sangue/ tira um pouquinho de sangue e guarda/ a dor de uma picada de agulha no braço/ que é absolutamente desprezível// É muito interessante que a quantidade de doadores no Brasil seja grande/ porque o Brasil é um país que tem/ o povo brasileiro/ a raça brasileira é muito miscigenada/ tem muita mistura de italiano/ africano/ alemão/ japonês// então/ não é como você ir na Irlanda por exemplo/ na China ou no Japão/ que a raça é menos misturada// Então aqui a gente tem uma porcentagem muito maior/ que dizer/ pra você achar um doador de medula óssea no Brasil/ a probabilidade é 1 pra quinhentos mil//
Tânia Moraes	Pra achar um compatível?
Eduardo	Pra achar um compatível/ um estranho compatível// Nos outros países do mundo que não têm tanta miscigenação é 1 pra cem mil// Então no Brasil/ especialmente quanto mais doador tive melhor// E é muito fácil/ muito fácil fazer/ você vai faz o exame de sangue/ se aparecer nos primeiros testes que você pode ser doador pra uma pessoa/ ai você é chamado a fazer um segundo exame/ um pouco mais detalhado/ até uma segunda planilha que tem que combinar e se for o doador realmente/ ai você é o doador/ você leva uma picadinha ou peito ou aqui na bacia/ puxa com uma seringa/ uma meia

	seringuinha de medula e pronto/ ali já tem bastante células-tronco// É um procedimento que demora/ sei lá/ 5 minutos/ e é absolutamente indolor//
Tânia Moraes	Que coisa. O pior é que as pessoas têm medo, falando parece que é um negócio assim que machuca.
Eduardo	Pois é/ o objetivo do livro Tânia/ é exatamente esse/ porque transplante e tal a pessoa já morre de medo/ é mais do que na ignorância vamos dizer/ do que na ignorância com relação ao assunto do que do procedimento em si// Outras coisas que assustam é/ são os palavrões da quimioterapia/ da radioterapia/ que na verdade são procedimentos também absolutamente indolores// Eu fiz duas sessões de quimioterapia/ na hora do almoço/ almoçando/ entendeu?// vendo televisão e ai faz a quimioterapia/ que é uma bolsa com um líquido branco que injeta no corpo//
Tânia Moraes	O duro é depois né?/ Os efeitos colaterais pós-tratamento?//
Eduardo	Olha/ não é duro não/ o efeito maior é o estético/ você fica careca como toda quimioterapia e radioterapia// Eu quando combinei com o doutro Nelson que a gente iria fazer mesmo o transplante/ eu estava internado/ eu voltei pra casa/ fiquei uma semana/ depois me internei no Aisten pra fazer o transplante/ ai quando eu cheguei em casa eu raspei a minha cabeça, né?// com gilete mesmo/ raspei bem raspadinho que nem barba e minha mulher chegou em casa e falou/ nossa/ o que é isso?// Eu falei/ agora esse aqui é o modelito 2008/ vamos comemorar// Daí tomei/ abri um bom vinho/ comprei uns queijos// exatamente pra que ela não ficasse eventualmente traumatizada de chegar um dia no hospital eu estar com cabelo e depois de 3 ou 4 dias eu estar careca// Então a gente tem que levar isso de um jeito/ com alegria/ com otimismo e levar pra frente// Claro que pra uma mulher que é muito mais vaidosa é mais traumático/ mas se souber levar numa boa/ esse é o efeito que tem/ efeito colateral de ficar careca/ se você tem um câncer e ai faz um tratamento e fica careca/ convenhamos também que é muito pouco/ praticamente nada//
Tânia Moraes	Aliás/ vamos falar sobre otimismo/ Eduardo Marafanti sempre fala/ no primeiro livro já salientava bastante a questão do otimismo/ de encarar a situação com um olhar bacana/ vendo o lado interessante e uma forma de superar e não sucumbir à doença// Agora/ no segundo livro também falando também sobre o papel do otimismo/ é claro que em alguns momentos é difícil manter o otimismo/ mas é fundamental né Eduardo?//
Eduardo	Eu acho que sim/ porque tem muita gente que me pergunta/ há mas você não/ você tem uma doença que é grave/ é um câncer/ você não tem medo de morrer?// Eu costume dizer eu vou morrer/ você/ todo mundo que está ouvindo a gente/ vai morrer também com absoluta certeza/ você só não sabe quando mesmo/ eu não sei se amanhã eu to vivo/ eu não sei se amanhã/ com todo respeito/ você/ seu técnico ai do lado está vivo// Você pode ter um acidente de carro/ pode ter uma doença qualquer/ pode cair um avião na sua cabeça/ então.../ se a gente ficar com medo de morrer é a tal da profecia auto-

	<p>rivalizada/ você passa 70 anos da sua dizendo um dia eu vou morrer e um dia você morre mesmo/ então eu acho que a gente tem que levar a vida com amor/ com alegria/ com felicidade/ com equilíbrio e vamos em frente// Daí até a brincadeira do nome/ do título de TMO / Tenha Muito Otimismo / realmente o transplante de medula óssea é pra ter otimismo e não ter medo/ o livro é pra desmitificar e pra que as pessoas não fiquem com medo// Tem que encarar a vida com otimismo/ aliás você pelo que eu ouço no rádio é bem desse time/ dou os parabéns por isso//</p>
Tânia Moraes	<p>É... procuramos/ procuramos// Ok// Eduardo Marafante/ muito obrigada e bom domingo pra você//</p>
Eduardo	<p>Muito obrigado/ igualmente e vamos ver se o Massinha vira campeão hoje//</p>
Tânia Moraes	<p>Pois é/ hoje vamos ser otimistas com o Felipe Massa// Ok!// Empresário Eduardo Marafante// Ele sofre de Leocemia Meloide crônica/ No ano passado passou por um transplante de medula óssea e está lançando o livro para falar sobre a experiência/ é TMO/ TMO que são as iniciais de transplante de medula óssea e aí ele faz uma brincadeira com TMO / tenha muito otimismo / o diário de um transplantado de medula óssea//</p>

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Pioto

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
11/11 – ter	Ciência & Saúde	Alimentos Industrializados	Entrevista	SC-E2	10'05"

Pioto	Uma reunião realizada ontem com entidades médicas e órgãos que defendem os consumidores/ concluiu que é necessário reduzir drasticamente a quantidade de açúcar/ gorduras e de sódios dos alimentos industrializados a venda no Brasil// O painel elaborou um documento que será entregue ao Ministério da Saúde/ solicitando que esta redução ocorra até dezembro de 2009/ ou seja/ as indústrias teriam a partir de agora/ se o Ministério aceitar a decisão por parte das entidades médicas/ teria um pouco mais de um ano pra tomar.../ pra fazer as mudanças todas// A gente conversa agora com Maria Inês Tosti, que é coordenadora institucional da Proteste// Doutora boa tarde/ bem-vinda aqui a CBN//
Maria Inês	Muito boa tarde/ já agradeço a oportunidade de poder falar um pouco a respeito da alimentação saudável//
Pioto	Doutora/ não é de hoje que/ eu tenho 36 anos/ mas eu me lembro que quando eu tomava achocolatado de manhã/ com leite/ tinha de se por açúcar porque o achocolatado não era tão doce como é hoje// Hoje ele já vem doce e/ o que por exemplo/ aqueles <i>snacks</i> / aqueles biscoitinhos/ alguma coisa assim/ salgados/ são muito salgados/ com muito sabor/ enfim/ é um erro da indústria que tentou só atender ao gosto do consumidor/ mas não pensou no lado do ser saudável ou foi digamos um afrouxamento das regras do Governo que deixou de fiscalizar essas coisas e agora vem digamos/ comina com essa reunião de entidades médicas e órgãos de consumidores/ dizendo/ olha/ tem alguma coisa errada na alimentação que é vendida ao brasileiro//
Maria Inês	Primeiro/ esses dois exemplos que você deu são excelentes exemplos que mostram como as crianças podem ser prejudicadas em sua saúde e portanto a Proteste fez estes dois testes que você citou/ o achocolatado e também o outro produto/ e nos dois nós encontramos problemas/ excesso de sal/ excesso de açúcar/ isso tem sido uma constância muito grande nos testes da Proteste// Agora/ o que ocorre é que hoje os alimentos vendidos industrializados para crianças/ eles não adotam normas específicas de preparo e conservação e também não limitam o uso de açúcar/ de gordura/ de sal// Portanto/ a ideia da Proteste é que esta realidade tem que ser mudada/ por isso nós estamos pedindo alterações nos alimentos para as crianças/ como a gordura trans que seja proibida/ limitação da quantidade de açúcar e gordura, proibição da utilização de corantes artificiais e do corante benzoato de sódio e portanto

	<p>nós/ estamos em campanha já desde a semana da criança, desde outubro e ontem então, foi feita uma carta, que nós denominamos de carta de São Paulo juntamente com a Associação Paulista de Medicina/ outras também que assinaram/ fizeram pacto por um alimentação mais saudável/ onde estamos pedindo providências das autoridades com ações pra uma alimentação saudável desde a infância e as propostas foram formuladas e hoje encaminhadas ao Ministério da Saúde e outras autoridades/ pra que esse cenário no Brasil possa ser modificado rapidamente/ tendo em vista que hoje a população infantil/ já tem/ cerca de 15% da população/ já tem como diagnóstico a obesidade e além disso/ estamos tendo um alto índice de morbidade causada por uma alimentação inadequada//</p>
Pioto	<p>Doutora/ mas o que tem digamos excesso de componentes/ no caso o sódio/ e ai nós estamos falando de algo que fica muito salgado ou de açúcar/ mas/ além disso tem/ digamos/ algo que é prejudicial/ ou seja/ que pode ser nociva a saúde no primeiro momento/ basta que seja consumido?// É a repetição que vai trazer o problema no consumo daquilo ou o simples consumo de alguma coisa já vai trazer o problema?//</p>
Maria Inês	<p>É a ingestão diária ou conseqüente/ como vem acontecendo frequentemente nossa crianças elas tem cada vez mais consumido produtos industrializados/ portanto nós sabemos que os hábitos alimentares também têm que ser mudados desde a infância/ dentro de casa/ também junto as escolas/ então/ esse é um trabalho muito grande em defesa de uma alimentação mais saudável e principalmente porque uma criança é obesa/ ou uma criança hipertensa/ ela pode carregar isso pro resto da vida adulta dela// Portanto/ essa redução drástica de sal/ açúcar/ gordura saturada e trans e todos os alimentos industrializados que são considerados não saudáveis são de extrema necessidade nesse momento/ e a Proteste juntamente com mais oito entidades estão pedindo que isso aconteça até dezembro de 2009//</p>
Pioto	<p>O prazo é razoável se tratando de alimentos?/ Porque qualquer mudança por exemplo em carros/ sempre é de quatro/ cinco/ seis/ anos. No caso de alimentos/ esse 1 ano a indústria não vai reclamar que vai estender por mais tempo doutora?//</p>
Maria Inês	<p>Nós entendemos que a maioria das empresas são multinacionais/ que já atuam no exterior e lá no exterior elas já fizeram essa redução/ portanto é transportar a metodologia utilizada lá pros alimentos aqui no Brasil//</p>
Pioto	<p>Ou seja/ já não se trata de uma descoberta nova/ a fórmula já existe//</p>
Maria Inês	<p>Não se trata de um fato novo/ a fórmula já existe/ portanto/ a nossa cobrança é que seja rápido//</p>
Pioto	<p>Agora/ por que a indústria continua fazendo/ digamos/ se ela já tem um exemplo de uma sociedade no mundo que pediu menos sal/ pediu menos açúcar/ pediu menos uma série desses componentes químicos nos alimentos/ por que continua fazendo aqui no Brasil?//</p>

Maria Inês	<p>Na verdade/ falta ai talvez/ uma imposição maior por parte do Governo/ pra que isso ocorra// Agora/ já existe um documento que é uma cooperação técnica que foi assinada em dezembro de 2007/ do Ministério da Saúde e da Associação da Indústria de Alimentação pra que haja uma consciência e uma disposição em mudar esse cenário no Brasil// Portanto/ nós estamos cobrando essa ação/ estamos cobrando esse acordo de cooperação/ porque foi assinado pra que isso aconteça rapidamente/ evitando que nossas crianças tenham a saúde e que diminua também o índice de morbidade causada por uma alimentação inadequada//</p>
Pioto	<p>De qualquer forma/ isso vai ser levado agora para o Ministério da Saúde que tem prazo pra responder doutora/ ou depende também digamos da posição que vai tomar o Ministério ante essa reivindicação?//</p>
Maria Inês	<p>O Ministério ele já esta tomando providências/ já tem um grupo constituído pra poder na verdade estar fazendo esse trabalho/ a reunião deve ser até o final do mês e portanto acredito que todos os envolvidos poderão mudar esse cenário no Brasil e por isso que a Proteste está pedindo que a sociedade se mobilize/ a população cobre da indústria de alimentos/ das autoridades ações defensivas para defender essa situação// E no nosso site temos uma menção que trás parte da campanha desenvolvida pela Proteste/ que é o site www.proteste.org.br// As pessoas podem entrar e aderir a esse abaixo assinado que vai compor a carta de São Paulo também//</p>
Pioto	<p>Doutora/ muito obrigado pela entrevista aqui na CBN/ boa tarde//</p>
Maria Inês	<p>Boa tarde e até a próxima//</p>
Pioto	<p>Maria Inês Tosti é coordenadora excepcional da Proteste// A gente vai também ouvir o Ministério da Saúde acerca do assunto e entidades da indústria de alimentos e o porquê a indústria tem uma atitude lá fora e por que tem uma atitude diferente aqui no Brasil/ que segundo essa equipe/ esse grupo de entidades médicas e também de defesa do consumidor no Brasil// A atitude que tem a indústria de alimentos no Brasil é nociva à saúde do brasileiro/ mas ela não é nociva quando vai vender os produtos lá fora// Aliás, o caso é muito semelhante se você parar pra pensar no que aconteceu por exemplo com a história do diesel/ o diesel S-50/ aquele diesel com até 50 partes de enxofre por milhão/ lá fora a indústria automobilística/ que é a mesma por sinal que atua no Brasil/ são todas grandes e importantes multinacionais// Lá fora/ o que faz a indústria?// Faz um carro preparado/ com tecnologia/ com motor/ enfim/ pra usar um diesel muito menos poluente// Aqui a indústria demora e reclama que a ANP demorou a passar as informações técnicas pra poder digamos/ desenvolver o motor// A mesma coisa faz a Petrobrás/ outra multinacional/ no caso brasileira/ que lá fora tem que seguir algumas outras recomendações/ mas aqui continua servindo esse diesel poluente/ cheio de enxofre e extremamente prejudicial ao pulmão do brasileiro/ que pelo que se entende/ depois dos seis anos que demoraram ai pra tomar alguma atitude/ nem a ANP/ nem Governo Federal/ nem Petrobrás/</p>

	nem Anfavea/ que representa as montadoras/ consideram que o pulmão do brasileiro vale tanto quanto o pulmão de europeu/ de americano/ pelo resultado de não fazerem nada nos últimos seis anos/ desde 2002/ daquela resolução do Conama/ até agora apreço que pulmão de brasileiro vale menos pra essas entidades e empresas//
--	--

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Pioto

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
11/11 - ter	Ciência & Saúde	Livro TOC	Entrevista	SC-E3	15'01"

Pioto	Está sendo lançado o livro O Marcador de Passos/ o primeiro livro brasileiro que trás um relato autobiográfico sobre o transtorno obsessivo compulsivo/ conhecido como TOC// A obra foi escrita pelo publicitário Tales Brito/ portador do transtorno desde 2005/ quando tinha 22 anos com o auxílio da psicóloga Shirley Lizak Zolfan/ especialista no assunto e que faz o tratamento do autor// O objetivo da obra é descrever os sintomas e o cotidiano de quem sofre de TOC// Nesse universo entre paciente e psicólogo/ exatamente como paciente/ autor do livro e o psicólogo também autor do livro/ é com quem nós vamos conversar agora// Tales Brito/ boa tarde/ bem vindo//
Tales	Boa tarde a todos.
Pioto	Doutora psicóloga comportamental/ Shirley Lizak Zolfan/ seja bem-vinda/ boa tarde//
Shirley	Boa tarde/ obrigada pelo convite//
Pioto	Quando o assunto nos chegou aqui e deu pra entender que era/ foi um livro escrito a quatro mãos/ mais ou menos isso/ pelo menos a história é a quatro mãos/ quem escreveu pode ser duas ou não?// Como foi Tales?//
Tales	Eu acho que em duas mesmo/ porque em 2005 eu comecei a escrever meus relatos/ como um diário/ pra eu levar um pouco mais explicado pras pessoas que me tratavam/ no caso a minha psicóloga/ doutora Shirley e o psiquiatra do Hospital das Clínicas// Então/ eu resolvi escrever/ quando fui ver/ a Shirley devolveu a pasta recheada e ai eu pensei/ bom/ acho que a melhor maneira de terminar essas informações é ajudar o público/ público leigo/ porque não se houve falar muito sobre TOC na mídia// Você houve falar mais em anorexia/ bulimia/ transtorno bipolar etc e não de TOC/ então eu preferi optar por um espaço que eu achei mais sem limites/ que seria um livro junto com a minha experiência de vida/ assim pessoalmente/ algo mais assim efetivo para o público em geral/ esperando atingir estudantes de psicologia/ psiquiatria/ neurologistas/ pra que possam também/ de acordo com uma teoria que eu desenvolvo no livro/ possam estudar melhor a compreensão de um portador de TOC.

Pioto	Pra gente entender/ mas antes de tudo Tales/ eu queria.../ você escreveu em forma de diário/ pra levar pro seus médicos/ os médicos que tratavam você naquele momento/ o psicólogo// Em algum momento você/ quando teve a ideia de receber o material todo e/ ... Ah/ eu quero compartilhar isso/ não eram informações digamos íntimas demais/ ou você fez adaptações naquilo tudo?//
Tales	Olha/ na verdade/ o verdadeiro tema do TOC/ quem sabe exatamente são a minha psicóloga Shirley e a minha psiquiatra Bernadete/ com tudo/ no livro/ eu exponho de uma forma/ eu exemplifico/ substituindo então o verdadeiro teor das minhas obsessões/ porque eu acho que pra mim é um constrangimento máximo sabe/ é uma coisa assim/ que eu não posso expor mais pra ninguém// Então/ só as duas sabem realmente o valor do teor das minhas obsessões/ as minhas obsessões compulsivas// Mas eu explico direitinho lá/ com meus exemplos/ que são de fácil compreensão e tudo mais//
Pioto	Doutora Shirley/ pra gente inserir o nosso ouvinte nessa discussão/ TOC/ se identifica um paciente digamos que sofre transtorno obsessivo compulsivo a partir de que momento?// Onde é que isso realmente passa a ser clinicamente entendido e tratado?//
Shirley	Então/ na verdade/ você pode acompanhar/ isso pode acontecer desde a puberdade, às vezes até desde a infância/ quando pode aparecer alguma coisa nessa compulsão por limpeza/ verificações/ colecionismos e a partir disso/ ficar alerta pra poder ver se não é algo que está atrapalhando o seu dia-a-dia/ se estiver impedindo você de fazer alguma coisa por causa desses pensamentos por causa desse efeito aí que a gente chama/ seria importantíssimo estar indo verificar e fazer o diagnóstico se realmente é TOC//
Pioto	A senhora diz um pensamento que impeça de levar uma vida normal?//
Shirley	Isso// Porque o TOC/ ele diz o seguinte:// pensamentos que acabam pra você neutralizar esse pensamentos/ você acaba tendo comportamentos repetitivos e isso acaba muitas vezes/ porque você/ por exemplo/ muitas vezes/ vai lavar a mão muitas vezes/ ter que checar a porta várias vezes/ ver se está fechada/ você acaba atrapalhando seu dia-a-dia// Você se atrasa nos seus compromissos/ você deixa de realizar algumas tarefas//
Pioto	Tales/ o que começou a lhe incomodar pra buscar o tratamento?// Qual foi o primeiro/ você poderia nos revelar?//
Tales	Claro/ na verdade foi numa reportagem num desses programas femininos que passam a tarde// Estavam falando sobre algumas celebridades/ inclusive o Roberto Carlos/ cantor// Ai eu estava fazendo alguns exercícios físicos/ quando de repente/ aquilo me chamou a atenção porque eu virei a cabeça voltada pra TV justamente porque me chamou a atenção o conteúdo das compulsões// Então eu me identifiquei muito com aquilo/ daí eu procurei

	ajuda/ na verdade assim/ eu fui até a internet/ pesquisei sobre o TOC no site da ASTOC/ e descobri de que 100% dos sintomas/ uns 85% eu tinha//
Pioto	O que te chamou a atenção na reportagem da televisão?// O que você falou do Roberto Carlos/ uma coisa que todo mundo conhece do Roberto Carlos/ é não gosta de uma das coisas/ se eu não me engano marrom/ é isso né?// Ele não usa roupa de forma alguma/ se constrange se alguém está usando próximo a ele//
Tales	Exatamente/ existem vários tipos de manias/ de compulsões/ no meu caso eu já estava num estado meio grave até// Eu terminei a universidade e estava/ praticamente/ parei de fazer tudo na minha vida/ em função do TOC// Eu vivia em função de rituais/
Pioto	Qual era o seu ritual que começou a lhe incomodar tanto e atrapalhar sua vida?//
Tales	Então/ meu ritual ele era de acender e apagar a luz/ na hora de tomar banho de tirar e por a roupa/ abrir e fechar o chuveiro/ fechar e abrir a porta// Eles eram muito intensos em todas as coisas que eu fazia/ foi o fato do título/ porque em tudo que eu fazia/ tinha alguma coisa lá marcando meus passos literalmente// Então/ eu cheguei num estágio de hesitação/ que é um estágio mais grave/ onde a pessoa abandona todas as tarefas em função do ritual//
Pioto	Doutora Shirley/ quando a senhora ouviu o relato/ pela primeira vez/ do Tales Brito/ que conta toda sua história no livro/ e a senhora viu que o caso quase começava a ficar grave porque repetia muito o que/ em que momento?//
Shirley	Então/ ele chegou nesse primeiro estágio/ quando ele já não fazia mais/ quando ele não fazia mais muitas coisas/ já não saia de casa/ não conseguia abrir o portão da casa/ descer as escadas do quarto dele// Então/ ele já estava nesse estágio/ que é o que ele falou/ de hesitação realmente/ ele não fazia nada/ pra que não viesse esses pensamentos e não precisasse estar repetindo porque isso torna até algo cansativo mesmo/ no fim do dia ele estava bem exausto// Então/ ele chega nesse momento no estágio bem grave e aí a gente começa a trabalhar e buscar mesmo o psiquiatra pra dar a medicação necessária e poder entrar com o trabalho mesmo da comportamental/ que é tentando acompanhá-lo/ ver/ colocar o tratamento em exposição e prevenir essas respostas que ele dava/ esses comportamentos//
Pioto	Doutora/ mas por exemplo/ ele disse que costumava abrir e fechar a torneira do chuveiro/ fechar e abrir a porta/ esse tipo de movimento é não conseguir deixar de fazer isso e portanto deixar de fazer outras coisas/ é isso?//
Shirley	Ele abria e fechava várias vezes/ não conseguia sair do banheiro/ então ele perdia tempo// Então/ o portão da casa dele mesmo/ ele não conseguia abrir o portão pra poder sair e fazer alguma atividade// Então/ ele já estava restrito a casa dele/ quando não ficava restrito ao próprio quarto//

Pioto	Tales/ qual é sua situação hoje/ como é que você se sente em relação a tudo isso?// Alisas/ quanto tempo já de tratamento?//
Tales	Olha/ eu estou fazendo tratamento a três anos/ me sinto mais assim/ digamos/ que confortável por saber que eu não estou sozinho nesse cenário/ porque se fosse nos anos 80 mais ou menos/ quando comecei a manifestar um pouco de TOC na infância/ as pessoas não tinham conhecimento tanto quanto têm hoje/ tanta informação/ então/ eu me sinto um tanto seguro já/ sabe/ que eu não estou sozinho/ meu estágio está moderado hoje em dia/ eu consigo sair/ eu tenho muitas limitações/ muitas dificuldades ainda porque não se trata de um transtorno muito simples/ mas eu ando já conseguindo dar meus passos/ então eu consigo dar seguimento a minha vida//
Pioto	Você hoje tem essa noção de que/ digamos/ exagerava na repetição de alguns movimentos/ você tinha essa noção no começo ou não?// Aquilo era/ digamos/ normal pra você/ compreensível pra você naquele momento?//
Tales	Na verdade/ aquilo pra mim era como se fosse um pensamento mágico// Por exemplo/ se você pega uma caixinha de cigarro/ maço/ você pega ele e joga ele em algum lugar/ por exemplo/ eu fazia isso em cima da minha cama/ se ele caísse com a parte de trás/ com aquelas mensagens de doença e etc/ seria como se algo ruim fosse acontecer comigo e isso chamado pensamento mágico/ então/ eu tinha muito disso/ ai quando eu soube o que era o transtorno obsessivo compulsivo/ eu consegui lidar melhor/ agora eu paro/ penso/ tento racionalizar um pouco a situação/ porque a palavra certa é essa:/ racionalizar/ porque os pensamentos egodistônicos/ eles acabam sendo muito freqüentes/ de tão freqüentes/ eles acabam parecendo ser naturais seus/ Então/ é uma coisa muito redundante para ser explicada//
Pioto	Doutora/ quem está nos acompanhando agora imagina/ em algum momento se pergunta se tem situações semelhantes a essas que o Tales está nos contando// Quando é que/ digamos/ a pessoa tem de levar qualquer/ digamos/ repetição de movimentos mais a sério e procurar ajuda/ doutora?//
Shirley	Então/ se está tendo alguma dificuldade pra estar realizando a sua tarefa do dia-a-dia/ se aquilo está prejudicando/ de certa forma/ por exemplo/ a gente tem alguns que colecionam jornais velhos e com isso podem estar trazendo algum malefício para a própria saúde/ então/ quando perceber que aquilo que está fazendo/ está entrando em demasia/ quando está afetando realmente o seu dia-a-dia/ é importantíssimo fazer uma avaliação e procurar um especialista//
Pioto	Quando/ digamos/ muda a rotina por causa de alguma coisa/ digamos/ já é um sinal muito claro?//
Shirley	Muito claro/ ou então/ quando está repetindo muitas vezes a mesma situação/ se atrasando constantemente pra suas tarefas/ porque tem que acender e apagar a luz várias vezes/ você acaba chegando atrasado em seus compromissos/ então seria importante estar fazendo a verificação//

Pioto	Olha/ o livro chama-se O Marcador de Passos/ é o primeiro livro brasileiro que traz um relato autobiográfico sobre o Transtorno Obsessivo Compulsivo// A autoria do livro é Tales Brito/ ele que é exatamente alguém que passa pelo problema/ que passou pelo problema/ e hoje tem uma situação muito melhor/ e nós conversamos com Tales// Tales/ muito obrigado pela entrevista e também/ a Doutora Shirley Lizak Zolfan/ que é psicóloga comportamental/ a psicóloga que trabalhou com o Tales durante todo esse tempo// Muito obrigado pela entrevista/ olha/ o livro chama-se/ portanto/ O Marcador de Passos/ a editora é Esetec/ é isso Tales?//
Tales	Exatamente/ editora Esetec/ o livro/ ele ainda não foi lançado oficialmente aqui em São Paulo/ no entanto/ ele foi lançado num congresso em Campinas e estamos agendando o lançamento/ talvez para esse ano ainda/ mas pode ser encontrado pelo site da esetec.com.br//
Pioto	Tales/ muito obrigado pela entrevista/ boa tarde e sucesso com o livro e com o tratamento//
Tales	Eu que agradeço pela oportunidade e muito obrigado//
Pioto	Doutora Shirley Lizak Zolfan/ psicóloga comportamental/ doutora muito obrigado e boa tarde//
Shirley	Obrigada.
Pioto	Até mais.

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Heródoto Barbeiro

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
12/11 – qua	Ciência & Saúde	Transplante coração	Entrevista	SC-E4	06'49"

Heródoto	<p>Ontem eu chamei sua atenção para uma reportagem publicada no jornal espanhol El País/ traduzido na UOL/ dizendo o seguinte/ corações que batem depois de mortos// Depois diz/ a demanda por órgãos reabre o debate sobre vida e morte/ numa certa altura/ o seguinte/ até hoje a maior parte das doações procediam de pacientes com morte cerebral/ que é declarada quando se acredita na perda irreversível das funções cerebrais// Mas/ nos últimos tempos os programas de transplante acrescentaram a possibilidade de ter órgãos de pacientes em morte cardíaca ou circulatória/ que ocorre quando o coração entra em assistoria irreversível e é incapaz de bombear o sangue por seus próprios meios//</p> <p>Eu estou aqui pra gente entender melhor isso com o presidente da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos/ doutor Valter Garcia// Bom dia doutor Valter Garcia//</p>
Dr. Valter	Bom dia//
Heródoto	Doutor Valter/ essa prática que está sendo divulgada na Europa e tem um artigo publicado no The New England/ essa prática como é no Brasil?//
Dr. Valter	<p>Isso é importante// Pra doação de córnea/ de tecidos/ podemos até 6h após a parada do coração se utiliza em todo o mundo// Dado a doação de órgãos/ coração/ rim/ pulmão/ pâncreas/ até alguns anos atrás eram só de pessoas com morte encefálica com o coração batendo/ isso era prática e ainda é em 95%/ 90%/ dos transplantes no mundo são assim// Mas/ já alguns anos começou isso/ principalmente na Holanda/ na Espanha/ nos Estados Unidos e outros países a utilização de doadores após a parada cardíaca e ai essa notícia dos Estados Unidos porque tem 4 tipos de doações após a parada cardíaca// A pessoa que tem uma parada cardíaca na rua que é levada pra um hospital/ uma emergência/ e chega lá parada/ não sabe quanto tempo teve a parada/ é muito difícil/ em Madri/ na Espanha alguém que possa ser doador// Os acidentes de trânsito/ pessoa que tem enfarte/ que para dentro da emergência/ então se sabe exatamente o momento que parou// O terceiro tipo que é esse que são utilizados nos Estados Unidos/ que se chama parada cardíaca controlada/ que é uma pessoa que tem uma doença extremamente grave no cérebro/ que é irreversível/ mas não chegou o diagnóstico de morte encefálica/ porque não preenche os critérios de morte encefálica e então nos Estados Unidos há uma legislação que permite que desligue os aparelhos/ ai o coração para e é levada</p>

pro box e retira os órgãos/ do tipo 3// O tipo 4 é a pessoa que está investigando a morte encefálica/ já está com os testes/ está esperando a autorização da família e faz uma parada do coração// Aqui no Brasil a gente utiliza ainda se a família já autorizou e está esperando algum aspecto logístico de uma outra equipe chegar alguma coisa/ então isso a gente utiliza no Brasil// Mas/ esta morte/ a retirada de órgãos sem parada cardíaca/ nós não utilizamos no Brasil porque o primeiro aspecto é muito pouco conhecido da população// E ai/ o segundo aspecto/ a mudança na lei e a lei só vai poder ser modificada no Brasil quando a população entender isso e aceitar que hoje se chega alguém e faz uma parada na emergência fazem-se todas as medidas possíveis pra animar/ as vezes até abre o coração pra fazer massagem direta/ Mas/ no momento que se declara morto não pode mais mexer no cadáver e nessa situação após a parada cardíaca/ no momento que uma equipe/ 30/ 40 minutos de massagem e não conseguiu reanimar declara morto/ essa equipe anota no prontuário/ essa equipe sai/ entra uma outra equipe e 5 minutos que aquela equipe parou de massagear/ recomeça a massagear e ai coloca extra-corpórea ou o sangue/ ou coloca um cateter na artéria neural e vai até a aorta e coloca solução gelada dentro dos órgãos/ a gente chama de perfusão invicto/ dentro do corpo/ mas ai tem que ter uma lei que permita mexer no cadáver ainda sem autorização da família/ Tu vai pedir autorização/ que não dá tempo/ vai pedir autorização pra família depois que está com todo esse sistema montado/ vai entrevistar a família/ nesses países tem uma lei que permite se a família nega a doação/ retira esses aparelhos e entrega o corpo pra família// Então isto é uma outra forma de aumentar a doação após a parada/ Esse caso foi peculiar nos Estados Unidos porque normalmente nessa situação se retira rim/ fígado e pulmão/ coração/ como teve uma parada ele não é um coração bom/ mas quando a equipe fica massageando 40 minutos ou mais/ isso geralmente danifica o coração e ele não pode ser utilizado/ Mas/ nos Estados Unidos/ nessa situação/ esse coração não foi massageado/ ele apenas parou de bater porque tinha uma lesão cerebral grave/ mas isso se discute muito essa situação de tu deixares desligar os aparelhos e deixar para o coração com uma doença cerebral extremamente grave incurável/ mas não morte encefálica e retirar o coração nessa situação/ que normalmente o coração morre/ nesse caso ele não estava morto//

Heródoto

A legislação brasileira então não permite/ como o senhor disse?//

Dr. Valter

Não/ existe muito a ser discutido/ afirma que dois/ três/ quatro anos/ porque isso é uma possibilidade cada vez maior porque/ aqui no Brasil ainda não/ mas nos países desenvolvidos/ graças a Deus/ está diminuindo o número de morte encefálica/ o que é muito bom/ porque a morte encefálica é sempre uma tragédia/ é o filho da gente de dez anos que é atropelado/ a menina que vocês viram na reportagem de todo Brasil/ a fatalidade de levar um tiro é o assalto de um grande amigo nosso de 20 e poucos anos/ outro rapaz de 18 anos que caiu da moto/ uma pessoa de 40/ 45 anos que tem um derrame/ então/ sempre é uma morte triste e inesperada a morte encefálica e quanto menos morte encefálica a gente tiver/ melhor//

Heródoto	Entendo// Mito obrigado/ Dr. Valter Garcia// Dr. Valter é o presidente da Associação Brasileira de Transplante de Orgãos// Pra gente entender / a reportagem / vou repetir pra vocês / está publicada no El País / traduzida no UOL / cujo o título é:/ Corações que batem depois de mortos//
----------	---

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Pioto

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
12/11 - qua	Ciência & Saúde	Crianças açúcar	Entrevista	SC-E5	13'21"

Pioto	Entidades médicas e órgãos que defendem os consumidores / concluiu que é necessário reduzir drasticamente / a quantidade de açúcar/ gorduras e sódio presentes nos alimentos industrializados que estão a venda no Brasil/ a disposição do consumidor nas gôndolas e supermercados// O painel elaborou um documento chamado carta de São Paulo que será entregue ao Ministério da Saúde solicitando que essa redução ocorra até dezembro de 2009// Ontem / numa entrevista aqui no CBN Total/ a coordenadora excepcional da Proteste/ Maria Inês Tosti/ afirmou que as indústrias que fabricam esse tipo de alimento no país já têm sim capacidade técnica de fazer a redução/ embora não façam ainda/ mas/ teriam toda a condição técnica pra fazê-la//
Sonora Dra. Maria Inês Tosti	A maioria das empresas são multinacionais/ que já atuam no exterior e lá no exterior elas já fizeram essa redução/ portanto é transportar a metodologia utilizada lá pros alimentos aqui no Brasil//
Pioto	Procurada pela produção aqui do CBN Total/ a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação/ afirmou que ainda está reunindo as opiniões das empresas associadas e não vai se manifestar no assunto/ diz que não pretende ainda se manifestar sobre o assunto/ ou seja/ algo que já é de conhecimento da própria indústria/ até porque a qualidade do alimento oferecido no Brasil é de muito mais sódio/ muito mais açúcar do que em outros lugares do mundo e a boa parte nós estamos falando aqui de multinacionais/ que tem restrições lá fora/ aqui ainda precisa segundo a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação/ reunir as opiniões de todas as empresas associadas/ pra depois se verificar se vão ou não se manifestar/ Nós vamos continuar cobrando uma manifestação da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação// Também procuramos o Ministério da Saúde que está recebendo esta carta de especialistas, a assessoria de imprensa do Ministério informou que tinha problemas de agenda hoje e que provavelmente/ talvez/ se manifeste amanhã/ nós vamos continuar ouvindo também, porque a entidade pública tem que se manifestar dar pelo menos uma resposta a cerca dessa reivindicação que faz a sociedade// Ainda pra falar com um representante dessa reunião/ nós estamos em contato agora com o doutor Carlos Alberto Nogueira de Almeida/ que é da Sociedade de Pediatria de São Paulo e diretor de Nutrologia Pediátrica da Associação Brasileira de Nutrologia e participou também da formulação desse documento// Doutor/ boa tarde//

Dr. Carlos	Oi// Boa tarde//
Pioto	Doutor/ nós tivemos ontem a entrevista da doutora Maria Inês Tosti/ do Proteste/ e ela disse que o que o Brasil está reivindicando/ que essa comissão de pessoas conhecedoras do assunto ta reivindicando é algo que já existe lá fora// A indústria já é cobrada por menos sódio/ menos açúcar/ por alimentos mais saudáveis/ embora industrializados/ mas/ mais saudáveis lá fora// Portanto/ há essa reivindicação que o Ministério da Saúde poderia aumentar a fiscalização/ baixar normas/ enfim/ qual é hoje/ pra quem consome/ o risco de estar/ digamos/ ingerindo mais sódio do que deveria/ mais açúcar do que deveria/ sobretudo crianças?//
Dr. Carlos	Olha/ ai existe uma série de consequências e a gente tem que estar atento/ por exemplo/ o consumo excessivo de sal/ ele vai trazer por exemplo/ um risco maior do desenvolvimento de hipertensão arterial aquelas crianças e adolescentes que sejam receptíveis a essa doença/ especialmente crianças que tenha já um peso um pouco mais elevado/ então/ o consumo de sal ele tem que ter um certo controle/ O açúcar de igual forma/ o açúcar quando colocado em excesso/ ele dá um sabor no alimento que é mais atraente pra crianças/ então a criança tende a comer mais desse alimento e já ele tem mais açúcar/ é mais calórico e hoje a obesidade é um problema seríssimo que nós temos ai no Brasil//
Pioto	O açúcar doutor é colocado às vezes em maior quantidade por que torna o alimento mais atraente, é isso?
Dr. Carlos	Eu acho também que a gente tem que ter bastante cuidado/ assim/ não é que a indústria coloque mais açúcar pra que ele fique mais atraente/ vamos ser bastante honestos/ nós estamos iniciando esse processo de cobrança dessas mudanças de um tempo relativamente curto pra cá e a indústria tem alimentos no mercado que tem uma quantidade excessiva de sal e de açúcar/ mas/ que historicamente sempre tiveram/ é parte do gosto/ o brasileiro tem uma tendência a gostar de alimentos bastante adocicados/ bastante salgados/ às vezes a gente até viaja pro exterior/ trás um alimento especialíssimo de lá e as pessoas aqui não apreciam/ então/ esse processo de adaptação da indústria ele vai ter que ser feito sem dúvida alguma// As próprias indústrias eu acredito que as mais feras tem grande interesse em melhorar a qualidade do seu alimento/ mas esse também vai ter que ser um processo feito com calma/ devagar/ porque eles estão sendo cobrados disso há um tempo relacionavelmente curto// Agora/ não há dúvida de que pra uma criança um alimento mais doce é mais agradável que o outro/ o adulto ele até sabe pesar os riscos disso/ mas a criança não/ ela vai pelo sabor mesmo//
Pioto	Mas diante desse quadro/ seja pelo gosto do brasileiro/ seja pela forma como o alimento chega na sua formulação original da fábrica// Doutor/ uma criança brasileira então de consumo médio dessas coisas industrializadas/ está comendo muito mais açúcar e muito mais sal do que uma criança/ digamos/ de um país onde o controle é maior// Comparativamente/ qual é o risco pra

Dr. Carlos	<p>ela/ do ponto de vista de saúde pro futuro?//</p> <p>Se nós formos fazer uma análise comparativa de um produto/ por exemplo/ vamos usar o exemplo de um chocolate/ o chocolate brasileiro ele tende a ser mais doce do que o vendido por exemplo na Suíça// Então/ o consumo de um produto mais adocicado/ ele vai aumentar lógico o índice dessa criança se tornar obesa e no caso específico do chocolate/ a quantidade maior de cacau torna o chocolate até um alimento funcional/ alimento que tem até benefícios do seu consumo moderado// Então/ logicamente se a gente fizer essa análise comparativa/ a criança brasileira hoje possivelmente ela esteja consumindo produtos que levem a maiores riscos sim/ se nós compararmos a países em que essa transição já está sendo feita//</p>
Pioto	<p>Em algum momento eu acho que nós já temos alguns produtos Premium ai/ alguns funcionais/ o mercado brasileiro não é tão órfão disso/ mas/ a maior parte/ digamos/ segue essa receita tradicional de atender ao gosto brasileiro/ com mais açúcar e mais sódio/ dependendo do que é/ é isso?//</p>
Dr. Carlos	<p>Isso/ isso mesmo// E esta linha Premium como você lembrou muito bem/ ela acaba ficando restrita aquelas pessoas de maior poder aquisitivo/ aquelas pessoas que já estão tendo um patamar na educação nutricional diferenciado e que vão em busca desses alimentos e que tem condição de comprá-lo// O que nós estamos querendo justamente nesse grupo que está reunido e trabalhando com isso/ nós estamos querendo justamente é que essa linha saudável ela se torne o padrão e não uma exceção para aquela pessoa que busca um alimento diferenciado// O que a gente gostaria é que uma bolacha infantil tivesse um padrão de açúcar e de sódio baixo no geral/ e não que fosse um alimento específico/ porque uma pessoa hoje que quiser consumir uma alimentação de pouco açúcar/ pouco sal/ rico em fibras/ que é um outro defeito da alimentação brasileira/ ela é capaz de encontrar esses alimento sim/ mas a um custo muito alto e frequentemente ela tem que procurar/ mais/ geralmente ela não vai encontrar nas grandes redes esse tipo de produto//</p>
Pioto	<p>O consumo doutor/ eu já tiver oportunidade de ouvir especialistas que fazem mensuração de mercado e eles dizem que o consumo de produtos industrializados hoje/ na média/ não somente uma questão proporcional/ mas/ na média é muito maior do que era a 10 anos atrás/ do que era a 20 anos/ muito mais ainda do que era a 30 ou 40 anos// Ou seja/ come-se muito mais de produto industrializado hoje do que comia-se no passado// Aquela história da hortinha no fundo de casa/ sobretudo nas grandes cidades/ isso praticamente não existe né?// O sujeito relega o pé de laranja que tem ou que ele possa vir a ter porque ele acha que é mais fácil comprá-lo da feira ou do supermercado e por ai vai/ ou o suco já pronto/ enfim/ essa coisa toda// O senhor acha que se tiver realmente uma releitura e uma reclassificação desses alimentos de acordo com o nível de sódio menor/ como diz/ como querem por exemplo as entidades clínicas envolvidas/ médicas envolvidas/ menos sódio/ menos açúcar e digamos com mais fibra/ alimentos mais funcionais/ mesmo pra esses alimentos mais baratos voltados pra maior parte da população/ o senhor acha que teríamos uma revolução alimentar no país/ ou isso ainda é</p>

Dr. Carlos	<p>muito pouco?///</p> <p>Eu acho que é um grande passo/ o maior passo eu acho desse/ não é nem tanto pelo efeito que essa atitude vai ter em si/ mas/ é pelo modelo que ela vai representar no momento que a sociedade civil se organiza junto a entidades médicas/ defesa do consumidor/ inclusive/ no evento/ nós tivemos lá pessoas da justiça/ promotores/ a cidade se organiza no sentido de dizer/ olha/ nós estamos querendo consumir outro tipo de produto// Porque o que a indústria precisa é vender o produto/ mas ela precisa ter consumidor pra vender/ então/ normalmente a gente diz/ nós queremos um produto diferenciado/ a indústria imediatamente vai se mobilizar pra modificar esse produto// Então, eu acredito que seja um passo importante pra que cada vez mais a gente possa cobrar isso e esse tipo de coisa/ porque na verdade eu entendo que nós temos que ir por esse caminho// Eu insisti muito nisso no nosso debate no evento/ que o caminho da industrialização/ é um caminho/ pelo menos a médio prazo/ inevitável/ não dá pra gente imaginar que nós vamos fazer uma campanha e dizer pras pessoas/ olha/ passem a consumir o alimento produzido no seu quintal/ as pessoas não vão no quintal// O que nós temos que fazer é nos adaptar a essa realidade/ que é presente/ que nós temos hoje um país que está se desenvolvendo/ está se industrializando e nós temos que tentar adaptar essa indústria a um padrão de qualidade ao invés da gente dizer/ olha/ eu não consumo produtos industrializados/ como você mesmo diz/ esse crescente vem vindo já há 20 anos//</p>
Pioto	<p>Doutor/ muito obrigado pela entrevista aqui a CBN// Bo/, de qualquer forma/ quando a gente fala em obesidade infantil/ o nível hoje piorou/ não piorou doutor?///</p>
Dr. Carlos	<p>Piorou bastante/ nós estamos atingindo o nível ai de uma epidemia de obesidade infantil//</p>
Pioto	<p>E/ uma coisa// voltando na questão do alimento/ é o gosto do brasileiro/ a outra é a indústria que está preocupada em atender o gosto/ claro/ é o negócio/ quer vender mais// É/ o senhor acha que por decreto dá pra se mexer no gosto brasileiro?/// Porque em algum momento eu tenho também que olhar pra questão da saúde pública/ as pessoas gostam mais de doce/ só que eu tenho uma epidemia pelo outro lado// Como é que eu/ digamos/ equilíbrio o gosto brasileiro por coisas mais doces ou muito salgadas e uma necessidade de saúde pública?///</p>
Dr. Carlos	<p>Eu acho que tem dois caminhos// O primeiro deles é a gente trabalhar muito a educação nutricional// No momento que a gente começar a divulgar de uma forma marcante conceitos mesmo na mídia/ na imprensa/ o trabalho como vocês estão fazendo agora/ divulgando esses eventos/ com certeza nós vamos fazer com que as pessoas comecem a pensar que além do gosto/ o alimento também tem outras funções além de dar o prazer de sentir o alimento/ vai ter ai a função de ser uma coisa boa pra saúde// Então as pessoas vão começar a buscar/ esse é um aspecto// Outro aspecto que eu acho que é importantíssimo que a indústria também trabalhe em conjunto// Porque veja bem/ imagine que</p>

	<p>eu tenha 10 fabricantes de biscoito e 8 deles reduzam o teor de açúcar/ mas dois não façam/ provavelmente estes dois vão num primeiro momento vender muito mais/ o que vai desestimular os outros/ Então é preciso também que a sociedade industrial se organize/ no sentido de dizer/ olha/ isso é bom pra nossa população/ então todos nós vamos fazer isso ao mesmo tempo pra que ninguém sai prejudicado nessa concorrência// Eu acho que a ABIA/ por exemplo/ tem um papel importantíssimo nisso no sentido de criar padrões éticos pra eles mesmos né?// A partir de agora todos nós vamos fazer isso// Porque não tenha dúvida que se um fizer e outro não/ quem não fizer num primeiro momento vai estar prejudicado a longo prazo a gente espera que a população passe a exigir um alimento melhor e aí quem não fez fica pra trás/ num primeiro momento não// Essas duas frentes acho que tem que ser feita ao mesmo tempo//</p>
Pioto	<p>É/ uma frente da própria indústria e uma frente da autoridade pública de fiscalizar e determinar novos padrões?//</p>
Dr. Carlos	<p>E de divulgação de conceitos novos/ pra que a pessoa chegue no supermercado e fale/ olha/ eu quero um produto com menos sal e se não tiver na prateleira eu não compro// Então/ eu acho que a pressão da própria população nisso é muito importante/ mas nós precisamos ajudar a população a conhecer esse conceito que nem todo mundo tem/ nem todo mundo sabe o malefício que pode ter um alimento que não tenha fibras/ ou rico em açúcar ou rico em sódio e sal//</p>
Pioto	<p>Falamos com o doutor Carlos Alberto Nogueira de Almeida/ que é da Sociedade de Pediatria de São Paulo e diretor de Nutrologia Pediátrica da Associação Brasileira de Nutrologia//</p>

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Roberto Nonato

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
20/11 - qua	Ciência & Saúde	Prevenção AIDS	Entrevista	SC-E6	06' 51''

Nonato	<p>A gente conversa agora aqui pela CBN/ com o coordenador do programa conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS no Brasil/ o UNAIDS/ isso porque foi publicado um artigo/ na revista New Scientific/ destacando que cientistas de diferentes partes do mundo estão testando uma terapia preventiva cujo objetivo é diminuir o risco de contaminação pelo vírus HIV/ que é o causador da AIDS/ mesmo quando os pacientes têm relações sexuais sem o uso de preservativos//</p> <p>Segundo a revista esse tratamento preventivo chamado de Profilaxia - pré exposição/ prevê que os pacientes tomem apenas uma pílula//</p> <p>Doutor Pedro/ o senhor tem conhecimento já desse experimento ou dessa possibilidade de prevenção?// Boa tarde//</p>
Dr. Pedro	<p>Boa tarde Roberto// sim sim/ já temos conhecimento/ esse estudo já vem sendo conduzido a alguns anos né?/ Inicialmente os estudos foram conduzidos/ estão sendo conduzidos em animais/ em animais há indícios de possível eficácia/ há mais de um ano seguramente nós mantemos ainda resultados que possam nos garantir este método como alternativa pra prevenção da transmissão sexual// Na realidade Roberto/ hoje nós temos uma perspectiva de buscar a vacina num futuro próximo/ nós temos a perspectiva já concreta de prevenção da transmissão do vírus da gestante/ no caso da gestante receptada para seu filho através da profilaxia/ nós temos também já em prática uma coisa semelhante o que seria a terapia pós-exposição/ ou seja/ por exemplo/ um médico/ um paciente no hospital se acidenta com um sangue sabidamente com suspeita infectado pelo HIV e ele é tratado na profilaxia pós-exposição/ ou seja/ a exposição/ possível exposição e tratamento posterior// Ou em caso por exemplo de estupro ou de violência sexual em que a paciente teria em torno de 24h/ 48h até 72h para receber a terapia/ isso é um método já comprovado/ todavia/ esse método que está sendo discutido recentemente ele ainda é bastante incipiente/ não há nada que assegure sua eficácia/ há necessidade efetivamente de estudos mais profundos/ mais demorados e que comprovem efetivamente sua eficácia/ não apenas eficácia e que demonstre que efetivamente seja um método além de seguro/ proteja o paciente de possíveis efeitos colaterais ou evite também a resistência viral//</p>
Nonato	<p>O senhor diria que há mais avanços no que diz respeito à busca por uma vacina do que uma pílula preventiva?//</p>

Dr. Pedro	<p>Não não/ também não/ a vacina apesar dos 25 anos de epidemia/ a vacina ainda continua sendo a esperança/ os estudos infelizmente se mostraram resultados negativos/ ou seja/ a expectativa era uma e realmente a eficácia dos estudos que demonstravam alguma perspectiva positiva não aconteceram e nós estamos numa situação em que a prevenção da transmissão do HIV no caso da transmissão sexual ainda repousa na utilização ou consistente permanente do preservativo/ essa sim é uma forma adequada e a estratégia que significativamente ainda é mais recomendada e a mais aceita do ponto de vista da sua eficácia//</p>
Nonato	<p>Doutor Pedro/ é frustrante chegar às esses 25 anos sem a vacina?//</p>
Dr. Pedro	<p>Asseguro que sim/ eu creio que apesar dos avanços que nós tivemos em relação ao HIV / na realidade a epidemia do HIV e da AIDS revolucionou a ciência médica porque rapidamente/ dois/ três anos descobrimos métodos de diagnóstico e logo se descobriu o vírus/ ou seja/ se isolou o vírus e solucionou bastante/ Agora/ um problema de saúde pública que envolve comportamento humano e comportamento sexual em função disso a dificuldade realmente aumenta e se avoluma a medida que há variáveis/ outras a serem consoladas e que não necessariamente nós dispomos de mecanismos para isso// Agora nos estávamos falando bastante/ seguramente na terapia/ hoje nós temos uma terapia bastante eficaz/ a AIDS que no passado/ há dez/ quinze anos atrás/ era uma sentença de morte hoje pode vir a ser um prenúncio de uma doença crônica/ entretanto não significa que é a cura/ ainda não temos cura/ a prevenção realmente repousa no uso do preservativo e evitar o contato com o vírus/ mas/ eu creio que nos próximos dez anos certamente diante das inovações nas pesquisas que estamos tendo em todo o mundo/ certamente vamos ter alguma novidade/ de novidade positiva do ponto de eficácia// Uma expectativa muito grande em relação a pré-exposição/ a terapia pré-exposicional/ é o microbicida e com isso por exemplo em uma relação sexual vaginal/ a mulher até poderia ficar/ ter independência na sua decisão utilizando o microbicida e tendo relação com preservativo ou em alguma circunstância preservativo e estar se protegendo/ isso é uma circunstância bastante positiva do ponto de vista da autonomia feminina// Diante da situação que vivenciamos em todo o mundo, principalmente no terceiro mundo/ em países em desenvolvimento da desigualdade de gênero/ a autonomia da mulher em relação a prevenção acho fundamental// Também está sendo estudado o microbicida/ infelizmente até agora sem nenhuns resultados bastante promissores//</p>
Nonato	<p>Dr. Pedro / obrigado pela gentileza de atender a CBN/ uma boa tarde ao senhor//</p>
Dr. Pedro	<p>Obrigado Roberto / Boa Tarde//</p>
Nonato	<p>Pedro Chequer é coordenador do programa conjunto das nações unidas sobre HIV/AIDS no Brasil / UNAIDS/ comentando aqui conosco esse artigo publicado na News cientist/ indicando que os cientistas testam a pílula de prevenção à AIDS// É muito insipiente ainda segundo o pesquisador Pedro</p>

	Chequer//
--	-----------

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Roberto Nonato

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
20/11 – qui	Ciência & Saúde	Estação Espacial	Entrevista	SC-E7	06' 52''

Nonato	A gente conversa agora com Ulisses Caposoli/ Doutor em Ciência pela USP/ editor da revista Scientific American Brasil/ já que os países envolvidos na construção da Estação Espacial Internacional celebram hoje os 10 anos do início da montagem da maior estrutura artificial na órbita da Terra/ é o marco inicial desta estação espacial/ pelo lançamento pela Rússia/ do módulo Zarya/ em 20 de novembro de 1998// Ulisses está aqui pra gente falar um pouco a respeito destes 10 anos de ISS/ que é a sigla para Estação Espacial Internacional// Ulisses/ são 10 anos que estão valendo a pena ou nem tanto?//
Dr. Ulisses	Na verdade/ talvez a grande maioria das pessoas não tenha uma percepção muito clara do significado de uma estação espacial/ O fato é que nós chegamos num momento da história/ onde o nosso próximo território assim de exploração/ nosso oceano próximo é o oceano espacial e neste sentido uma estação espacial é como se fosse a primeira ilha que a gente vê da costa/ a primeira saída para o oceano espacial/ isso é de fundamental importância se a gente quiser acompanhar entre outros/ uma quantidade enorme de outras coisas/ na verdade/ coisas fundamentais da Terra/ a Terra tem que ser digamos/ vigiada de fato/ pra que a gente possa acompanhar fatores ambientais/ previsão do tempo/ uma série enorme de serviços// Evidentemente essa também vai ser também uma espécie de escala pra Lua e pra futuras viagens//
Nonato	A gente pode dizer que ainda é um estágio inicial Ulisses/ apesar do 10 anos/ mas 10 anos pra este tipo de acompanhamento/ pra esse tipo de pesquisa também não é muito tempo assim?//
Dr. Ulisses	É muito pouco tempo porque na verdade a exploração do espaço vai exigir esforço da humanidade inteira/ não é um país mais/ como acontecia no começo dos ônibus espaciais/ a antiga União Soviética/ os Estados Unidos// é um empreendimento que vai consumir muita energia/ é um processo bastante complexo e realmente nós estamos no começo/ é muito pouco tempo//
Nonato	Quais serão os benefícios para a humanidade como um todo?//
Dr. Ulisses	Uma quantidade enorme de benefícios/ na verdade você tem a produção de novos medicamentos/ tem produção digamos de uma quantidade enorme de sistemas que podem ser feitos em ambientes de micro gravidade ou de

	<p>ausência de peso// Especialmente do ponto de vista ambiental a gente vai ter resultados bastante significativos/ o mais importante e de longo prazo na verdade é como se a gente tivesse saído do continente e ido pra uma ilha/ é um ponto de lançamento// A estação espacial vamos ter um ensaio geral pra próxima viagem pra Lua agora vão ser viagens/ concluindo o estágio de viagens pra Lua exploratória/ a próxima viagem pra Lua mais significativa vai ter interesse comercial e nesse sentido a Lua vai ser uma espécie de torre intermediária para a conquista de Marte//</p>
Nonato	Ulisses/ o Brasil participa pouco desse evento ou não?//
Dr. Ulisses	Participa muito pouco// O Brasil tinha se comprometido inicialmente a produzir alguns subsistemas da estação espacial/ não fez isso/ na verdade a estação no Brasil é pequena/ não só a estação espacial/ nosso programa espacial lamentavelmente começou junto com o programa espacial da Índia e da China// A Índia tem um satélite agora na Lua/ vai pousar na Lua/ e a China já botou astronautas no espaço/ nós não conseguimos fazer nem um pequeno foguete lançador ainda/ pra lançar satélite de pequeno porte/ então a nossa produção é pequena não só em relação à contribuição na estação espacial/ mas também dentro do nosso próprio programa espacial//
Nonato	Então para aqueles que entendem que são 10 anos de estação espacial sem resultados práticos/ a gente pode dizer que é assim mesmo e que isso é o pontapé inicial pra futuras observações como você frisou lá?//
Dr. Ulisses	Se a gente pensar num paralelo, as viagens portuguesas de conquista para o caminho das Índias/ depois que o Bartolomeu Dias fez a viagem demorou muito tempo para que o Vasco da Gama/ demorou quase 9 anos/ pra que o Vasco da Gama fizesse a primeira viagem// É claro que naquela época as coisas eram muito difíceis/ as embarcações/ as caravelas eram muito lentas/ mas/ na verdade/ nós estamos outra vez num ponto mais ou menos/ nossos sistemas/ os foguetes que temos de reação química são muito primitivos// Na verdade/ esse é um movimento realmente muito lento/ é um movimento muito lento porque é um movimento muito grande/ movimento de deslocamento de populações/ digamos essa questão projetada pra daqui um século/ começo do século XXII/ as coisas certamente serão muito mais significativas/ nós estamos fazendo o movimento agora e esse movimento é lento e ele é poderoso//
Nonato	Ulisses / Obrigado pela gentileza da explicação aqui pro nosso ouvinte / uma boa noite pra você//
Dr. Ulisses	Imagine// Um abraço pra você e uma boa noite para os seus ouvintes// Até mais//
Nonato	Obrigado//

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Sandresa Carvalho

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
22/11 - sáb	Ciência & Saúde	Biotecnologias Rio	Reportagem	SC-R8	03' 27"

OFF 1	<p>A imagem de tecnologia de ponta ligada à área de cura e tratamento de doenças ou a novos métodos de pesquisa sempre esteve associado a pesquisadores e laboratórios estrangeiros// Mas esta realidade está sendo mudada em centros de pesquisas localizados no país/ mais especificamente no Rio de Janeiro// Pesquisadores de instituições localizadas no Estado/ estão cada vez mais realizando descobertas e inovações em áreas nobres do conhecimento humano como por exemplo:/ a pesquisa com a célula-tronco/ uma das grandes esperanças da humanidade para a cura de doenças como mal de Parkinson ou de lesões na medula/ Uma dessas pesquisas está sendo conduzida pelo professor doutor Stevens Rehe/ da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ que desenvolveu uma técnica que aumenta a produção de células-tronco com redução de custos quando comparada com o modelo tradicional//</p>
Sonora Dr. Stevens	<p>Você diminui os custos e aumenta a produção// Nosso protótipo de reatores que você consegue chegar a números muito maiores você consegue em torno de 70 vezes mais células no meu reator do que no cultivo convencional no mesmo espaço de tempo//</p>
OFF 2	<p>Outro exemplo de pesquisa desenvolvida no Estado e que pode salvar vidas é o trabalho do engenheiro químico Tito Lívio Motinho Alves/ que está desenvolvendo a criação de um quita para o uso doméstico que vai permitir o acompanhamento do nível de colesterol no sangue/ prevenindo uma série de doenças//</p>
Sonora Tito	<p>No caso a inovação é que a gente quer produzir uma enzima no Brasil/ então a gente ta trabalhando em pesquisas pra desenvolver métodos de produção mais baratos das enzimas/ portanto/ a gente vai facilitar na redução dos custos das tiras no final do processo// E nossa ideia é fazer uma tira que você não precise de um aparelho/ então só pela cor formada você relaciona com o nível do colesterol//</p>
OFF 3	<p>O projeto do kit tem o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa no Rio de Janeiro/ a Faterj/ que este ano deve destinar cerca de 250 milhões de reais ao apoio e financiamento de pesquisas ou de publicações científicas// Durante o</p>

	<p>ano/ são lançados vários editais com o oferecimento de recursos em várias áreas de produção de conhecimento// Uma ou outra opção para garantir que ideias de novas tecnologias e métodos científicos saiam do papel/ está na Fundação Bio-Rio/ que serve como incubadora de empresas na área de biociência// A fundação que funciona na ilha do Fundão/ na zona norte da capital fluminense/ serve como ponte entre a empresa e o mercado/ tendo na Ufrj uma das parceiras// Por meio da Bio-Rio o empreendedor pode instalar a empresa em uma área da universidade tendo acesso a laboratórios e as equipes encarregadas da parte burocrática da empresa/ segundo explicou o presidente da fundação/ Márcio Fortes//</p>
<p>Sonora Márcio Fortes</p>	<p>A empresa incubada/ na realidade é uma empresa que tem os seus fundadores/ a sua ideia e a parte administrativa/ a parte conceitual/ a parte prática é desenvolvida pela própria Fundação Bio-Rio// Se essa empresa nasce/ ela é incubada/ ela cresce e quando ela está madura ela se muda/ ela vai pro parque tecnológico ou para o galpão industrial//</p>
<p>OFF 4</p>	<p>Para se associar a fundação/ o pesquisador deve encaminhar projeto que será avaliado por um conselho e caso seja aprovado/ ele poderá se instalar em uma sala ou galpão da universidade// Do Rio de Janeiro / Sandresa Carvalho//</p>

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Pioto / Fabiano Andrade

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
28/11 - sex	Meio Ambiente	Inpe Amazônia	Nota com sonora	MA-NS9	02' 08"

Pioto	Fabiano Andrade tem informações agora em Brasília// Oi Fabiano/ boa tarde//
Fabiano	Boa tarde Pioto//Pela primeira vez em 3 anos/ a taxa acumulada do desmatamento da floresta Amazônica encerrará o ano em alta// Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais/ a devastação da floresta atingiu 11mil / 968quilômetros quadrados/ entre agosto de 2007 e agosto de 2008// alta de três virgula oito por cento/ em relação aos anos anteriores// Apesar dessa elevação/ o Ministro do Meio Ambiente/ Carlos Minc/ disse que há uma forte tendência de queda no avanço do desmatamento a partir de 2009/ quando o governo implementará novas políticas de combate a destruição da floresta/ como o Plano Nacional de Mudanças Climáticas com metas rígidas pra conter o desmatamento e uma reunião que o Presidente Lula fará em fevereiro com os 36 prefeitos dos municípios que mais desmatam a floresta// Ainda assim/ Minc diz que não está satisfeito com os dados do Inpe//
Sonora ministro Minc	Com mais gente/ mais portais/ mais medidas restritivas e mais medidas compensatórias vários municípios/ nós esperamos derrubar esses níveis de desmatamento a níveis muito inferiores ao atual// Eu continuo dizendo que mesmo com a queda nos últimos 5 meses detectadas tanto pelo Inpe quanto pelo Imazon nós demoramos/ o desmatamento ainda está muito alto e ele tem que ser reduzido//
Fabiano	Pela primeira vez/ desde a criação do sistema do controle do desmatamento/ o Estado do Maranhão ultrapassou Rondônia/ que ocupa agora o terceiro lugar me unidades da federação com os maiores índices de desmatamento// O ranking é liderado pelo Pará/ com quase a metade de tudo que foi destruído na Amazônia este ano/ cinco mil e 100 quilômetros quadrados// seguido pelo Mato Grosso/ que apesar de uma forte redução da área desmatada desde o início do ano/ ainda contabiliza mais de 3 mil e 200 quilômetros quadrados floresta devastada//Pioto//
Pioto	Muito obrigado// A informação do Fabiano Andrade de Brasília//

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Roberto Nonato / Joice Ribeiro

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
28/11 - sex	Meio Ambiente	Poluentes veículos	Nota	MA-N10	01' 16''

Nonato	A Joice Ribeiro participa aqui do Jornal da CBN com informações de São Paulo// Joice//
Joice	Nonato/ o Ministério Público Federal em São Paulo/ instaurou hoje o inquérito civil público/ para que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente/ o Ibama e as montadoras/ informem o nível de emissão de poluentes por cada veículo fabricado// O inquérito vai apurar também a omissão do Ibama e das empresas // Durante o estudo que baseou o acordo judicial com as montadoras Anfiavia/ Ibama Estado de São Paulo e Agência Nacional do Petróleo/ para o diesel mais limpo a Procuradora da República/ Ana Cristina Bandeira Lins/ constatou que o Ibama não tinha um dado/ um banco de dados públicos que contivesse as emissões de poluentes pelos veículos// A legislação brasileira considera ser direito do consumidor a informação sobre os produtos e os riscos que eles apresentam// A resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente/ também estabelece que não são confidenciais os dados de ensaios de veículos ou motores em produção// Segundo a Procuradoria/ a divulgação desses dados é importante para que o consumidor possa escolher o veículo menos poluente também na hora da compra// Nonato//
Nonato	Obrigado Joice//

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Pioto / Cátia Maia

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
28/11 - sex	Tecnologia	TV Digital	Nota com sonora	T-NS11	01' 30"

Pioto	Em Brasília / Cátia Maia tem informações // Oi Cátia/ boa tarde.
Cátia	Boa tarde Pioto/ o ministro das Comunicações/ Hélio Costa/ criticou hoje a falta de política industrial para popularizar o uso dos conversores para TV digital no Brasil// Ele explicou que a produção dos aparelhos é muito pequena e não atende a demanda do país/ que segundo o ministro/ já alcança 40% da população// Para ele/ há espaço dentro do próprio Governo para reduzir impostos federais como o PIS e a Cofis/ o que segundo o ministro significaria uma redução de trinta por cento no preço atual do conversor/ que custa no modelo mais simples cento e noventa e nove reais// Hélio Costa diz que é preciso atender a necessidade de produzir em grande escala//
Sonora Ministro Hélio	O que que tá faltando?// Ta faltando na verdade uma política industrial capaz de atender a necessidade de se produzir em grande escala o conversor da TV digital popular// Por que ele está sendo produzido/ mas são 100 mil conversores por mês/ a demanda é de mais de 1 milhão/ se tivesse 1 milhão de conversores para vender por preço popular no Brasil/ nós estaríamos vendendo// Lamentavelmente não temos//
Cátia	Na terça-feira/ o ministro se reúne com o presidente do BNDS/ Luciano Coutinho/ para discutir a abertura de novas linhas de financiamento para a produção de conversores digitais// Pioto//

LAUDA RADIOFÔNICA

APRESENTADOR/REPORTER
Tânia Morales

DATA	EDITORIA	RETRANCA	FORMATO	CÓDIGO	TEMPO
22/11 – Sab	Técno-logia	Blog vinil	Entrevista	T-E12	096' 13"

VH Reduzida	Revista CBN// apresentação Tânia Morales//
VH Blogueiros	Blogueiros//
Tânia	A blogueira de hoje/ é a Flávia// Eu não posso falar o sobrenome dela pelo seguinte/ ela é uma bruxa/ ela é a bruxa do vinil// Ela é responsável pelo blog Abracadabra LPs do Brasil/ um blog sobre/ claro/ LPs// Você prefere que eu te chame de Flávia ou de bruxa?//
Bruxa	Como você quiser.
Tânia	Vamos chamar de bruxa fica mais interessante// Bruxa do vinil// muito boa tarde!//
Bruxa	Boa tarde.
Tânia	O blog apresenta discos em vinil né?/ com as capas e também com as faixas/ e todos disponíveis pra download?/ Como é que funciona?//
Bruxa	São todos disponíveis pra download// Embaixo da capa tem um link que você acessa um outro site onde esses arquivos ficam guardados//
Tânia	Você criou o blog há quanto tempo?//
Bruxa	Há dois anos atrás//
Tânia	E como é que você teve essa ideia de disponibilizar LPs num blog?//
Bruxa	Foi uma forma que eu encontrei pra resgatar/ preservar e divulgar essa cultura musical brasileira pras gerações futuras/ e também para aquelas pessoas saudosistas que tinham seus LPs e que com o advento do CD e etc/ não conseguiam mais ouvir essas músicas//
Tânia	E o perfil dos visitantes é justamente o pessoal saudosista?//

Bruxa	<p>Olha/ divido mais ou menos em 3 grandes grupos//</p> <p>O primeiro grupo eu chamo de saudosistas/ que são pessoas que procuram por músicas dos seus antigos discos de vinil/ discos estes que eles não possuem mais/ ou deram/ perderam/ se estragaram e salvo poucas iniciativas/ eles nunca foram relançados em CD// O segundo grupo é formado por um público novo/ os mais jovens/ que através de iniciativas como a minha/ existem outras né?/ têm acesso a esse material// Eles gostam viu, me escrevem muito agradecendo pela oportunidade desse conhecimento e eu fico super-feliz porque acredito que é conhecimento que apura o gosto//</p> <p>O terceiro grupo é formado pelos estudantes de música/ que encontram no blog muito material pra pesquisas/ trabalhos e teses de conclusão e é um grupo que procura demais o blog//</p>
Tânia	Muito bem// E o pessoal que tem no caso ai a classificação dos saudosistas/ eles disponibilizam os LPs para o seu blog?//
Bruxa	Bastante/ bastante//
Tânia	Como é que vocês fazem isso?//
Bruxa	Através da internet/ desses artistas/ eles gravam o CD/ os discos quer dizer/ gravam os discos no original e me mandam ou por e-mail ou por sites de troca/ eu edito/ coloco no formato que eu costumo publicar e ai fica disponível pra quem quiser baixar/ Tem muita gente colaborando//
Tânia	Agora ai entra também uma questão meio polêmica, a coisa de disponibilizar a música pela internet, alguns chamam de pirataria, outros não. Como é que é, houve uma reação por parte dos músicos por causa disso?
Bruxa	<p>Olha/ no meu caso/ a reação foi muito positiva/ muito positiva// Através do blog/ desse trabalho/ eu acabei conhecendo vários músicos/ muitos deles viraram bons amigos/ e até emprestam LPs/ me pedem LPs pra eu converter e colocar no blog// É muito bacana// Acho que eles percebem isso justamente// eu acho que bem pelos critérios que eu uso// O blog não tem qualquer fim lucrativo/ nem propaganda do Google eu coloco/ pra justamente deixar bem claro que não tem fim lucrativo nenhum// Outra coisa/ eu não posso ceder de jeito nenhum/ a não ser CDs independentes/ com autorização expressa do músico// As postagens sempre privilegiam a divulgação dos artistas/ especialmente dos instrumentistas/ arranjadores/ compositores/ através da reprodução desses LPs e também deixo claro que se algum músico tiver alguma objeção/ é só me escrever que imediatamente a postagem é retirada/ uma questão de respeito pelo trabalho alheio né//</p>
Tânia	Mas já aconteceu isso ou não?
Bruxa	Já aconteceu// Porque eu acho assim/ a música é o ganha pão/ é o ganha carro/ é o ganha tudo do artista// Se a minha homenagem é vista pelo artista como violação de direito/ ela perde a razão de existir/ então retiro a postagem mesmo// Aconteceu pouquíssimas vezes/ na grande maioria eu recebo e-mails

	e mensagens agradecendo/ incentivando o blog//
Tânia	É.../ porque você está disponibilizando um material/ que é um material antigo/ é um material em LP/ poucas pessoas compram LP/ não é um material disponível no mercado pras pessoas//
Bruca	É/ e eu gosto muito de frisar/ que meu trabalho é totalmente amador/ eu reproduzo LP tentando me manter sempre o mais fiel possível a gravação original// Tiro os defeitinhos físicos/ não é uma remasterização profissional/ então/ mesmo que esse CD seja lançado/ seja reeditado o LP/ seja reeditado em CD/ a história é bem diferente//
Tânia	Não vai ter aquele barulhinho?/ tem o barulhinho lá daqueles risquinhos que tem no LP?//
Bruca	Eu procuro tirar/ eu faço um trabalho bem artesanal/ eu redesenho/ não costumo usar muitos filtros que é pra não dar aquele som metálico// Eu gosto muito do resultado/ modéstia a parte mas/ nunca é igual a uma remasterização profissional//
Tânia	Bom Flávia/ bruxa do vinil/ que é do blog Abracadabra// quantos discos estão no seu blog/ qual o tamanho do acervo do blog e a partir de que década já dá pra encontra LP disponibilizado no blog?//
Bruca	Olha, você me pegou, eu não sei quantos discos tem// Na parte lateral direita do blog tem toda a listagem do que está publicado e os discos mais antigos são da década de 40// Só que eu tenho maior fixação pelos instrumentais da década de 70 e 80/ acho que os instrumentistas brasileiros eles são muito pouco divulgados e pouco reconhecidos e são monstros da música/ são maravilhosos/ excelentes/ então eu tento me focar nessa linha// Uma outra linha que eu gosto muito também/ são os discos históricos/ eu chamo históricos// Por exemplo/ os discos do Trio Surdina/ que é do comecinho da década de 50/ é um material não divulgado// Quando eu descobri esses LPs/ eu descobri na casa do meu avô/ eram LPs antigos dele/ esquecidos lá no cantinho do armário// Ai eu fiz toda uma pesquisa/ na internet não se achava nada/ falando do Trio Surdina/ ai no fim eu consegui bastante coisa// Hoje você coloca no Google Trio Surdina/ aparece muita coisa no mundo inteiro// Então/ me sinto contente de ter participado da recuperação dessa parte da cultural musical//
Tânia	Flávia/ nossa ouvinte Eliane/ faz duas perguntas pra você:/ por que você se apresenta como bruxa e sobre o desenho da bruxa que você coloca como seu retrato no blog Abracadabra// Onde é que você encontrou esse desenho/ de quem é esse desenho?//

Bruxa	Eu não sei/ esse desenho é um desenho que eu achei na internet/ achei bonitinho e coloquei/ antigamente usava madame Min/ mas daí como é um desenho registrado da Disney eu acabei tirando porque acho que podia dar algum problema legal// E o bruxa é porque eu costumo usar muito a intuição nas coisas que eu faço/ mesmo na edição quando vejo um LP num sebo que não é conhecido vou muito pela intuição// Eu sempre acho que a intuição quando é pro bem/ ela acaba resultando em magias/ coisas vão acontecendo// Então/ na hora que eu fui fazer o blog/ eu falei/ vou colocar alguma coisa de magia/ ai apareceu a ideia da bruxa// Abracadabra/ foi isso//
Tânia	Aliás, nós não colocamos aqui o endereço do seu blog , qual é Flávia ou bruxa//
Bruxa	É www.abracadabra/tracinho/br.blogspot.com // É um nome difícil de lembrar então se você colocar no Google Abracadabra LPs do Brasil/ é o primeiro que aparece// fica mais fácil//
Tânia	Muito obrigada Flávia/ parabéns pelo blog//
Bruxa	Eu que agradeço/ boa tarde//
Tânia	Boa tarde// falamos ai com a Flávia que é a bruxa do vinil// Ela é responsável pelo blog Abracadabra LPs do Brasil/ é um blog de pessoas apaixonadas por LPs//

